

EX-LIBRIS

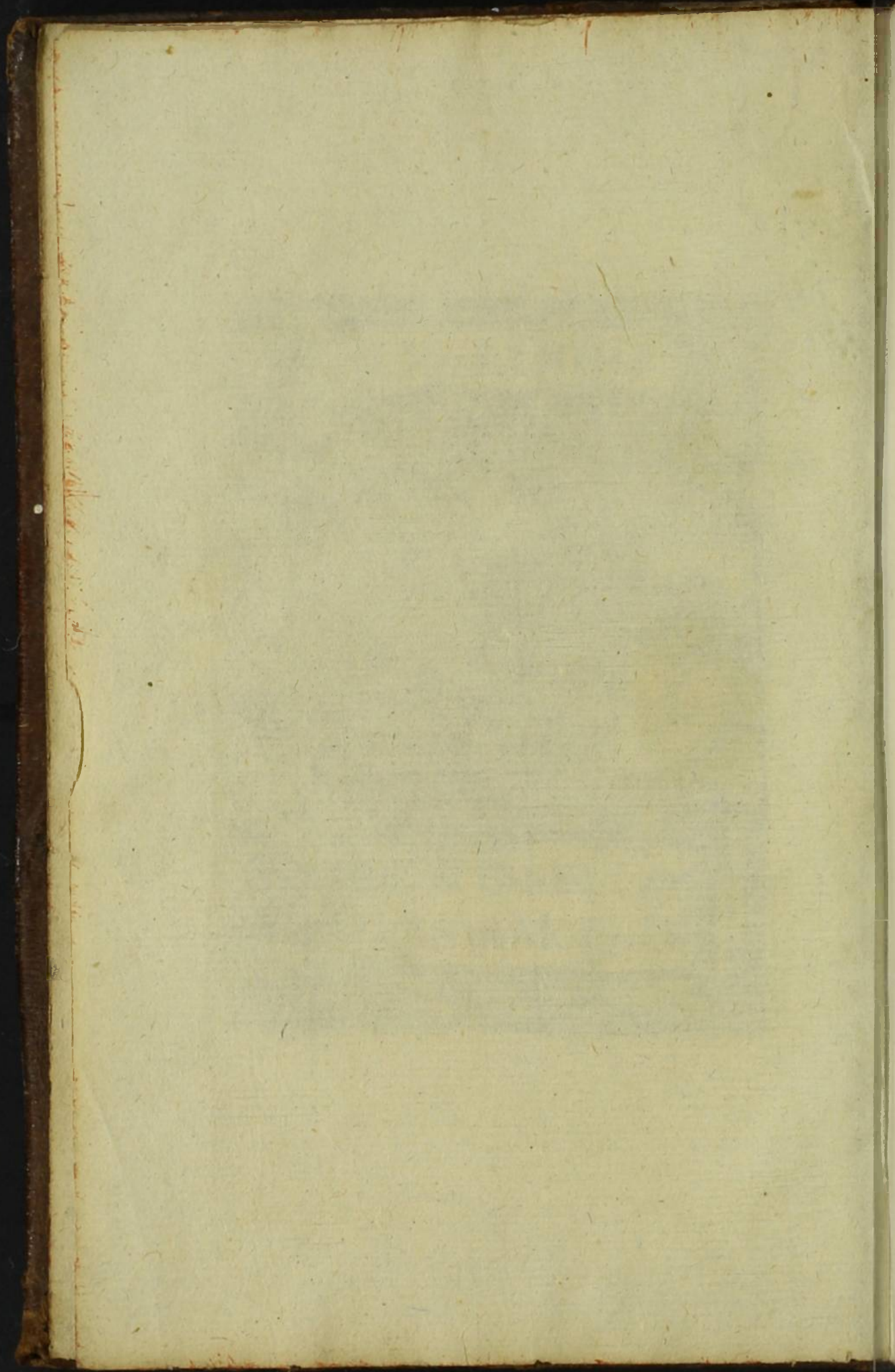


RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

AKSC

W.





ORAÇÕES SAGRADAS  
OFFERECIDAS

A O

SERENISSIMO SENHOR  
D. JOÃO,  
PRINCIPE REGENTE,

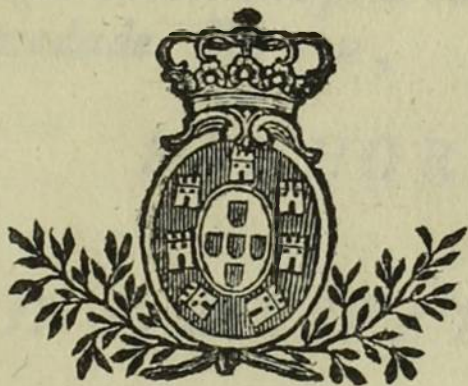
P O R

FR. BENTO DA TRINDADE,

*Religioso Agostinho Descalço, Jubilado, Doutor, e Lente actual de Theologia do Seminario Episcopal de Olinda, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Bispado de Pernambuco, Missionario Apostolico, e Prégador da Real Capella da Bemposta.*

---

T O M O VI.



L I S B O A :

NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.

1817.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

*Legat, qui volet; et interprete-  
tur, ut volet: et, si peccatum in-  
venerit... non irrideat: sed potius,  
si est grandi charitate, fleat ipse  
ad te Patrem omnium fratrum Chri-  
sti tui.*

S. Aug. Confess. lib. 9. 6. 11.

---



LA BIBLIOTECA DE J. M. DE CANTOR.  
1817.  
Com. de la Univ. de Salamanca de España.



SERENISSIMO SENHOR.

**E**ste pequeno volume, que tenho a honra, e humilde ousadia de offercer a V. Alteza Real, contém aquella moral Christã, que V. Alteza Real deseja ver praticar nos seus Estados, e em toda a parte, e que promove com os seus muito edificantes, e persuasivos exemplos; e por isso rogo humildemente a V. Alteza Real se digne acceitallo pela sua muito alta piedade. Eu sou,

SENHOR,

De V. ALTEZA REAL

Humilde Vassallo, e Criado

Fr. Bento da Trindade,





## S E R M ã O

P A R A

O P R I M E I R O D I A  
D O C A R N A V A L ,

Pregado na Igreja do Seminario de Olinda.

*Vade ad populum , et sanctifica illos hodie , et  
cras , et sin parati in diem tertium.**Vai , falla a esse povo , e dize , que se santifi-  
quem hoje , e á manhã , e que estejam prepa-  
rados no terceiro dia.*

Exod. Cap. 19.

**Q**uerendo Deos antigamente dar a sua Divina Lei aos filhos de Israel , preparallos a proseguir a sua marcha á terra de Canaan , e dispôr , e purificar ao mesmo povo para entrar nos caminhos da justiça até o termo feliz de sua peregrinação pelo deserto ; depois de os haver liberrado do cativoiro do Egipto entre prodigios espantosos , fazendo-os passar a pé enxuto entre as ondas do mar ;

precedendo á sua marcha na columna de fogo , e de núvem ; chovendo-lhes o manná para os nutrir no deserto , e tantos outros prodigios , com que os havia protegido : querendo ainda o Senhor dispôr , e preparar a este seu povo amado para novos beneficios , assim para receberem a Lei Santa , como para entrarem nos quarenta dias , que devião preceder á sua publicação ; falla a Moysés , e lhe diz : Vai a esse povo , e faze-o santificar hoje , e á manhã , para estarem dispostos , e preparados no terceiro dia : *Vade ad populum et sanctifica illos hodie, et cras, et sint parati in diem tertium.*

Meu Deus , e Senhor Altissimo , quem dissera , que todo este apparato tão estrondoso , e tão magnifico de prodigios da vossa Omnipotencia se dirigia , não tanto a beneficio dos Hebrêos , como a favor dos Christãos ! Quem dissera , que vós nos tinheis em vista tão de longe para nos favorecer , e nos instruir ! Quem dissera em fim , que vós , Senhor , estaveis prevendo desde en-

tão a mim , a todo este povo , e mesmo estes tres dias , para nos fazer santificar , e preparar para entrarmos dignamente nos quarenta dias futuros de santificação , e penitencia !

Sim , Senhores , tudo , quanto nos santos livros está escrito , diz S. Paulo , he para nossa doutrina ; e tudo quanto Moysés nos diz neste lugar , que citei , se dirige a nós mesmos. A sahida milagrosa dos Hebrêos do Cativeiro representa o nosso livramento da escravidão do peccado. O portentoso transporte daquelle antigo povo entre as ondas do mar figurava a nossa passagem do peccado para a graça pelas aguas do Baptismo. A columna luminosa , que os precedia , para lhes mostrar o caminho para a terra promettida , indicava a brilhante luz do Evangelho , e a palavra de Deos , que dirige os nossos passos á Patria Celestial. O manná , que os nutria no deserto , figurava a Santa Eucharistia , que nos alimenta , e santifica na meza da Communhão. Os quarenta dias , que Moysés jejuou , e commu-

nicou com Deos sobre o monte , representão os quarenta dias da Quaresma , em que devemos jejuar , e comunicar com Deos na oração. Os tres dias finalmente , que precederão aos quarenta , em que Moysés jejuou , e em que o Senhor mandava dispôr , e santificar os Israelistas , se podem bem applicar a estes mesmos tres dias , em que nos devemos dispôr para entrarmos dignamente nesta santa quarentena. Mas como nos devemos dispôr , e preparar nestes tres dias , me perguntareis talvez ? A resposta formará todo o plano do discurso. Estes são dias infelices , que se prostituem , e se perdem no ocio , e passatemplos profanos. Devemos pois santificallos pelo bom uso do tempo , e exercicios Christãos. 1.º Ponto. São dias de iniquidade , e de peccados , devemos logo empregallos nos exercicios da virtude , e obrigações de nossa Religião. 2.º Ponto.

Penetrai , Senhor , o meu coração destas verdades. Fazei-me conhecer , e exercitar a fidelidade , e o amor ,

com que vos devo servir, e desaggravar das offensas, que recebeis nestes dias tenebrosos de desordem, e de peccado. Tocai com a vossa graça o coração dos meus Ouvintes, e penetrai o meu do fogo do vosso amor: *Ne dum aliis predicaverim, ipse reprobus efficiar.*

## P R I N C I P I O.

**N**osso Senhor Jesu Christo, querendo inspirar-nos o justo horror do ocio, e dos passatemplos antichristãos, e indecentes, e persuadir juntamente a obrigação, e necessidade do bom emprego do tempo, nos propõe esta parábola: Hum homem, diz o Senhor, que possuia huma grande vinha, ou herdade, para cuja cultura buscava trabalhadores, vendo no meio da praça certos homens ociosos, e vadios, lhes disse: Para que estais aqui ociosos todo o dia? *Quid hic statis tota die otiosi?* Como querendo dizer-lhes: para que desperdiçais hum tempo tão precioso,

que Deos vos concedeo só para o empregar utilmente no seu serviço, e nas obrigações do vosso estado?

Mas que diria o Senhor, se os tivera visto, não só ociosos, mas entretidos em passatempos profanos, e peccaminosos? e os visse divertidos em espetaculos gentilicos, e contrarios á Santa Religião, e á virtude? Ide, apartai-vos daqui, lhes diria, homens indignos, inuteis, e perniciosos; não escandalizeis com esses criminaes divertimentos aos vossos proximos; escondei ao menos a vossa dissolução. Não tendes vós cousa alguma, em que empregueis utilmente o tempo, que desperdiçais? Não tendes casa, e familia, que educar, e obrigações, que cumprir? Não tendes hum Deos, a quem servir; hum Ceo, a que aspirar; hum inferno, que temer? E hum juizo, que esperar? Ide pois empregar, e trabalhar na minha vinha, e se vos dará o justo premio do trabalho: *Ite et vos in viniam meam, et quod justum fuerit, dabo vobis.* Doutrina Santa, universal, e opportuna



para o auditorio, que me attende, Doutrina, que recolho hoje da boca de Jesu Christo, para vos dizer da sua parte: Povo Christão, que esquecido de Deos, e das obrigações, que vos impõe a sua Lei, prostituís hum tempo tão precioso na ociosidade, e nos divertimentos injustos, que vosso Christianismo vos prohibe: Que triste fatalidade vos aparta dos doces encantos da virtude, para vos entreter, e divertir nos jogos, espectaculos, e divertimentos gentilicos?

E tu, especialmente, preciosa Mocidade, que na applicação ás sciencias, e na educação domestica deste Licêo religioso, fazes a esperança da Patria, para que desperdigas no ocio a mais bella porção de huma vida, que te foge com tanta velocidade, como o mesmo tempo, que perdes? Como ousas dar á inacção, e á preguiça as primicias da razão, e da idade, que pertencem a Deos, que tas concedeo, e pedirá dellas huma conta rigorosa? Para que he preparar no ocio da primeira idade amargos arre-

pendimentos para idade avançada? Ah, Senhores! quando se prostitúe a bella estação da vida, que he a mais propria da innocencia, que podemos esperar da idade mais robusta, e mais propria das paixões? Isto he hum bom acordo, diz o Profeta Jeremias, tomar o jugo da Lei desde a boa mocidade: *Bonum est viro, cum portaverit jugum ab adolescentia sua.* (1)

Mas nós somos ainda moços, me direis, e este amor do descanso, e paixão pelos recreios, he proprio da nossa idade, e se nos deve desculpar, e permittir. Sim até certos limites. Mas as primicias da razão, e da idade são devidas especialmente a Deos, ainda mais, do que as dos fructos da terra; e ahi não ha idade, em que se permitta a desordem. Sei que ha recreios innocentes, que nem a Lei geral, nem a domestica vos prohibe. Mas elle ho-ve meninos, diz a Escritura Santa, e talvez os ha ainda, cujos peccados erão excessivamente grandes na pre-

---

(1) Jerem. Thren. c.

sença do Senhor: *Peccatum puerorum erat grande nimis coram Domino*. Sei que dos meninos he o Reino dos Ceos, e que Jesu Christo os cariciava, e chegava para si; mas isto se entende, e limita só áquelles, cuja innocencia corresponde á sua idade. Sei finalmente, que as Leis da Religião, e da virtude são universaes sem excepção, e que todos devemos ser justos, e virtuosos.

Mas a virtude, e obrigação particular he cumprir cada qual as obrigações do proprio estado; e a preguiça, e ociosidade não he permittida em algum delles. O homem, diz o Espirito Santo, nasceo para o trabalho, bem como a ave nasceo para voar: *Homo nascitur ad laborem, et avis ad volandum*. (1) De maneira que tão natural, e necessario he o trabalho, e o exercicio das faculdades de seu espirito, e de seu corpo ao homem, segundo este oraculo, como á ave os seus vôos. A nossa vida, dizia o San-

---

(1) Job. Cap. 5. v. 7.

to Job, he huma milicia contínua: *Militia est vita hominis super terram* ; (1) devemos logo estar sempre em vigia, em armas, como em campo de batalha, para nos defendermos do inimigo commum, que nos cerca em todo o tempo, diz S. Pedro, como leão rugiente prompto a devorar a presa incauta, e descuidada. Esta obrigação indispensavel de cumprir com o trabalho as obrigações do nosso estado, foi a primitiva Lei, que o Senhor impôz ao primeiro homem logo na sua criação, pondo-o no Paraíso com a obrigação expressa de o cultivar no estado mesmo da innocencia, em que a terra grata ao seu trabalho lho pagava largamente nas suas producções, e suavissimos fructos. Depois de perder a innocencia, lhe deo Deos, e aos seus descendentes em pena do seu peccado a obrigação de trabalhar, e de comer o seu pão como amassado em o suor do seu rosto. Não ha descendente algum deste Pai trabalhador, que

---

(1) Job Cap. 7. v. 1. (1)

possa ser dispensado desta Lei universal. Desde o mais augusto Soberano até o mais humilde, e mais abjecto indivíduo da nossa especie, todos somos destinados ao trabalho, e a empregar o tempo na satisfação das obrigações do nosso estado. Esta mesma Lei suprema não só abrange ao homem, mas a toda a natureza. Tudo, quanto foi creado, está em contínuo movimento. Astros, Esferas, Elementos, plantas, viventes, insensíveis, tudo está em acção, e concorre com o movimento para a boa ordem, e conservação do grande todo. Huma pequena parte d'elle, que ficasse na inacção, transtornaria toda a ordem. As aguas estagnadas, e sem correr, facilmente se corrompem. O ferro sem exercicio se consome na ferrugem. A terra não trabalhada apenas produz espinhos, e arbustos infrutiferos: e o homem na ociosidade se desordena, e se perde.

Sansão em quanto foi laborioso; obrou prodigios de valor, e fortaleza; poucos momentos de ocio nos braços

de sua amada , o fizeram desgraçado. David em quanto se exercitou na guerra , foi sempre victorioso ; entregou-se ao descanso : e se precipitou em mil desordens. Salomão em quanto se applicou á sabedoria , foi o mais feliz , e glorioso dos Monarcas ; abandonou-se á sensualidade , e á preguiça , e ei-lo ahi perdendo toda a sua gloria , abandonando ao seu Deus , adoptando a idolatria , e com ella todos os vicios , desordens , e desgraças. Ah , Senhores ! quantos á imitação destes vemos tornarem-se inuteis , estupidos , e desgraçados por sua ociosidade ! Quantos talentos inuteis , e desperdiçados ! Quantos , que por suas applicações podião ser uteis á Patria , á Igreja , ao Estado , ao Sacerdocio , e a si mesmos , se achão no fim de seus dias vãos , ignorantes , insensatos , despreziveis , e desprezados !

Homens desta natureza vivem só para escandalo , e opprobrio do resto da humanidade : ou melhor : elles não vivem verdadeiramente ; durão apenas , e vegetão , como as plantas

inuteis, e infructíferas, ou como a figueira amaldiçoada do Evangelho, por não produzir os fructos, que se devião esperar da sua especie. Elles acabão em fim, como se não tivessem vivido, e morrem sem fazer falta, como se nunca existissem: *Perierunt quasi qui non fuerint, et nati sunt quasi non nati.* (1) Seus dias vãos, e inuteis não se lhes levão em conta, senão para o seu castigo; não enchêrão o número, nem ametade delle: *Iniqui non dimidiabunt dies suos.* (2) Em quanto os virtuosos, que empregárão utilmente o seu tempo, terão os seus dias cheios: *Dies pleni invenientur in eis.* (3) Oh bemaventurado aquelle, que pelo trabalho competente ao seu estado procura viver honestamente! *Labores manuum tuarum, quia manducabis, beatus es, et bene tibi erit.* (4) Feliz, e abençoada aquella, que não come o

Tom. VI.

B

(1) Ecel. Cap. 44. v. 9.

(2) Psal. 54. v. 24.

(3) Psal. 72. v. 10.

(4) Psal. 127. v. 2.

pão na ociosidade: *Panem ociosa non comedit.* (1)

Renunciemos pois a todo o ocio tão pernicioso, e tão contrario á nossa felicidade, e á nossa obrigação. Façamos hum bom uso do tempo, empregando-o bem, em quanto Deos no-lo concede: *Dum tempus habemus, operemur bonum.* (2) Exercitemo-nos em fim na prática das virtudes, para desaggravar a Deos das muitas offensas, que recebe nestes dias.

## 2.<sup>a</sup> P A R T E.

**A**inda que todos os dias, e momentos da nossa vida nos sejam dados para os santificar ao Supremo Senhor, que os concede, e que, á imitação de David, devamos servir, e bem dizer a Deos em todo o tempo, ha com tudo alguns dias, em que o devemos praticar com mais fervor, entregando-nos mais effizamente aos Santos exercicios da Reli-

---

(1) Proverb. Cap. 31. v. 27.

(2) Ad Galat. Cap. 6. v. 10.



gião , e boas obras ; e taes são com muita especialidade estes tres dias. E porque ! Porque nelles os vicios , e as desordens grassão com maior imperio , e tyrannia ; os peccados se multiplicão , as virtudes se desprezão , os perigos se augmentão , a innocencia se arrisca , e Deos he mais offendido do que em outro algum tempo. Cumpre pois ao verdadeiro Christão desaggravar tanto mais fielmente a Jesu Christo , quanto elle he mais offendido ; declarar tanto mais pela virtude , quanto ella he mais combatida , e resistir tanto mais ao demônio , quanto elle mais prevalece , e tyranniza. He necessario reclamar os direitos da innocencia combatida , e da Religião abandonada : he mister evitar a dissipação pelo recolhimento , a desenvoltura pela modestia , e os escandalos em fim pelos bons exemplos.

Estamos em fim , dizia Mathathias vendo a triste assolação da sua Patria , estamos nos dias calamitosos de indignação , e de prevericações , e de escandalos , em que a so-

berba, e a impiedade triunfão, e os castigos estão imminentes sobre nós: *Nunc confortata est superbia, et castigatio, et tempus eversionis, et ira indignationis.* (1) Dias de abominação, e de peccados, em que a malicia procura abolir entre nós todo o resto de Religião, e de virtude. As cousas mais santas são prostituidas, e profanadas: *Sancta nostra, ... et claritas nostra desolata est.* Não imiteis o seu exemplo, nem attendais ás suas persuasões. Armavos de fortaleza, e de zelo pela causa do Senhor, e pela sua santa Lei: *Emulatores estote Legis.* Eis-aqui, Senhores, humia imagem fiel, e verdadeira da nossa situação, e do nosso estado neste Triduo. O demonio nos faz agora humia guerra mais violenta, do que em outro qualquer tempo. Sabendo que vamos a entrar nos dias de penitencia, e de salvação, em que devemos sabir da sua escravidão, e tyrannia, emprega todos os seus esforços para nos reter, e fechar

---

(1) Macab. Cap. 2.

todas as portas á nossa evasão , e livramento. Arma de seus artificios aos ímpios , e máos Christãos , para nos atacar , e nos vencer. Aproveita-se do nosso descuido : quer arrogar a si dias , em que seja obedecido , antes que Deos seja desaggravado , e servido na quarentena futura de reconciliação , e penitencia.

Ai de nós , Christãos Ouvintes ! Este inimigo de Deos , e de suas creaturas consegue tristemente em nosso damno os seus infernaes intentos. Nós nos sujeitamos a elle sem alguma resistencia , e lhe poupamos ainda o trabalho de nos tentar , e combater , entregando nos voluntariamente á sua discricão. Elle triunfa em fim , e nos arrasta ligados a seu carro triunfal ; e nós nos alegramos ainda da nossa triste desfeita , e da sua victoria sobre nós ! Estamos miseravelmente no seu infame cativeiro ; e nos divertimos , e alegramos na nossa escravidão ! Que desacordo ! que cegueira ! Alegrai-vos , dizião os Genticos aos Hebrêos cativos em Baby-

lonia, alegrai-vos, tocai as vossas citharas, e sonoros instrumentos, e cantai os vossos hymnos, e a letra dos canticos da vossa terra: *Cantate nobis canticum de canticis Sion.* (1)

Ah! e como poderemos nós, respondem elles tristes, e magoados; como poderemos alegrar-nos no meio de nossa miseria, e cativoiro? Como poderemos expatriados, cativos, e afflictos cantar os Canticos de Sião na terra alheia? *Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena.* (2)

Deixai-nos antes chorar á vista do triste estado do nosso povo, e suspender nos ramos dos salgueiros, que assombrão as margens dos rios de Babylonia, os nossos órgãos rotos, e desafinados: *In salicibus ejus suspendimus organa nostra.* (3) Não he este o tempo proprio para nos alegrar, e divertir. Ah! Quando nos vemos sujeitos a hum dominio estranho; desertos os nossos lares, es-

---

(1) Psal. 136. v. 3.

(2) Ubi supr.

(3) Ibi.

quecida a nossa Lei; suspensos os nossos sacrificios, solitario, e demolido o nosso Templo, e desprezado o nosso Deus: quando não venho mais, do que espectaculos profanos, ritos todos gentilicos, e costumes contrarios aos que nos transfundirão nossos Pais; como nos poderemos alegrar? Não, não; os suspiros, e os gemidos devem ser os nossos Canticos, as lagrimas nosso alimento, e a saudade, e esperança de vermos a nossa Patria toda a nossa occupação.

Senhores, que opportuno exemplo para imitarmos! Como tratamos de recreios injustos, e intempestivos nos dias, em que a Lei de Deus se vê mais desprezada, o Senhor mais ultrajado? Ai de vós, diz o Senhor, os que agora rides, e folgais, porque chorareis ao depois, e pagareis muito caro os poucos momentos de fugitivo prazer com largos tempos de pranto, e de amargura: *Væ vobis, qui ridetis nunc, quia flebitis.* (1) A

---

(1) Luc. Cap. 6. v. 25.

vossa alegria, e riso, diz S. Tiago Apostolo, se vos converterá em luto, e esses divertimentos, e prazeres em tristeza: *Risus in luctum convertetur, et gaudium in marerem.* (1) Evitemos pois os effeitos destes terríveis ameaços. Alegremo-nos só em Deos com os seus Justos, sirvamo-lo com alegria, como nos exhorta o Profeta; mas não nos alegremos impiamente no meio da desordem destes dias. Não queiramos entrar no tempo de salvação por dias de iniquidade. Não nos abandonemos aos excessos de comidas, e bebidas: *Non in comessionibus, et ebrietatibus,* (2) não nos occupemos em altercações, em contendias, e práticas vans, e ociosas: *Non in contentione, et emulatione,* nem tão pouco em desenvolturas, indecencias, e impureza: *Non in cubilibus, et impudicitiiis.* Recorramos antes ao recolhimento, e oração, porque estamos em fim nos dias de preparação para a penitencia,

---

(1) Ep. Jacob. 4. 9.

(2) Ad Roman. Cap. 13. v. 13.

e para que , seguindo os caminhos da justiça , chegemos ao termo feliz de nossa peregrinação.

Que he isto , dizia Moysés ao Sacerdote Aarão , quando , descendo do monte com as táboas da Lei, achou o povo idolatrando em danças , e festins gentilicos ; que he isto , que fizeste ? que mal te fez este povo , para o induzires a hum peccado tão grande ? *Quid tibi fecit populus iste , ut induceres super eum peccatum maximum ?* (1) Como querendo dizer-lhe : quando os devias dispôr , para receberem a Lei Santa , e os grandes beneficios do Senhor ; quando os devias exhortar á penitencia, então consentes , que se abandonem á idolatria, e aos ritos , e festejos dos Gentios ? Ah ! que mal te havia feito o povo , para lhe permittires tanta deprevação , e tanta impiedade ? *Quid tibi fecit populus iste , ut induceres super eum peccatum maximum ?*

E com effeito , Senhores , póde

---

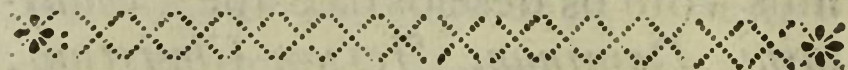
(1) Exod. Cap. 32. v. 21.

haver maior incoherencia , e desordem , do que dispôr-nos a entrar na penitencia pelo caminho do peccado ? querer reconciliar-nos com Deos por meio da sua offensa ? Hoje adoptar ritos gentilicos , e logo exercitar as ceremonias Christãs ? Agora permittir-nos o excesso da comida , para depois praticarmos o jejum ? Neste Triduo seguir a dissolução , depois cubrir-nos de cinza ? Ah ! que triumpho para os ímpios ! e que motivo para excitar as suas irrisões , e as suas invectivas contra nós ! Que mistura tão ridicula , dirão elles , de superstição , e de piedade ! Que povo tão incoherente , e desprezível ! Qual he pois a sua Religião ! e quanto desmentem com as obras o que confessão nas palavras ! Ah ! Christãos , evitemos estas merecidas censuras , e este grande opprobrio de nosso Christianismo. Tiremos esta pedra de escandalo ; renunciemos o criminal abuso , e desordem destes dias ; dispamo-nos destes tristes prejuizos ; vistamo-nos da graça de Jesu Christo ; e não contemporize-



mos com os desejos da carne : *Indui-  
mini Dominum Jesum Christum,  
et carnis curam ne feceritis in desi-  
deriis.*

Disse.



DISCURSOS MORAES  
 PARA AS SEIS TARDES  
 D A S  
 DOMINGAS DA QUARESMA,  
 Prégados na Igreja do Seminario de  
 Olinda.

---

DISCURSO I.

*Sobre o conhecimento de Deos.*

Quis est Omnipotens, ut serviemus ei?

Quem he Deos, para o servirmos?

Jób. C. 21. v. 15.

**H**Um Creador Omnipotente, cuja existencia, e grandeza he vivamente retratada em todas as creaturas: hum Deos por si mesmo existente, e glorioso, cujo conhecimento, e noticia se insinúa profundamente em as nossa almas: hum Deos principio, e fim de nosso ser, luz do nos-

so entendimento, centro do nosso coração, bemaventurança da nossa alma, que se nos faz perceptivel em todos os objectos, que nos cercão, e nos chamão para elle: hum Deos Creador, Conservador, Legislador Universal, Arbitro Supremo dos destinos; Premiador da virtude, Vingador da iniquidade, rectissimo em seus juizos, summamente amavel nas suas perfeições, fiel nas suas promessas, liberal nas suas recompensas, terrivel nos seus castigos, providentissimo, santissimo em todas as suas obras: hum Ente Supremo, Increado, Immortal, Independente, Infinito, Glorioso, Perfeitissimo, que se nos faz conhecer pelo testemunho universal da natureza, e pelo grito da nossa alma naturalmente Christã neste artigo, segundo a expressão de Tertulliano: hum Deos em fim, como he o nosso Deos, póde elle ser desconhecido pelo mesmo homem, que creou, e sobre quem imprimio o lume de seu semblante, e a imagem de seu ser?

Com tudo, Senhores, os ímpios, diz meu Padre Santo Agostinho, os ímpios, que querem viver segundo as suas paixões, e que estimariam que não houvesse hum Deos, que os podesse constranger, e castigar de seus delictos, affectão desconhecello, e perguntão temerarios, como aquellos, de que falla o Santo Job: Quem he cá este Deos Omnipotente, para o devermos servir? *Quis est Omnipotens, ut serviamus ei?* Insensatos desgraçados! podeis vós desconhecer o vosso mesmo Creador? A grandeza de seus dons, e a perfeição de suas obras não bastão para instruir-vos de sua necessaria existencia, e das suas perfeições? Pela especie, e creatura, como diz o Espirito Santo, não pôde bem conhecer-se o Creador, e os invisiveis de Deos por tantos entes visiveis? Ah! elle se insinúa bem no nosso espirito. Não está longe de nós, diz o Apostolo, pois que *nelle e por elle existimos, e vivemos.* (1) Ide con-

---

(1) Ad Eph. C. 2. v. 13. Act. Apost. C. 17. v. 27.

sultar a toda a terra , e a toda a natureza , e tudo vos fallará em seu obsequio. Os Ceos publicão altamente a sua gloria , os astros o annuncião pelas linguas de seus raios. Hum dia o revela a outro dia , e huma noite á outra noite. Mas para vos dar alguma idéa deste Senhor Omnipotente , que pede os nossos sacrificios , contemplai hoje comigo as suas Divinas perfeições , e as nossas indispensaveis obrigações para com elle. He hum Deos de eterna verdade , a quem devemos conhecer ; hum Ente Supremo perfeitissimo , que devemos contemplar ; hum Senhor Universal , a quem devemos servir ; huma Bondade infinita , a quem devemos amar ; huma Santidade summa , a quem devemos louvar ; huma Felicidade eterna , de que devemos gozar. Eis-aqui o que he o nosso Senhor, o nosso Deos Maximo , Optimo , Santissimo, Gloriosissimo , a quem devemos em consequencia destas infinitas perfeições conhecer , servir , amar , louvar e gozar eternamente.

Aqui tendes as importantissimas verdades, que eu desejo persuadir-vos nos successivos Discursos, com que pertendo affervorar nestas seis tardes dos Domingos a vossa devoção, e piedade. Formando pois, como já disse, a divisão dos meus Discursos; no 1.<sup>o</sup> tratarei o conhecimento de Deos: no 2.<sup>o</sup> as perfeições, e attributos de Deos: no 3.<sup>o</sup> o serviço de Deos: no 4.<sup>o</sup> o amor de Deos: no 5.<sup>o</sup> o culto de Deos: no 6.<sup>o</sup> a gloria de Deos.

Não necessitais, graças ao meu Deos, não necessitais, que eu vos diga quanto he grande, sublime, e interessante o argumento, que se trata, nem que eu vos peça para elle attenção. O Deos, de quem eu vos fallo, a merece infinitamente por si mesmo; e a vossa grande piedade me abona muito mais, do que posso pertender. Queira o Ceo propicio, e flexivel aos meus votos, supprir com a sua illustração o que falta ás minhas luzes. O' Luz, Soberana Luz, Divino fogo, vinde, illuminaí, e

purificai o meu miseravel coração. Eu vos chamo, eu vos desejo, e vos imploro com todas as minhas forças. Nada posso, bem o sei, sem ter o vosso soccorro; mas tudo poderei com elle. Eu me entrego todo aos vossos movimentos. Encaminhai-me, Divina Luz, guiai-me, fiel conductora de minha alma; abri-me o Sanctuario da Santidade Divina; mostrai-me a Suprema Divindade, de quem pertendo fallar.

Descançai entretanto tristemente no seio fatal dos vossos vicios, desgraçados peccadores, que temeis ouvir a palavra do Senhor, por não ver a vossa pintura; podeis ouvir-me sem susto. Não venho fallar de vós. Vicios, e peccados dominantes; continuai a tyrannizar os vossos tristes captivos; eu me não atrevo a combater-vos: o vosso partido he excessivamente grande; não posso prevalecer. E vós, amaveis virtudes, bellissima emanção da Santidade Divina, ornamento preciosissimo das almas boas, deixai-vos ficar ainda na

vossa solidão, e esquecimento: perdoai o meu silencio. Eu gritaria em vão, se quizesse persuadir os vossos doces encantos. O mundo quasi que vos não conhece já; nem soffreria talvez, que eu fallasse de vós. Venho só fallar de Deos, elle he todo o meu assumpto, elle seja o meu auxilio.

### P R I N C I P I O.

**Q**uem he Deos! Esta he a primeira pergunta, que se faz a hum menino Christão. Mas a sua resposta he tão difficil, que já mais se poderá dar completamente. O conhecimento de Deos he huma sciencia tão vasta, tão ampla, e tão sublime, que ella só abrange, sobrepoja, e absorve todos os conhecimentos; e só contemplada simplesmente he huma sabedoria consummada: *Cogitare de illa sensus est consummatus.* (1) Todos os mais co-

---

(1) Sapient. C. 6. v. 16.



nhhecimento das sciencias naturaes são tributarios de respeito , e sujeição a esta sua Soberana. Aquellas são as sciencias do mundo, e do tempo; esta he sciencia do Ceo, e da Eternidade. Os mais conhecimentos formão a sciencia dos homens; o conhecimento de Deos faz a sciencia dos Anjos, dos Bemaventurados, de Deos mesmo; tanto mais superior ás mais sciencias, quanto Deos, a quem contempla, he superior a tudo, quanto creou. Os mais conhecimentos naturaes podem fazer no seu máo uso a nossa condemnação; o conhecimento de Deos he a mesma vida eterna: *Hæc est vita æterna, ut cognoscant et solum Deum.* (1)

Esta he aquella sublime Sabedoria, que o Espirito Santo nos pinta *clara, luminosa, immarcessivel.* (2) Emanação da claridade de Deos, brilhantissimo candor da Luz Eterna, espelho da bondade do Altissi-

C 2

---

(1) Evang. Joan C. 17. v. 3.

(2) Sap. C. 16. v. 13.

mo. Esta he aquella sublime, é sancta Filosofia, em cuja indagação se santificarão, e salvarão os Justos desde do principio do mundo: *Per sapientiam sanati sunt, qui placuerunt Domino ab initio.* (1) Este conhecimento de Deos, esta sciencia celeste foi a que purificou de seu delicto ao nosso primeiro Pai: *Hæc illum, qui primus a Deo formatus est, eduxit a delicto suo.* (2) Este conhecimento, e altissima sciencia, prosegue o Espirito Santo, foi que livrou a Noé da submersão universal; que illuminou a José no cativeiro, e no carcere, até lhe dar e sceptro, e o poder soberano; que libertou ao Povo antigo da hostilidade das Nações, que o deprimião. (3) Este conhecimento de Deos foi quem conduzio aos Justos pelos caminhos direitos da virtude, que lhes mostrou o Reino de Deos, e communicou a Sabedoria dos Santos: *Iustum dedu-*

---

(1) Sap. C. 9. v. 19.

(2) Ubi. sup.

(3) Ibi,

*xit sapientia per vias rectas, et ostendit ille regnum Dei, et dedit illi scienciam Sanctorum. (1)*

Premunidos desta Sciencia Divina os Apostolos correm intrépidos, e animados de hum a outro pólo a prégar o Evangelho, instruem todas as gentes, dissipão todos os erros, convencem aos incrédulos, confundem as seitas dos Filósofos, fazem abandonar o portico, fechar as portas do Licêo, e despovoar o Areopágo. Com estas armas de luz, e noções da Divindade os Sábios, e os Doutores da Igreja, luminosos faróes do mundo inteiro, os Irenêos, os Justinos, os Tertullianos, Origenes, Cyprianos, Ambrosios, Agostinhos, e os mais sustentarão a fé contra os seus inimigos, e a defendêrão contra todos os combates. Confundirão os Hereges, e fizerão triunfar por tudo a Religião, e a verdade.

Taes são, Senhores, os triunfos espantosos do conhecimento de Deos. Que conhecimento tão util, tão san-

---

(1) Sap. C. 10. v. 19.

to, tão glorioso? Que sciencia tão sublime, tão vasta, e tão amavel! Vós, Christãos, a quereis sem dúvida conhecer, e possuir, e me parece, que me estais dizendo, que vos mostre os seus principios, e vos diga: Quem he Deos? Mas que posso eu dizer-vos? Perguntai-o ao mesmo Senhor, e vos dirá, como a Moysés: *Ego sum, qui sum.* (1) Eu sou aquelle, que sou; isto he, eu sou o Senhor unico, necessario, glorioso, independente, que tenho de mim mesmo a existencia, e plenitude do ser. Tudo o mais quanto existe, he contingente, e limitado, podia deixar, e deixaria eternamente de ser, se eu lhe não dêsse a existencia. Eu sou pela Essencia necessaria de meu ser, Eterno, infinito, Incomprehensivel: *Ego sum, qui sum.* Perguntai-o áquelle mais amado Evangelista, que bebo no seio do Senhor torrentes da Sabedoria Divina; elle vos responderá, que o Senhor he *o Soberano dos Reis, e o*

---

(1) Exod C. 3.

Senhor dos Senhores, (1) e que foi, he, e ha de ser Omnipotente: *Qui est, et qui erat, futurus est Omnipotens*. Perguntai-o a S. Paulo, e vos dirá, que o Senhor he o Deos da paz, e do amor, *Pai das misericordias, e Deos de consolação*, (2) que nos tem amado sempre, e que nos deo a seu Filho, e nelle todos os bens; que nos lavou em seu Sangue, que nos adoptou por Filhos, e herdeiros de seu Reino. (3) Perguntai-o a Moysés, e elle vos responderá, que o Senhor foi que creou o Ceo, a terra, os abysmos, e tudo quanto habita nelles. (4) Perguntai-o a David, e vos dirá, que o Senhor he o Deos forte, e poderoso, Arbitro Supremo dos successos, Deos, e Senhor dos exercitos, Deos de misericordia, e de paz, (5) Deos de zelos, e vinganças, que *fórma da luz o seu vestido*, que faz das nuvens os

---

(1) Apocalyp.

(2) 2. ad Corinth. C. 10. §. 3.

(3) Ad Rom. C. 8. §. 17.

(4) Genesis. C. 1.

(5) Psalm. 23. §.

degrãos de sua exaltação, que anda sobre as azas dos ventos. (1)

Elle vos fará conhecer a sua magnificencia, e grandeza, a sua gloria, e Magestade, a sua Omnipotencia, Sabedoria, ternura, bondade, as suas perfeições, e todos os seus Divinos attributos. Perguntai aos Profetas, e vos dirão, que elle he hum Deos de Verdade, Deos de Sabedoria, e de Conselho. Perguntai á Igreja, que he a columna, e firmamento da verdade, e vos dirá, que Deos he hum Senhor unico, supremo, altissimo, universal, que tudo creou, tudo conserva, tudo pôde, tudo conhece, tudo vê, tudo domina. Que he ao mesmo tempo Pai, Amigo, Bemfeitor, Juiz, Premiador, Vingador. Mas Pai o mais amante, e mais amavel; Amigo o mais terno, o mais constante; Bemfeitor o mais liberal, e generoso; Juiz o mais justo, e mais severo; Premiador o mais magnifico; Vingador o mais terrivel, e a quem se não pôde offender im-

---

(1) Psalm. 103. v. 3.

punemente. Hum Deos , que para premiar a quem o serve , tem recompensas eternas , e para castigar a quem o offende , tem a suprema ordem por lei , sua gloria por motivo , a sua palavra por abono , a sua omnipotencia por força , a sua eternidade por medida , os seus Anjos por Ministros , os Demonios por algozes , os infernos por cárceres , eternos tormentos por supplicios. Hum Deos , a cujas vistas penetrantes nos não podemos esconder , de cujas mãos invenciveis não podemos escapar , cuja sentença decisiva não podemos evitar , e cujo eterno castigo não poderemos soffrer. Hum Deos ... Mas em fim a imaginação se esgota , as idéas se confudem , as expressões me faltão , e só o terror , e a confusão , me restão. Ai de mim ! Como me atrevi temerario a offender a hum Deos tão poderoso , a hum Senhor tão respeitavel , a hum Pai tão amoroso , a hum Amigo tão terno , a hum Bemfeitor tão generoso , a hum Juiz tão severo ? Como me pude atrever

a desobedecer ás suas ordens , perder a sua amizade , renunciar a sua gloria , entregar-me aos seus castigos , e subscrever a minha condemnação? Eu que me achava tão feliz na sua protecção , e amizade ! Eu , que lhe devia tanto , e lhe era tão obrigado ! Eu , que tinha tanto interesse em o amar , e servir ! Eu , que era tão estimado , e querido da sua ternura , e bondade ! Ah ! quanto eu era miseravel , insensato ! Eu não conheci ( desgraçado ) aquelle , a quem offendia. A minha extrema miseria nesceo de o não conhecer.

Oh ! se eu o tivera conhecido ! que differente seria a minha sorte ! quanto o tivera servido , quanto o tivera amado ! Oh ! se o mundo o conhecêra ! mas elle o não conheceo : *Mundus eum non congnovit.* (1) Eis-aqui toda a causa de suas grandes desordens. O seu mesmo antigo Povo , o seu amado Israel o não quiz reconhecer ; e este foi o motivo de sua reprovação : *Populus meus non*

---

(1) Evang. Joan. C, 1.



*cognovit , et Israel non intellexit.*  
Todos, quantos o offendêrão, não o tinham conhecido: a sua malicia os cegou, e não quizerão conhecer o que respeitava a Deos: *Excæcavit illos malitia illorum, et nescierunt Sacramenta Dei.* (1) Os seus mais raivosos inimigos, os seus mais cruéis algozes, bem longe de o crucificar, o terião adorado, se o tivessem conhecido: *Si cognovissent, nunquam Dominum gloriæ crucifixissent.* (2)

Pelo contrario, todos os que se convertêrão, e o servirão fielmente, foi porque o conhecêrão. A' proporção do seu conhecimento crescia o seu amor para com elle. Vêde a humma Magdalena, como se humilha, como chora aos pés de Jesu Christo, como se inflamma, como arde no amor de Deos! Que foi isto? Quem obrou tão prodigiosa mudança? Quem? O conhecimento de Deos,

---

(1) Sap. C. 2. v. 22.

(2) 1. ad Corinth. C. 2. v. 37.

a quem offendêra : *Ut cognovit* ; (1) logo que o conheceo , não foi necessario mais , logo se arrependeo , logo o amou , e amou muito : *Dilexit multum*. Contemplai a hum S. Pedro , chorando amargamente , arrependido de ser negado ao seu Divino Mestre ; procurai a origem de seu grande arrependimento. O bom Mestre se lhe faz ver , e conhecer : *Respexit Petrum*. (2) Lembrou-se do que o Senhor lhe tinha dito : *Recordatus est Petrus verbi Domini*. Isto bastou , nem foi necessario mais , para chorar o seu peccado : *Flevit amare*. Segui na sua rapida carreira a hum Saulo no maior feror de sua perseguição contra os Christãos. Huma luz celestial o céga , o faz cahir ; aterrado , e confuso ouve huma voz do Ceo , que lhe diz : Saulo , porque me persegues ? ..  
 .... *quis es Domine* ..... *ego sum Jesus* ..... *quid me vis facere* ?  
 (3) Ah , Senhor ! e quem sois vós ,

---

(1) S. Luc. C. 7. v. 37.

(2) Math. C. 26. v. 75.

(3) Act. Apost. C. 9.

que me fallais ? Eu sou Jesus, a quem persegues. Senhor, eis-me aqui prostrado, convencido, e arrependido do meu erro. Eu não sabia contra quem me rebellava : já conheço o meu erro. Que quereis, Senhor, que eu faça ? estou prompto a obedecer-vos : *Domine, quid me vis facere ?* Vêde a hum Santo Agostinho meu Padre, que viva dor o penetra de ter conhecido tão tarde a Deos : Ah que tarde vos conheci, Formosura tão nova, e tão antiga ! *Sero te cognovi, pulchritudo tam nova, tam antiqua !* infeliz tempo, em que te não conheci, e contemplei. Aonde estava eu, meu Deos, quando não me lembrava, e não pensava em vós ? Oh ! se vos tivesse conhecido, se o mundo vos conhecesse ! Toda a sua miseria, e desgraça vem de não vos conhecer, e contemplar.

E com effeito, Senhores, toda a nossa infelicidade, e toda a nossa desgraça procede de não querermos conhecer, e contemplar a Deos. O

Senhor não seria offendido, se elle fosse contemplado. Se o mundo tem infieis, que o não adorão, hereges, que o não crêm, inimigos, que o blasfemão, incrédulos, que o rejeitão, peccadores, que o offendem, não procureis outra causa desta deploravel desgraça; he porque o não querem contemplar, e conhecer. A sua ignorancia neste ponto faz toda a sua malicia, e desgraça. Sim, miseraveis incrédulos, vós não combateis com tanta raiva a Santa Religião; não impugnarieis seus Dogmas, e seus preceitos com tanta pertinacia, e tanto odio, se vós conhecesseis o mesmo, que rejeitais: vós blasfemais o mesmo, que desconheceis por vossa culpa: *Quaecumque ignorant, blasphemant*. Estudai de boa fé as próvas, e fundamentos da nossa Religião; e vós sereis crentes fieis, e apologistas da mesma Religião, que blasfemais. Vós, especialmente os que vos destinais ao conhecimento das Sciencias, aprendei sobre tudo a conhecer a Deos. Estudai esta su-

blime sciencia da nossa Religião :  
procurai sobre tudo saber os seus  
fundamentos, instruí-vos nas suas eter-  
nas verdades com tanta mais diligen-  
cia , e fervor , quanto são mais com-  
batidas , e blasfemadas por tantos ini-  
migos conjurados contra ellas. Fazei  
hum bom uso dos talentos , que Deos  
vos confiou , para vosso bem , e glo-  
ria sua : conhecei a Deos , e sereis  
Sábios : contemplai a Deos , e sereis  
justos. Esta contemplação , e conhe-  
cimento vos inspirará hum soberano  
amor de suas Divinas perfeições ; hu-  
ma consolante esperança de suas re-  
compensas , e seus premios ; huma  
fé firme , e constante de sua revela-  
ção , e de seus mysterios ; sentimen-  
tos vivos de verdadeira penitencia ;  
huma abundancia de graças , e the-  
souros de virtudes. Sem esta grande  
sciencia , e conhecimento de Deos  
vós o não amareis já mais ; porque  
não se póde amar o bem , que se  
não conhece ; e sem que vós ameis ,  
nada de merecimento , nada de vir-  
tude , nada de felicidade , e nada de  
salvação para vós.

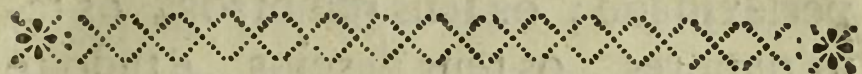
Meu Deos, que desgraça tem sido a minha, em não vos ter contemplado! Com que amor, e fervor vos teria eu servido! Que multidão, e enormidade de peccados teria eu evitado! Que thesouros de virtudes não teria accumulado? Mas que tarde chego a conhecer-vos! Infeliz tempo, em que não me lembrei de vós, nem meditei vossas misericordias, e bondades! Quanto me peza, Senhor, do meu esquecimento, e descuido! Perdoai-me, meu Divino Senhor, e Redemptor; e fazei que eu vos conheça, vos sirva, e ame com tanto maior efficacia, e fervor, quanto tem sido até agora o meu descuido, e desgraça, em vos não buscar mais cedo. Emendai, Senhores, o meu erro; contemplai as misericordias, e maravilhas de Deos, e conhecereis quanto o Senhor he bom, amavel, e digno de ser amado. Meditai suas Divinas perfeições, e vereis quanto o Senhor he suave, doce, e benigno para quem o ama. Chegai-vos a elle na vossa meditação, e sereis illumi-

nados. E se o vosso espirito, opprimido dos vossos crimes, se não pôde elevar até a contemplação sublime, e altissima de sua immensa grandeza, e perfeições infinitas, contemplai-o pregado na Cruz.

Meu Divino Redemptor, Jesus dulcissimo, quanto esse Divino objecto me instrúe, me argúe, e me penetra de dor, e de confusão! E he necessario mais, ou he necessario tanto para vos amar, e para morrer de viva dor de vos haver offendido? Como me atrevi a offender a hum Deos tão bom, e tão amavel, que se dignou morrer em huma Cruz, para que eu me não perdesse, e me não condemnasse eternamente! Hum Deos, que se dignou libertar-me da escravidão do peccado pelo sacrificio de sua vida, e de seu sangue! Hum Deos, que sempre me tem amado, soffrido, favorecido de suas benções, e graças! Hum Deos, que não me tem castigado aos tormentos eternos, que eu tenho tantas vezes merecido! Que paciencia! que

bondade! e isto a respeito de hum ingrato, de hum rebelde, de hum peccador, como eu, que tantas vezes tenho provocado a sua cólera, e affrontado a sua eterna justiça! Meu Deos, amado Senhor, a quem já quero amar, servir, e desaggravar, peza-me no mais íntimo da minha alma de ter sido tão insensível, tão ingrato, e tão rebelde á vossa graça: peza-me no meu coração de vos ter offendido. Perdoai-me, Pai Divino, por vossa infinita misericordia. Não me reproveis, Senhor, não me condemneis, não permittais, que eu vos desconheça, e maldiga eternamente. Eu espero, Senhor, e confio na vossa graça, que firmareis o meu proposito de não vos offender mais. Não, meu Divino Senhor; eu morrerrei antes mil vezes, do que tornar a offender-vos. Perdoai-me, Pai Divino, pela vossa misericordia: misericordia, Jesus, misericordia.





## II. DISCURSO MORAL

S O B R E A S

### PERFEIÇÕES DE DEOS.

Quis est Omnipotens , ut serviamus ei ?

Quem he Deos , para o servirmos ?

Job. C. 28.

**E** Quem és tu , que fazes esta pergunta ? Serás acaso algum Atheo , que não queres , que haja hum Deos , e te atreves a dizer , que o não ha ? Serás por ventura hum Deista , que não queres admittir a revelação Divina , huma vida futura , huma alma immortal , hum destino eterno ; premio para a virtude , nem castigo para o crime ? Eu appello aqui para ti mesmo ; consulta o testemunho da tua alma , a voz do teu coração , o seu empenho irresistivel para ser feliz , a insufficiencia de tudo quanto procuras para conseguir este fim , a tua

perlexidade; os teus remorsos, os teus temores, os teus desejos, e tudo te gritará: Ha hum Deos, a quem se deve servir; huma alma immortal, que cumpre fazer feliz; huma vida futura, que devemos esperar; hum destino eterno, que devemos prevenir; huma bemaventurança, e gloria, que devemos procurar; huma punição do crime, que devemos evitar.

Mas talvez não serás tu tão temerario, que te atrêvas a dizer clara, e expressamente: Não ha Religião, nem Divindade; mas segundo o teu Deismo confessas a teu pezar, que ha hum Deos, mas hum Deos da tua invenção, hum Deos sem providencia, sem justiça, sem bondade, sem inspecção sobre o bém, ou mal das creaturas; indolente, e insensivel ás suas offensas, ou serviços; indifferente a todo o culto, indulgente para o vicio, injusto em o prohibir, impotente, ou cruel em o castigar eternamente.

Mas quem és tu, creatura vil, soberbo nada; quem és tu, para dis-

putar ao Ser Supremo os seus direitos, para lhe contestar a sua Suprema authoridade, a sua providencia, o seu dominio, a sua justiça, a sua bondade, e as suas Divinas Perfeições? Quem és tu, que mais soberbo, que Lucifer, pertendes julgar ao teu Deos, prescrever limites á sua Omnipotencia, emendar as suas Leis, reformar a sua Essencia, desmentir os seus oraculos, e fazer d'elle hum Deos ao teu arbitrio? Aquelle, a quem eu adoro, não he esse Deos quimerico, e monstruoso, que tu formas, e reformas; que he obra do teu delirio, e da tua infernal impiedade. Seja pois esse o Deos, que te agrade, e que te salve; o meu será o Deos, que te julgue, e te condemne. Esse novo Deos, que fabricaste conforme ao teu systema de viver a teu gosto; hum Deos, que tolera tudo, que se não embaraça com as acções das creaturas, que não exige algum culto, que não premêa a virtude, nem castiga o peccado; he hum Deos muito cómodo, e

muito proprio de hum ímpio, hum scelerado, hum Deista, e hum Atheo.

Mas elle he mais verosimil, que seja hum libertino, ou hum virtuoso, que pergunta: Quem he Deos? Ao primeiro respondo: Deos he o altissimo Senhor, a quem não serves, o Divino Pai, de quem foges, o Ternissimo Amante, a quem offendes, o Generoso Bemfeitor, a quem entregas, o Eterno Juiz, a quem provocas, o teu Summo Bem, que aborreces, o Amavel Redemptor, que crucificas. Ao segundo respondo: Deos he aquelle Senhor Supremo, que confessas no teu Symbolo da Fé, Creador, Salvador, Juiz dos vivos, e mortos, Remunerador da virtude, e Vingador do peccado; teu ultimo fim, teu summo bem, que encerra todos os bens, que contém abysmos de perfeições. Deos he infinitamente mais, do que tudo, quanto os olhos podem ver, os ouvidos attender, e o coração sentir. He em fim não só infinitamente bom, Santo, Misericordioso, Amavel, Perfeito, Glo-

rioso ; mas a mesma Summa Bondade , Santidade , Misericordia , Amor , Formosura infinita , eterna , gloriosissima. Contemplemos cada huma destas Divinas Perfeições. Que assumpto mais interessante , mais sublime , e attendivel , para inflammar os nossos corações no serviço , e amor do vosso Deos ? O' vós , que tanto contemplastes estas Divinas Perfeições , e donde pudestes tirar tantas torrentes de graças , e virtudes ; Mãi dulcissima , amabilissima deste Senhor perfeitissimo , Mãi de misericordia , e de graça , Protectora desta Casa , e de todos quantos habitão nella , eu vos supplico me alcanceis a graça do Senhor , para poder advogar dignamente a sua , e vossa causa.

P R I N C I P I E M O S .

**A**inda que o Supremo Creador seja para nós nesta vida miseravel hum *Deos ainda escondido* , como diz o seu Profeta , que *habita huma luz inaccessivel* ; e que a sua

Essencia nos seja incomprehensivel, e infinitamente superior ás luzes da nossa fraca razão; elles se ensinúa com tudo tão sensivelmente nas nossas almas, que nós não podemos deixar de ter algumas noções de sua existencia necessaria, e perfeitissima. Todos os objectos, que nos cercão, diz o meu Santo Agostinho, nos fallão do Creador, e nos convidão a conhecer, e adorar as suas infinitas perfeições. A primeira, que se offerece á nossa contemplação, he a sua infinita Grandeza, e suprema Magestade. Mas que Magestade! Oh Ceos! Vós sois a sua morada, os Querubins fórmão seu Throno; as Nuvens os seus degrãos, o mundo o escabello de seus pés, a Gloria o seu Diadema, a misericordia, e justiça o seu Sceptro, a *Santidade, e magnificencia precedem a sua Face*, as Jerarquias Angelicas, e os Bemaventurados lhe fórmão a sua Corte. A *luz tece o seu vestido*, a Eternidade he medida da duração do seu Imperio, o Ceo, a Terra, os Abysmos

não limitão o seu poder. Em sua presença gloriosa as columnas do firmamento estremecem de respeito, os Anjos cobrem seu rosto, por não poderem supportar a intensão de suas luzes. Os Espiritos sublimes, que sustentão o seu Throno, abatem suas corôas junto d'elle, e toda a Corte celeste, lhe offerece adorações. As abobadas do Empyreo retinem de seus louvores, e toda a extensão dos Ceos reverbera a sua Gloria.

Christão, que dizes a isto? Que te parece pois esta grandeza, e Magestade do teu Deos? He ella de natureza, que deve ser ultrajada? Merece ella bem o teu esquecimento, o teu desprezo, e a tua rebeldia? Ousarás tu offender a este Deos, cuja grandeza te opprime, cuja immensidade te cerca de toda a parte, e cujas vistas te observão em todo o lugar, e em todo o tempo? Reconhece pois o Senhor, a quem offendes, contempla esta grandeza immensa, que enche todos os espaços, dura por todos os Seculos, domina em to:

da a parte , rege , commanda , impé-  
ra sobre tudo , que creou. Ah, Se-  
nhores ! *Magnus Dominus Deus*  
*noster , et magna virtus ejus.* (1)  
Quão grande , e quão magestoso he  
o Deos , a quem servimos ; quanto  
he grande , e magestosa a sua magni-  
ficencia , e virtude !

Mas quem poderá referir os ef-  
feitos admiraveis da sua Omnipoten-  
cia ? *Ella executou quanto quiz.*  
*Disse , e todas as cousas forão*  
*feitas* , nada póde resistir á sua in-  
finita actividade , e força victoriosa.  
Elle falla , os abysmos o escutão , o  
nada lhe obedece , os relampagos lhe  
respondem , os ventos esperão em sus-  
pensão as suas ordens , os funda-  
mentos da terra estremecem , os mon-  
tes , e os oiteiros se curvão do mais  
profundo respeito , os Ceos trovejão ,  
e fulminão , os raios se precipitão ,  
e toda a natureza obediente reconhe-  
ce o seu Imperio. Com huma só  
palavra sua o mundo sahe do seu  
nada , o cáos se desenvolve , a luz ap-

---

(1) Psal.



parece de improviso , os Ceos se estendem promptamente , os astros correm ao lugar , que o Senhor lhes ordena. Tudo serve em fim ao Creador , e reconhece humildemente o seu Imperio.

Tu só , miseravel homem , desgraçado peccador , tu só tens a ousadia de desprezar , e offender a Magestade de Deos com o teu peccado. Tu em hum mundo todo submisso , e obediente ás suas Leis te levantas , e rebellas contra quem ? contra hum Deos , a cujas vistas penetrantes te não podes esconder , a cuja força , e poder não poderás resistir , e a cuja eterna vingança não poderás escapar ? Meu Deos do meu coração , onde me poderei esconder da vossa face , e fugirei da vossa ira ? *Quo ibo a spiritu tuo , et quo a facie tua fugiam ?* (1) Tudo me denunciará , e me entregará nas vossas mãos. O Ceo , a terra , o inferno serão meus justos fiscaes , para pedir contra mim as vossas justas vinganças. Para onde

---

(1) Psal. 138. v. 7,

fugirei, que vos não ache? Se me escondesse no Ceo, lá vos iria encontrar; na terra, no mar, e nos abysmos, lá iria cahir nas vossas mãos: *Si ascendero in Cælum, tu illic es, si descendero in infernum, ades.* (1) Em todos os lugares eu vos encontrarei sempre, Immenso para me cercar, Rectissimo para me julgar, Justo para me punir, Sapiëntissimo em fim para me descobrir, e conhecer. Ah! Como poderei esconder-me desta Divina Immensidade, que occupa todos os lugares, e desta Sabedoria infinita, que vê, penetra, e comprehende a todos os objectos?

Sim, Christãos, nada póde occultar-se a esta Sabedoria infinita de meu Deos. Summamente perspicaz, omnisciente, incomprehensivel, ella comprehende em hum instante todos os objectos passados, presentes, futuros, e possiveis; todas as verdades juntas com todas as suas circumstancias, suas relações, sua ordem, seus principios, e seus fins. Penetran-

---

(1) Ubi supr.

do em nós até os rins, e o coração; o Senhor ali vê os nossos pensamentos mais íntimos, os desejos mais imperceptíveis, os designios mais dissimulados, e os segredos mais occultos. De hum só golpe de vista penetra todos os seculos, mede a extensão da eternidade, observa todos os movimentos, divisa todos os átomos, distingue todas as aréas do mar, conta todas as estrellas, e chama a todas por seu nome: *Numerat multitudinem stellarum, et omnibus eis nomina vocat.* (1) Sabedoria de Deos .... Mas que pertendo eu, Senhores? cégo em meio de tantas luzes, e perdido felizmente no abysmo impenetravel desta Sabedoria Divina? apenas tenho alento para exclamar com S. Paulo: Oh altura inaccessible da Sabedoria de Deos, que incompreensíveis são os teus juizos! *Ob altitudo divitiarum Sapientiae, et Scientiae Dei, quam incomprehensibilia sunt judicia ejus!* (2)

---

(1) Psal. 146. v. 4.

(2) Ad Rom. Cap. 11. v. 33.

Mas a sua misericordia , e bondade offerece hum novo campo ás nossas meditações. Ella parece constituir especialmente a gloria do Ser Divino. Por pouco que se contemple , tudo nos manifesta , e nos representa esta bondade infinita , que a todos nós ama , favorece , e felicita. Bondade summa , e universal , que , sem diminuir jámais o fundo inexaurível dos seus dons , os reparte liberalmente sobre todos. Os homens , ainda quando amão , limitão o seu amor , e beneficios a hum pequeno número de objectos. Não encerrando em seu coração , diz o meu Santo Agostinho , mais que huma diminuta porção de sentimentos , e affectos , os que dirigem a hums , recusão aos outros. Isaac para dar benção a Jacob , a negou a Esaú. Jacob amando a Rachel , desdenhou Lia. Sansão para desposar a estrangeira , rejeitou as nacionaes ; e nós todos , quando amamos hum objecto , desprezamos outros muitos.

Só Deos pôde amar , e ama uni-

versalmente o pobre, como o rico, o pequeno, como o grande, o de maiores talentos, e o de maiores defeitos; todos tem accesso facil ao seu amor universal. Homens humildes, despreziveis, abjecta porção da nossa especie, pobres, pequeninos, pretinhos, alegrai-vos no Senhor, que vos creou; se os homens vos desprezão, maltratão, e tyrannizão, o nosso bom Deos vos ama, e vos estima outro tanto, e póde ser ás vezes mais, do que os vossos mesmos Senhores; vós podeis ser muito grandes a seus olhos, observando a sua Lei, amando suas bondades, adorando, e louvando sua infinita Santidade.

Infinita Santidade! que disse eu? Astros luminosos das esferas, escondi as vossas luzes. Espiritos Celestiaes, occultai a vossa perfeição, e santidade á vista da Santidade infinita do Senhor. Sim, Christãos, os astros mais luminosos, e os Espiritos mais puros são em sua presença maculados: *In Angelis suis re-*

*perit pravitatem.* (1) Santidade de Deos purissima, perfeitaissima! Entre os homens as virtudes são de ordinario equivocadas, e defeituosas. A doçura he muitas vezes fraqueza; a piedade hypocrisia; a Religião fanatismo; a ingenuidade imprudencia; a caridade interesse; a justiça crueldade; a economia he ás vezes avarenta; a liberalidade pródiga; a grandeza he altiva, o valor he temerario, e a prudencia cobarde. Mas justiça, que ama ao delinquente, que castiga; bondade, que castiga ao culpado, a quem ama; formosura, que não cega; grandeza, que não assusta; e ser ao mesmo tempo nosso Senhor pelo seu dominio, nosso Pai pelo seu amor, Bemfeitor por sua liberalidade, Amigo por sua misericordia, Exemplar pelas suas perfeições; eis aqui o que he, e ainda muito mais que tudo isto, a Santidade de Deos. Mas qual he a sua justiça? Oh! que aterrante espectáculo se offerece aqui ao meu espirito! Eu tremo,

---

(1) Job. Cap. 4. v. 18.

eu desfaleço, o meu coração se des-  
anima, o sangue se me gela nas veias  
ao proferir só esta palavra: Justiça  
punitiva, eterna de meu Deus! Que?  
Senhores! Toda a especie humana  
condemnada a chorar, e a morrer  
em castigo do peccado de hum ho-  
mem? Tudo quanto respirava sobre  
a terra submergido em hum Diluvio  
universal! As Cidades de Sodoma de-  
voradas pelo fogo com os seus ha-  
bitadores! Toda a superficie da ter-  
ra semeada de cadaveres, e tinta no  
sangue humano! Todos os Elemen-  
tos, e todas as Criaturas conspira-  
das contra o miseravel peccador! O  
mundo despovoado, todo reduzido  
a cinzas, e tornando no seu fim ao  
câos do principio . . . . Tudo isto he  
apenas huma sombra da justa ira,  
e vingança do Senhor contra o pec-  
cado. Os Anjos, creaturas tão nobres,  
e tão perfeitas, precipitados de im-  
provisto nos carceres do fogo eterno,  
amaldiçoados, e castigados por Deus  
eternamente! Que justiça, e que  
castigo do peccado!

Mas que será de mim á vista dis-  
to, miseravel peccador, que me a-  
trevi contra Deos! Que será de ti,  
Ser desprezivel, se Deos pratica com  
os seus Anjos tão rigorosa justiça,  
por hum peccado só de hum momen-  
to! Ah! hum Deos de tanto poder  
empregando a sua força para casti-  
gar ao peccador armado sempre de  
seus raios, e de seu furor contra el-  
le! Hum inferno sempre accezo, reu-  
nindo todos os tormentos possiveis,  
para punir ao miseravel! Huma eter-  
nidade inteira para prolongar os seus  
supplicios; eterna privação de Deos,  
odio eterno de Deos, vingança eter-  
na de Deos.... Jesus, amado Jesus,  
adorado Redemptor, benigno Pai,  
vós me tratarieis assim sem ter de  
mim compaixão? Vós me entrega-  
rieis nas mãos, que me não formá-  
rão? Vós darieis mesmo a força aos  
demonios, para me castigar eterna-  
mente? E serieis para mim hum ini-  
migo cruel: *Factus es mihi in cru-  
delem!* Valha-me, Senhor, o vosso  
sangue, a vossa Cruz, a vossa mor-



te. Mas ai de mim ! esta mesma palavra : Sangue , e morte de Jesus me faz conhecer muito mais do que tudo , quanto está dito , a malicia horrorosa do peccado , e a infinita justiça de Deos , para castigar ao peccador.

Sim , Christãos , eu não pintarei já ao Deos da cólera , e de vingança , armado dos raios do seu furor ; a terra cuberta d'agua , e de sangue , de fogo , e de cadaveres humanos ; os brazeiros infernaes apurando os seus ardores ; os demonios executando sem interrupção a sua raiva ; e a espantosa eternidade prolongando sem fim todo o castigo de Deos contra o peccador condemnado. Huma prova mais efficaz , e decisiva vai convencer o meu espirito , e concluir o meu discurso. Jesu Christo , o Filho Eterno de Deos , infinitamente amado do Pai , e infinitamente digno de o ser : Jesu Christo vestido de nossa humanidade , chorando , e padecendo trabalhos , e humilhações , desprezado , escarnecido , esbofeteado , açou-

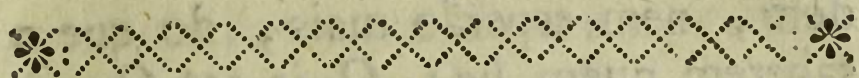
tado , pregado em huma cruz , e morrendo sobre ella para punir o peccado ! Ouvintes Christãos , Senhores , que dizeis á vista disto ? Quaes são os vossos sentimentos ? Eu appello aqui para o testemunho da vossa alma . Se esta prova vos não toca , (perdoai-me) não tendes fé , não sois Christãos , não sois racionaes , não sois sensiveis .

Mas , se ainda conservais algum sentimento de Religião ; se não tendes perdido todo o respeito a Deos , e todo o temor dos seus castigos ; se sois ainda sensiveis aos ultrajes , ao sangue , e aos tormentos de hum Deos , que soffre , e morre por nós ; se a Divina Pessoa , e Nome de Jesus Christo vos merece ainda algum respeito , e amor ; se não renunciastes ainda em fim de todo ao vosso Deos ; tratai de o contemplar , e conhecer na Imagem fiel de Jesus crucificado .

Aqui tendes , Christãos , a Imagem do Senhor , de quem vos tenho fallado . Esta cruz , este sangue , es-

ta corôa, e todos estes sinaes do que padeceo por nós, nos estão dizendo infinitamente mais, do que eu podia dizer-vos. Sabeis quem he o Deos, a quem devemos servir, e adorar? He hum Deos, que soffre por nós tudo isto, que estais vendo. Hum Deos, que, para nos salvar, se fez homem, como nós; padeceo todos os trabalhos de huma vida penosa; verteo por nós todo o seu sangue; e padeceo por nos salvar a morte mais dolorosa, e mais infame em huma cruz. E que Deos, como o nosso Deos, tão digno de ser amado? Que ingratição, como a nossa, offender a hum Deos tão bom? Oh! prostremo-nos todos aos seus pés a pedir-lhe perdão, e a protestar-lhe a nossa fidelidade, e o nosso amor. Elle he cheio de misericordia, e bondade, para receber o nosso sacrificio, para nos conceder sua amizade, e para nos recolher mesmo no seu coração ternissimo. Vinde, chegai a elle, não temais; estes braços estão estendidos já para abraçar-vos, e es-

ta boca está muda, para não vos lançar em rosto as vossas ingratições: e este peito está aberto para nos recolher dentro em si. Ah! entremos, e resolvamos-nos a ser amigos de Deos. Sim, meu Divino Jesus, aqui nos tendes prostrados a vossos pés, e penetrados de dor de vos havermos offendido. Perdoai-nos, Bom Senhor, pela vossa piedade, acceitai o nosso vivo pezar, e a resolução firme de vos não offender mais. Não nos negueis, Divino Pai, a vossa graça, e favorecei-nos com a vossa misericordia.



### III. DISCURSO MORAL

S O B R E

## O SERVIÇO DE DEOS.

*Quis est Omnipotens, ut serviamus ei?*

Quem he Deos, para o servirmos?

Job. C. 2

**N**ÃO ha pois mais difficuldade para servirmos a Deos, do que a de chegarmos a conhecer quem elle he. A nossa justa servidão será huma consequencia necessaria do conhecimento, que alcançarmos de sua soberana Magestade, e de suas perfeições. Os mesmos idólatras, e Atheos, a quem o Santo Job attribue esta pergunta de meu texto, se achão tão convencidos desta necessaria obrigação de servir a hum só Deos, que se chega a conhecer, que para se darem todos ao seu serviço, não pe-

dem, nem esperão mais, do que o saberem quem he: *Quis est Omnipotens, ut serviamus ei?* A pezar da sua impiedade, e de seu mesmo atheismo, elles estarião bem promptos para servir ao nosso bom Senhor, se chegassem a ter d'elle huma idéa verdadeira; e como dizia S. Paulo a respeito dos Judeos, elles estarião bem longe de crucificar a Jesu Christo, e de renunciar o seu serviço, se o tivessem conhecido por seu Deos, e Salvador: *Si cognovissent, nunquam Dominum gloriæ crucifixissent.* (1)

Eu me compadeço pois de vossa extrema miseria em não conhecerdes a Deos, desgraçados infieis. Vós sois nisto verdadeiramente mais dignos da nossa viva dor, e compaixão, do que das nossas censuras. Vós o serviríeis fielmente, vós o amaríeis sem dúvida, se o tivésseis conhecido. Oh! se vos fosse concedida, como a nós, a fiel revelação de sua gloria? Se tivésseis de Deos hum justo conhecimento! Se as luzes da nossa fé

---

(1) Ad Corinth. Cap. 2. v. 8.

vos houvessem instruido nos mysterios adoraveis da nossa Religião! Se vos houvesse chamado a sua Igreja, e feito soar em vossos ouvidos doces a sua palavra santa! Com que fidelidade o não serviríeis vós? Com que ardor não amaríeis as suas Divinas perfeições? Que caridade! que justiça! que Religião! que santidade brilharia em vossas almas! Com que horror, e execração olharíeis para os Christãos, como nós, que não servimos a Deos!

E com effeito, Senhores, os ímpios, e os idólatras não são (se mo permittis dizer) tão incoherentes, como nós, na sua irreligião. Elles não servem a Deos, he bem verdade; mas isto he porque o não merecêrão conhecer. Mas nós, que o conhecemos! Nós os domesticos da fé, familiarizados com seus mysterios! depositarios de seus dons! Nós em fim convencidos tantas vezes da obrigação de servirmos ao nosso commum Senhor? Porque o não servimos nós? Que rémora nos detém?

Que triste fatalidade embarça o cumprimento deste dever indispensavel? Sirvamos pois ao nosso Deos por estes dois motivos principaes; isto he , pela nossa obrigação , e pela nossa felicidade. Pela nossa obrigação, porque o servir a Deos he huma Lei universal , indispensavel , a que não podemos fugir. I. Ponto. Pela nossa felicidade ; porque o mesmo Santo Serviço he huma Lei suavissima, e vantajosa , que sobre tudo devemos abraçar. II. Ponto. He todo o plano do discurso.

Encaminhai-o, meu Deos, a inspirar o vosso serviço, e a contribuir á vossa gloria. Concedei-lhe toda a virtude, e toda a força da vossa santa palavra. Fallai pela minha boca, inflammai o meu coração, insinuai-vos na minha alma, ó Deos, ó Summa Verdade. Vede de quem vos servis, para vos fazer servir. Vede a minha indignidade, e não abandonéis os interesses do vosso Santo serviço ás forças naturaes de hum tão grande peccador. Elevai-o, ou me-



lhor, substitui a vossa força á minha extrema fraqueza, e falle comigo, ou por mim a Religião, a verdade, o zelo, o vosso serviço, o vosso amor, a vossa gloria.

P R I N C I P I O.

**S**ervir com todo o coração, e sem reserva a hum Senhor Supremo, e Universal; observar fielmente a sua Divina Lei; reconhecer o seu Imperio, e fazer-lhe hum sacrificio voluntario, e total do que somos, e que temos recebido de sua liberalidade; eis-aqui a Lei eterna, universal, e indispensavel, escrita em os nossos corações, e firmada nos testemunhos mais solemnes, e authenticos de toda a Religião, e natureza. O dictame natural, a doutrina revelada, e todas as Leis mais sagradas, que nos ligão, e nos dirigem, conspirão nesta maxima fundamental de nossa Religião: *Servireis ao Senhor vosso Deus: Servietis Domino Deo*

*vestro.* (1) Não ha creatura alguma , á excepção do peccador só , que não observe esta Lei , que não seja submissa , e obediente ao Creador , e o não procure servir do modo que lhe he possível , e lhe foi ordenado no principio. Os mares não excedem os limites , que o Senhor lhes prescreveo. A terra se conserva no seu lugar destinado. Os astros correm seu giro , segundo a Lei , que lhes foi dada. As plantas vegetão , florecem , e fructificação , segundo as Leis do Creador ; huma só folha não cahe dellas sem o seu consentimento. E todas as creaturas em fim lhe obedecem , e o servem do modo que o Senhor lhes ordenou.

O homem só mais favorecido , que o resto das creaturas , o peccador unicamente rebelde não quer servir a este Deos , a quem todas obedecem. Sim , dizia o Senhor por boca de seu Profeta : Tu , ingrato peccador , mais favorecido , e amado de minha maior ternura ; tu , creatura

---

(1) Exod. Cap. 23. v. 25.

rebelde, me não queres conhecer por teu Senhor, e teu Deos; tu só quebrantastes a minha Lei, sacudiste o meu jugo, rompestes minha alliança, e quebraste os doces laços, que te ligavão a mim: *A seculo confregisti jugum meum, rupisti vincula mea*; (1) e não satisfeito ainda, te elevaste contra mim, declaraste-me a guerra, e protestaste, que não me querias servir: *Dixisti: non serviam!* Ah! por ventura não sou eu teu verdadeiro Senhor, que te criei? Não sou eu o Pai, que te dei todo o teu ser? Bemfeitor, que te enriqueci de meus dons? que te facilitei minha amizade? que te dei quanto possues? e te fiz tudo o que és? *Nunquid non ego Pater tuus, qui feci, et creavi te.* (2) Se pois, continúa o bom Senhor, se pois eu sou unico Author de teu ser, se sou Senhor Universal, onde está a justa servidão para comigo? *Si ergo Dominus ego sum, ubi est timor meus?*

---

(1) Jerem. Cap. 2. v. 20.

(2) Ubi sup.

E não tem o Senhor bem justa causa de nos arguir por este modo, e formar contra nós a mesma queixa? Podemos nós com effeito lisongear-nos de que Deos seja servido por nos, vivendo, como vivemos? Ha elle ainda estado, ou alguma condição, onde o Senhor seja servido entre nós com justa fidelidade? Servem-no acaso tantos ímpios, que se não lembrão de Deos mais, que para o offender, e desprezar? Serve por ventura ao Senhor o soberbo na elevação, o avarento nas riquezas, o impudico nas desordens, o murmurador nas suas práticas? He elle acaso bem servido do Sacerdote, que profana os seus mysterios? do mundano, que despreza os seus avisos, do pleiteante, que multiplica injustiças? do roubador, que devora o alheio? He elle bem servido dos Pais, que desprezão a educação de seus filhos? pelos filhos, que perdem a obediência a seus Pais? pelos Senhores, que tyrannizão os escravos? pelas Senhoras, que fazem commercio infam-

me , sordido , vil da honestidade , ou fecundidade das escravas , e por estes que faltão á fidelidade a seus Senhores.

He elle acaso bem servido na primeira estação da meninice , passada em puerilidades vans ? na força da mocidade empregada no ardor mais vehemente das paixões ? na idade avançada , passada na indolencia para o bem ; e na decrépita velhice , empregada no apego violento aos bens fugitivos , que escapão insensivelmente ás suas mãos trémulas , e avaras , que os não podem conservar ? Servimos acaso bem ao Senhor na prosperidade , que nos céga ; na adversidade , que nos desanima ; no ultraje , que nos irrita ; na saude , que nos lisongea ; na enfermidade , que nos desespera , ou morte , que nos surprende ? Fazei-me conhecer o estado , ou condição , onde Deos seja bem servido. Descobri-me o venturoso lugar , onde reina a virtude. Mostrai-me entre os Christãos dos nossos dias os que tem a pobreza por thesouro , a

innocencia por ornato , a religião por triunfo , o serviço de Deos por braço , e a salvação por seu unico negocio. Mostrai-me , eu não digo os Hilariões nos desertos , os Antonios nas Thebaidas , os Stelitas nas columnas , os Jeronymos nas grutas , os Pacómios , os Guilhermes , as Egypcias , as Cortonas nos rigorosos exercicios da mais austera penitencia. Mas mostrai-me , digo eu , hum Tobias conservador da piedade ; hum Daniel observador da justiça ; hum Zaquêo , que restitua o alheio ; hum José , que fuja da occasião favoravel ao crime , e tantos outros verdadeiros servos do Senhor. Ah ! e quem he este , para o louvarmos ? *Quis est hic , et laudabimus eum ?* (1)

Que vemos nós com effeito nos nossos dias , que não seja diametralmente opposto ao serviço de Deos , e contrario á sua Divina Lei ? Que observamos , que não seja irregularidade nas acções , murmurações nas palavras , excessos na vaidade , e exor-

---

(1) Eccl. Cap. 31. v. 9.

bitancia no luxo! Que vemos, que não respire esquecimento de Deus, e tudo o que nos pôde apãrtar do seu serviço? Tratemos pois de servir fielmente ao nosso Deus, não só pela nossa obrigação indispensavel, mas pela nossa felicidade.

## II. P A R T E.

**A** Quellas, que não querem tomar o partido da virtude, a pintão desagradavel, austera, desabrida, e impraticavel. Figurão seus caminhos ou riçados de espinhos, que ensanguentão os pés de quem os trilha. Attribuem ao jugo do Senhor hum pezo insupportavel. Querem-nos persuadir, que a virtude se não nutre mais, que de lagrimas, e sangue; que não se fortifica senão na nossa miseria; e que só habita nas grutas dos desertos sobre montes escarpados, inaccessiveis. Pintão seu rosto severo, triste, misantrópico, e feio; o seu aspecto medonho, o seu accesso difficil, os seus favores amar-

gos, seus sacrificios crueis. Bella, e amavel Virtude! Quem são estes insensatos, que querem desfigurar-te, para te fazer odiosa.

Não, Senhores, não he esta a imagem da Virtude. O Espirito Santo, que a inspira, a pinta com cores bem differentes. Elle a faz ver *clara, brilhante*, (1) benéfica, affavel, bella, amavel, e encantadora. Liberal nas suas dadivas, accessivel no seu throno, fecunda em muitas graças, sempre pura, fiel, luminosa, innocente; que *não sabe fazer mal, não ambiciona o bem alheio, não nega o que he seu. Não se incha com suas proprias riquezas. Tudo liberaliza, tudo soffre*, e todo o bem nos comunica. Suave emanção da claridade Divina, raio da Divina luz, filha do Ceo, mãe da innocencia, ornamento das almas boas, corôa de exultação, origem de felicidade, mestra universal, guia fiel, conductora sábia, principio de prazer puro, preço de gloria eterna.

---

(1) Sapient. Cap. 6. v. 13.



Assim se presentou ella a Santo Agostinho meu Padre em huma visão; como elle mesmo confessa: Parecia-me, diz elle, parecia-me ver huma Matrona formosissima, cheia toda de graças, e de attractivos, rodeada de huma grande multidão de Santos, e Virtuosos de toda a idade, estado, e condição, que com rosto agradável me estendia os seus braços, e me chamava para si, dizendo-me docemente: Vem para mim, Agostinho, eu sou a Virtude, não temas de me seguir. Olha em torno de mim quantos me seguem, e me abração. Vê tantas Virgens puras, tantas viúvas continentes, tantos moços castos, tantos velhos virtuosos, tantos que se conservarão innocentes, e tantos que se convertêrão, e preseverarão na graça, e na penitencia. E que, Agostinho? não poderás tu outro tanto? não poderás fazer tambem o que fizerão estes, e estas? *Non poteris quod isti, et istæ* (1)? Ah! e quanto desde então, continúa o

F 2

---

(1) Aug. Lib. Conf.

Santo Padre , quanto desde então me parecerão vós , desprezíveis , e amargos todos os prazeres da carne , e dos sentidos ! Quanto me foi facil , e suave desatar-me das prisões , que me ligavão ao mundo ! Bella Virtude ! Amavel Virtude , que doces são os teus encantos !

Taes erão , Senhores , os sentimentos deste grande penitente , e taes são os de todos aquelles , que praticarão fielmente , a virtude. Consultai a experiencia de todos os que servem ao Senhor , e vós os achareis sempre felices , tranquillos , e cheios de consolação , e de doçura , superiores a todas as adversidades , e trabalhos. Ouvi exclamar a hum David : Ah , Senhor ! que affluencia de delicias tendes vós preparado para aquelles , que vos amão , e vos servem ! *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ , Domine , quam præparasti diligentibus te !* (1) Elles serão embriagados de prazer celestial , e inundados em torrentes de suavidade , e de alegria : *Ine-*

---

(1) Psal. 30. v. 20.

*Exsuriabuntur ab ubertate domus tuæ, et  
torrente voluptatis tuæ potabis eos.*

(1)

Hum Moysés he inalteravel entre as murmurações do Povo; hum Daniel está feliz, e satisfeito em o lago dos leões; hum José he resignado na profundidade de seu carcere; hum Eliseu se está rindo entre as iras, e ameaças dos ímpios Reis de Samaria; hum David he fiel, e reverente entre as perseguições de Saul; hum Lazaro he satisfeito curando as suas chagas, e supportando a fome. Contemplai todos os Justos; elles vos instruirão como praticos nas doçuras da virtude, e do serviço de Deos. S. Paulo responderá, que está todo inundado de consolação, e prazer em suas tribulações: *Superabundo gaudio in omni tribulatione.* (2) Estendei as vossas vistas pelos dilatados campos da Igreja; e que vereis? Aqui hum Paulo Eremita á sombra de sua Palma arrebatado em

---

(1) Psal. 35. v. 9.

(2) II. Ad Cor. C, 7. v. 4.

Deos, e mais inundado de delicias, que o famoso Salomão em toda a extensão de sua gloria. Alli hum Simão Stelita sobre a sua columna. Além hum Solitario banhado no sangue de suas disciplinas, e mirrado de seus jejuns, extatico em seu Deos, gozando em seu ermo huma Bemaventurança anticipada. Além hum penitente rodeado de delicias, que o mundo não póde dar. Acolá hum Lourenço rindo-se dos mesmos seus algozes, que o estão queimando vivo. Huma Catharina cheia de consolação em o meio das rodas de navalhas. Huns em fim correndo alegres aos cadafalsos; outros fugindo para os incendios; e todos formando a sua gloria de morrer pela virtude, e no serviço de Deos.

E que dizeis vós a isto, Censores injustos da virtude, e apolo-gistas dos vícios? Exaggerai-nos agora as consolações do vosso mundo, e de seus grandes prazeres. Eu desafio aqui a vossa Filosofia; mostrai-me nos maiores gostos do mundo

hum homem tão satisfeito, e feliz, como hum Lourenço nas grelhas; hum Vicente nos incendios, e todos os Martyres no supplicio. Dizci-me, se são sólidos, duraveis, e verdadeiros os prazeres dos sentidos. Confesse o avarento, que prazer, e satisfação lhe resulta de suas muitas riquezas: o lascivo, que caros, e amargos são os prazeres dos sentidos: o iracundo que consolação encontra na vingança: e todos os viciosos na satisfação de seus brutaes appetites. Dizci-me de boa fé; são estes prazeres verdadeiros, e bem dignos da nossa estimação, e da nobreza da nossa alma? Oh! a bella consolação de hum vingativo transformado em huma fera, os olhos scintillando fogo, o sangue fervendo em suas veias, os humores em hum cruel movimento, despedaçando-se de raiva, e vingando desta sorte em si mesmo o seu peccado, antes de vingar-se de seu proximo! Que consolante prazer o de hum avarento padecendo todo o rigor da indigencia, e da miseria em

meio de seus thesouros, sempre faminto, e insaciavel de accrescenta, sem verdadeiramente possuir! Que satisfação a de hum invejoso, enclendo o seu coração de amargura pela felicidade de seu proximo, e tyrannizando-se a si mesmo, porque elle he mais feliz, e benemerito!

Mas ouçamos aos mesmos partidistas, e favorecidos do mundo, elles lhe farão em fim justiça. Dizeime pois, os que tendes servido ao mundo, e vivido conforme as suas maximas; que tendes vós alcançado dos vossos tristes serviços! Ai de nós insensatos, desgraçados, respondem por todos vós aquelles ímpios, de que falla Salomão: Ai de nós infinitamente desgraçados, que temos servido ao mundo, e aos seus falsos prazeres, nós lhe fizemos sacrificios extremosamente dolorosos, caminhamos tristemente pelos caminhos asperrimos do vicio, marchámos nas veredas penosissimas, cheias todas de espinhos, e de precipicios: *Ambulavimus vias difficiles;*

(1) e para servir a este tyranno, tivemos o desacordo, e a desgraça de nos fatigar, de nos tyrannizar a nós mesmos nas estradas da malicia: *Lassati sumus in vias iniquitatis.*

(2) Ai de nós eternamente desgraçados sem recuso, errámos os caminhos da verdade: *Ergo erravimus a via veritatis.* Nós loucos, e mil vezes infelices julgavamos a santidade dos Justos, como loucura, e deshonra: *Nos insensati vitam illorum extimabamus insaniam.* Mas elles ahi estão eternamente gloriosos, contados entre os Filhos de Deos, gozando de sua gloria: *Ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.* (3)

Aqui tendes hum testemunho sem suspeita dos que servirão ao mundo. Mas he necessario provar-vos, que o serviço de Deos deve prevalecer ao serviço do mundo? Devo eu fazer este parallelo tão injurioso á virtu-

---

(1) Sapienç. C. 5. v. 7.

(2) Ibi.

(3) Sapienç. C. 5. v. 5.

de? Deve-se pois comparar o Deos de Israel com o idolo de Baal? a virtude com o vicio, e o serviço de Deos com o cativoiro do mundo? Permittamos aos ímpios o seu partido; supponhamos, que o serviço de Deos he muito penoso, e difficil; que o serviço do mundo he, quanto quizerem, doce, suave, consolante. E que? deveriamos nós por isso deixar de servir a Deos, para servirmos ao mundo? Demos que os ímpios passem felizmente os seus dias; devemos nós tratar da commodidade, quando se trata da Salvação? Quando Deos nos manda, que o sirvamos, quando elle deve, e merece infinitamente ser servido, devemos nós tratar das felicidades, ou doçuras, que se achão em seu Santo serviço? Devemos nós vacillar a qual dos dois Senhores devemos servir? O Senhor manda ser servido, e isso basta para firmar a nossa escolha. Quando se interessa a nossa eterna salvação, devemos nós considerar, se he penoso, ou suave o caminho da virtude, e o



serviço de Deos? Demos que a virtude seja penosa; porém ella nos conduz á vida eterna: *Arcta est via, quæ ducit ad vitam.* (1) Demos que os que servem ao mundo, passem os seus dias felices: seja assim, se o quereis; mas em hum momento são sepultados no inferno: *Ducunt in bonis dies suos, et in puncto ad inferna descendunt.* (2)

Quero que vivão contentes, respeitados, satisfeitos entre os prazeres do mundo; sim; mas a morte os surpreenderá, diz o Espirito Santo, e elles acabarão sem honra, e serão precipitados para sempre nos abyssos com eterna confusão: *Erunt decedentes sine honore, et in contumelia inter mortuos in perpetuum.* (3) Seja finalmente o caminho da virtude, quanto quizerdes, aspero, e desabrido; e que? Não vale, nem merece alguma violencia, ou trabalho a nossa salvação eterna? Podemos achar

---

(1) Matth. Cap. 7. v. 14.

(2) Job Cap. 21. v. 13.

(3) Sapient. C. 4. v. 19.

alguma commutação, que nos possa resarcir, e indemnizar da eterna perda de nossa alma? *Quam commutationem dabit homo pro anima sua.* (1) Que he isto, Christãos ouvintes? Tantas considerações sobre o trabalho, que passa, tão poucas sobre os tormentos, que devem durar eternamente? Tanta circumspecção com o mundo, e tão pouca para Deos? Tanta consideração sobre as commodidades da vida, tão pouca com as da morte? Tanta lembrança do tempo, e tão pouca da eternidade? Deliberemos pois de humda vez a quem devemos servir, se a Deos, ou ao mundo. Vêde a favor de qual delles decidís.

Meu amabilissimo Jesus, meu Deos, meu unico Senhor, faltava-vos soffrer ainda novamente este ultrajante paralelo, e estava eu reservado para o propôr a este Povo Christão? Perdoa-me, bom Senhor, a injuria, que vos fiz. Eu, e todos os que me ouvem, não temos que va-

---

(1) Matth. C, 16. v. 26.

çilar sobre a escolha do Senhor, a quem devemos servir: quando vosso serviço nos custasse toda a perda de nossos bens, de nossa vida; quando fosse necessário sacrificar-vos mil mundos, mil vidas, e mil vezes tudo quanto se póde soffrer, nós vos serviríamos fiéis, muito mais quando vos satisfazeis do sacrificio suavissimo de nosso serviço inutil. Oh bom Deus, amabilissimo Senhor, e porque vos não serviremos? Onde iremos buscar hum amante, hum Pai, hum Deus, hum Redemptor, e hum Senhor, como vós? Quem poderá disputar-vos o nosso coração, o nosso amor, e todos os nossos serviços! Não, meu Divino Senhor, nada nos apartará de vos servir; queremos todos servir-vos, e merecer as vossas graças.

Ah! desgraçado aquelle tempo, em que deixei de vos servir! que elle me não seja lembrado mais, que para o chorar no resto da minha vida! Eu o lamento com effeito, e me peza no interior de minha al-

ma de o haver assim perdido. Perdoai-me, meu Jesus, e acceitai a minha dor. Peza-me no meu coração de vos haver offendido. Mas, se acceitais ainda o meu pezar, e a minha emenda, eu proponho, Senhor, de reparar o meu peccado, e de vos amar, e servir de todo o meu coração, e esperar a vossa graça, e clamar até o fim de meus dias pela vossa misericordia.



## IV. DISCURSO MORAL

S O B R E

### O AMOR DE DEOS.

*Quis est Omnipotens, ut serviamus ei?*

Quem he este Deos omnipotente, para o  
devemos servir?

Job. Cap. 28.

**S**E eu fallasse hoje áquelles ímpios, a quem o Santo Job attribue esta pergunta, muitas vezes repetida, e nunca bem satisfeita, eu lhes responderia como elle: Perguntai-o a toda a terra, e ella vos responderá: *Interroga terram, et respondebit tibi.* (1) Consultai aos mesmos brutos, e elles vos ensinarão a conhecer o Deos, por quem perguntais: *Interroga jumenta, volatilia cæli, et docebunt te.* Eu lhes faria conhecer ao Creador pela necessidade de seu Ser, pela perfeição de suas obras, pela grandeza de seus dons, pela universidade de

---

(1) Job. 12. 7.

seu culto, pela conformidade de seus sérvos, pelo estrondo de seus prodigios, pela grandeza de seus premios, pelo terror dos seus castigos. Provaria a necessaria existencia de hum Ente Supremo, Eterno, Increado, Independente, que creou todas as cousas por sua omnipotencia, que as conserva por sua sabedoria, e as regula pela sua omnisciente providencia.

Levantando então a minha voz, eu lhes clamaria altamente! Cegos mortaes, que jazeis entre as trevas da morte, e não quereis conhecer ao nosso Deos, vinde contemplar sua grandeza, e instruir-vos dos mysterios de sua Religião, e de sua Lei adoravel. Conhecei ao Senhor, e vós o servireis fiéis, e amareis sem dúvida suas Divinas perfeições. A contemplação de seu Ser elevará as vossas almas ás verdades mais sublimes, e ás mais interessantes á vossa felicidade; o seu serviço suavissimo vos encherá de satisfação, e de delicias; a doçura de seu amor vos mostrará os seus encantos, e a sua recompen-

sa vos fará eternamente felices. Vinde, tratai de o conhecer: elle he infinitamente doce, Benigno, Liberal, Justo, Misericordioso, Amavel para todos os que o buscão em verdade; só verdadeiramente Senhor, porque tudo creou, e lhe pertence; só grande, porque encerra essencialmente toda a plenitude do Ser; só poderoso, porque nada póde resistir ao seu Imperio, só infinitamente amavel, porque inclue, e ajunta em si mesmo todas as perfeições; só Deos, porque não ha outro fóra elle.

Assim fallaria eu áquelles homens desgraçados, que não conhecem, e não adorão a Deos; mas a hum Povo Christão, que o conhece, que o adora, que o louva, que o serve? a hum Auditorio illuminado com a sua fé, instruido nos seus Dogmas, favorecido de seus dons, depositario de seus sagrados mysterios, que poderei eu dizer-lhe que adiante as suas luzes? Ah! eu não quero duvidar, que vós conheceis, e servís ao Senhor, mas permitti-me perguntallo: acaso

o amais vós como elle manda, e merece?

Não nos enganemos pois, diz Santo Agostinho meu Padre, não basta só conhecermos a Deos, nem ainda tratarmos de o servir, se o não sabemos amar. Este Senhor, não pede, nem quer ser servido mais, que por hum culto de amor: *Non colitur nisi amando.* (1) Elle quer, he verdade, e merece mesmo ser servido por hum sacrificio visivel, e externo; mas elle quer ainda mais, e merece especialmente o invisivel sacrificio do nosso amor, e do nosso coração: sem este a nossa Religião seria desanimada, e sem espirito, e huma mera hypocrisia.

Elle he necessario pois conhecer, e servir ao nosso Deos, mas he necessario ainda mais amar ao mesmo Senhor de todo o nosso coração, e de todas as nossas forças: *Diliges Dominum Deum tuum.* (2) Esta he como em compendio a sua Lei,

---

(1) S. Aug. in Psal. 77.

(2) Matth. 22. v. 37.



este o espirito de sua Religião , e de seu culto , e esta a nossa principal , e quasi , podia dizer , a nossa unica obrigação para com elle.

Amemos pois ao nosso Deos , eis-aqui a minha proposição ; e quanto desejo persuadir neste discurso. Amemos ao nosso Deos de todo o nosso coração por dois principaes motivos , que nos devem inspirar este amor indispensavel ; porque o Senhor o manda , e deve ser obedecido. I. Ponto. Porque o Senhor he amavel , e merece infinitamente ser amado. II. Ponto. Eis-aqui todo o assumpto. Mas que assumpto , meu Deos , e quem sou eu para tratar do vosso amor ? Apenas esses espiritos celestiaes , que perpétuamente vos contemplão , abraçados nessa Divina Caridade poderião exprimir seus sentimentos.

Ah ! eu reconheço , meu Deos na minha mais profunda confusão toda a minha indignidade ; mas eu espero em vós , e eis-aqui a minha força , e a minha confiança. Preparai , Senhor , o meu coração e o de todos os que me

ouvem, para que eu possa fallar-lhes dignamente, e elles com fructo receber as minhas palavras. Com esta preparação qualquer pequena faisca excitará hum grande incendio. Virgem Santissima, doce Mãi de misericordia, adoravel protectora, Luz, consolação, recurso de todos os peccadores, trata-se aqui a causa mais interessante á vossa gloria, e á gloria de nosso Senhor. Quero fazello amar, e quero amallo eu mesmo; ajudai-me, eu vo-lo peço pelo mesmo amor de Deos, que vos fez tudo o que sois.

### P R I N C I P I O.

**P**Or pouco que se contemple a summa independencia, grandeza, e Magestade de Deos, se faz logo incomprehensivel como sendo o Senhor, como he glorioso essencialmente de si mesmo, independente de tudo quanto existe, e amado por tantos milhares de Anjos, e de Bemaventurados, que creou, e podia criar tão facil-

mente sem limites, se mostre tão empenhado, para o dizer assim, em ser amado de huma creatura tão vil, e desprezível como o homem. E que não só lhe permitta que o ame, mas o queira obrigar a isso por hum preceito expresso: *Diliges Dominum Deum tuum.* (1)

Parecia-me que o Senhor occupado unicamente de sua felicidade summa, e de sua gloria immensa, inaccessible aos sentimentos, e affectos do nosso miseravel coração, não se dignaria de o contemplar: olharia com desprezo, e com desdem para o sacrificio inutil do nosso amor, a que apenas se dignaria de o soffrer. Parecia-me que sem deixar de ser tudo o que he, o Senhor nos forçaria só a hum tímido respeito á sua tremenda Magestade, a hum terror de sua gloria, e horror de seus eternos castigos. E com effeito, Senhores, hum Deos de tanta grandeza pôde abater a sua soberania altissima a desejar, a pertender, a mandar, e a

---

(1) Matth. ib.

pedir mesmo com tanto ardor, e effi-  
cacia o nosso amor? Que! interessa  
o Senhor alguma cousa neste nosso sa-  
crificio? Necessita elle de ser ama-  
do por nós, para ser infinitamente  
feliz, e glorioso? Poderos nós ac-  
crescentar com todo o amor imagi-  
navel hum ponto indivisivel á sua  
immensa grandeza? Perderia elle al-  
guma cousa em nos condemnar, em  
nos perder? Ah! se eu hoje me con-  
demnasse, ou se todas as creaturas se  
anniquilassem, e toda a humanidade  
se perdesse, não só não seria o Se-  
nhor menos glorioso do que he; mas  
receberia nisso mesmo huma especie  
de exaltação, e de triumpho. Faria co-  
nhecer assim de huma vez a sua Om-  
nipotencia, e grandeza; tomaria des-  
ta sorte huma justa satisfação de sua  
offensa; evitaria deste modo que nos  
atrassemos mais a insultar o seu  
Divino respeito; e teria em fim su-  
jeita com a violencia, e castigo a  
creatura rebelde, que não acaba de  
attrahir com a doçura, e amor. Mas  
bem longe de consentir a esta nossa

desgraça , e desdenhar o sacrificio do  
nosso amor inutil , nos manda que o  
amemos. Promette-nos huma eternida-  
de de gloria , se cumprimos esta Lei ,  
e huma eternidade de tormentos , se  
deixamos de a cumprir. Meu Deus  
do meu coração , e que sou eu Senhor ,  
para quererdes que eu vos ame , e  
para vos agastardes contra mim , se  
deixo de vos amar ? *Quis sum ego ,  
Domine , ut amari jubeas a me ,  
et irascaris mihi , si non faciam ?* (1)  
Ai de mim , meu adorado Senhor ,  
e he necessario mandar-me , não bas-  
ta que consintais , e me permittais es-  
ta honra , e confiança ? e não basta-  
ria para meu maior castigo , e mi-  
nha eterna miseria , se deixo de vos  
amar ? *Heu ! parum ne est ipsa mi-  
seria , si non amem te ?*

E na verdade , Senhores , que Prin-  
cipe , que personagem do mundo li-  
mitaria a sua Legislação para com  
os seus vassallos á obrigação de o  
amarem ? Qual delles faria só depen-  
der disto a distribuição de suas gra-

---

(1) Aug. L. 1. Conf. 5.

ças, o favor de sua confiança, a sua amizade, os seus favores, os seus prémios? A que Legislador, ou Filósofo lembrou já mais em o mundo dizer aos seus subordinados: Amame, não quero de vós outros sacrificio, ou tributo, e limito a isto só todos os vossos sacrificios, e as maiores recompensas? Filosofia pagã, systema politico das Côrtes, quando serias tu capaz de conceber a idéa de huma Lei tão doce, tão sublime, e tão Divina.

Grandes, Senhores do mundo, a Religião me manda não só que vos obedeça, e respeite; mas ainda que vos ame. Mas que fareis vós, ou que direis, se eu tivesse a confiança de dizer-vos: Eu vos amo. Ah! Vós serieis insensíveis a esta proposição; que digo eu? Vós a olhariéis com desprezo, ou talvez como hum grande atrevimento, e insulto commettido contra o respeito, que se deve á vossa grandeza respeitavel. Não importa; a Bondade de meu Deos me resarcirá deste humilhante desprezo,

no grande apreço, e acceitação, que se digna fazer do meu amor. Ao meu primeiro suspiro elle he servido acceitar logo este mesmo coração que desdenhais.

Que eu q dêsse primeiro a vós do que a elle; que seja repudiado de vós; que seja indigno d'elle, nada embaraça, ou retarda que o Senhor mo acceite. Assim mesmo repudiado, corrupto, e devorado de mil paixões vergonhosas o meu Senhor, o meu Deos mo acceita, o quer, o busca, e chega mesmo a pedir: *Præbe, Fili mi, cor tuum mihi.* (1) Divinamente benigno, misericordioso, indulgente este Senhor me soffre... Que digo eu, me soffre? me pede, me manda, que o ame de todo o meu coração, de todas as minhas forças, e de todo o meu espirito: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Que Deos como o nosso Deos! Que Bondade como a sua! Que Legislação tão doce, que preceito tão suave!

Sim, dizia Moysés antigamente

---

(1) Prov. C. 23. 26.

ao Povo de Israel : Este grande , e recommendavel preceito do amor , que Deos he servido dar-vos , não he humana Lei penosa , ou difficil de observar. Não excede de algum modo ás forças humanas com a graça, nem mesmo a vossa commodidade ; antes tem na sensibilidade natural do vosso mesmo coração felices disposições para a sua observancia : *Mandatum hoc , quod ego præcipio tibi , non supra te est , neque procul positum.* (1) Não está além dos mares , para que seja necessario buscar o seu justo cumprimento , nem sobre a região do ar , para vos accusardes de o cumprir : *Neque in Cælo sum , neque trans mare positum ;* (2) mas o tendes dentro em vós gravado em vossos corações para o observardes facilmente : *Sed in corde tuo , ut facias illud.* (3)

Não , Senhores , não se vos manda alguma cousa penosa , ou difficil de observar ; brevissimo , e suavissi-

---

(1) Deuter. 8 1.

(2) Ib.

(3) Ib.



mo preceito se vos dá, diz Santo Agostinho meu Padre: *Breve præceptum tibi præcipitur*; (1) amai a Deos unicamente, observai só este preceito em toda a sua extensão, e no resto fazei tudo o que quizerdes: *Ama, fac quod vis.* (2) Este unico preceito fielmente observado consummará em vós huma perfektissima Santidade. Só este amor de Deos fará regular vossas acções, ordenar vossas palavras, reprimir vossos desejos injustos; destruirá vossas paixões, santificará as vossas almas. Só este amor de Deos suavizará vossos trabalhos, adoçará as vossas austeridades, enxugará as vossas lagrimas, animará vossa esperança, fará toda a vossa gloria. Em qualquer situação que vos acheis, o amor de vosso Deos será a origem de todos os vossos bens, hum recurso universal de todos os vossos males. Nas prisões como José, nas peregrinações como Jacob, (3) nas

---

(1) Aug. trat. 7. in Epist. Joan.

(2) Ib.

(3) Genes.

contradições como Moysés , (1) nas perseguições como David , nas tempestades como Noé , nos incendios como Daniel , (2) no cativoiro como Tobias , (3) nas adversidades como Job , (4) nos tormentos como Eleasaro , na morte mais dolorosa como os sete Machabêos , (5) nas tribulações , nas angustias , nos carceres , nos naufragios , na fome , sede , e nudez . e em todos os trabalhos como S. Paulo . (6) Este Santo amor de Deos fará a vossa consolação , a vossa riqueza , o vosso merecimento , a vossa justificação , vosso prémio .

Sem este amor de Deos todas as vossas boas obras são insufficientes , as vossas penitencias são falsas , vossas lagrimas inuteis , vossas contrições fingidas , as vossas con-

---

(1) 1 Reg.

(2) Dan.

(3) Tob.

(4) Job.

(5) Mach.

(6) Act. Ap.

fissões suspeitas, as vossas communhões sacrilegas; sem este amor de Deos a vossa Religião he fanatismo, a vossa piedade hypocrisia, a vossa humildade falsa, e toda a vossa justiça he como a dos Fariseos. Sim, diz o Apostolo S. Paulo, por mais boas obras que façamos, nada nos aproveitará, sem que tenhamos Caridade: *Nihil produnt.* (1) Ainda que tenhamos tanta viveza de fé que possa mudar os montes; ainda que eu tenha todos os dons de profecia, e de fazer milagres, nada sou para Deos e nada me aproveita: *Nihil sum, nihil mihi prodest.* (2)

Oh doce, oh victorioso amor de Deos! oh Caridade! oh Divina Caridade! Virtude Santissima, Mestra, Corôa, Soberana de todas as mais Virtudes! Origem de todo o bem, preço da minha salvação, bemaventurança da minha alma, digna-te de me inflamar, encher, e dominar o meu coração.

---

(1) 1. ad Cor. 13. 2.

(2) Ib.

Miseravel coração , principio de  
minha vida mortal , centro de pai-  
xões infames , como entregas tu a  
minha felicidade em não amares a teu  
Deos ! Como sendo tão sensivel pa-  
ra os miseraveis , e falsos bens que  
te condemnão , e não podem saciar  
os teus desejos , és só insensivel pa-  
ra Deos , o só verdadeiro Bem ,  
unico Bem , e summo Bem ! só ca-  
paz de encher todo o teu vão , e  
de te fazer feliz eternamente ! Ah !  
que não possa eu despedaçar-te de  
viva dor dos teus apegos criminaes !  
que não possa abraçar-te em vivo fo-  
go de Divina Caridade , para não fi-  
car de ti algum lugar , algum vesti-  
gio de outro algum objecto , que não  
seja o meu Deos ! Almas Bemaven-  
turadas , gloriosas , que gozais já do  
summo Bem , e que não podeis dei-  
xar de o amar hum só momento , que  
doçura incomprehensivel não experi-  
mentais em o contemplar , em o amar  
sem distracção ! Eis-aqui o que faz  
a vossa gloria eterna , e tudo o que  
deve excitar unicamente os meus ar-

dentes desejos, e as minhas mais doces esperanças. E vós, malditos condemnados, victimas desgraçadas da cólera do Senhor; não, eu não tenho tanto horror ao vosso fogo ardentissimo, e aos vossos acerbissimos tormentos; mas não amar ao summo Bem! não o poder amar já mais! ter odio mortal a Deos! ser sempre aborrecido de Deos, maldito de Deos, sem esperança, sem recurso, sem remedio eternamente! oh infinita desgraça! oh incomprehensivel tormento! oh inferno! oh.....sofreí pelo amor de Deos que eu delire, e me confunda nesta reflexão tristissima. Não sei o que hia a dizer-vos.... Sim, fallava do amor de Deos; e para precipitar em fim a conclusão deste discurso, acho só com dizer-vos: Amai a nosso Senhor, porque elle o manda justissimamente, como desejei mostrar-vos. Amai a nosso Senhor, porque elle summamente o merece, como passo a mostrar-vos. Hum momento mais de attenção.

## SEGUNDA PARTE.

O Amor nasce tão naturalmente em os nossos corações da idéa do merecimento, e da utilidade, que nós não podemos suspender, ou retardar os seus impulsos, logo que o objecto amavel, e util se apresenta. Com a mesma impetuosidade, com que a pedra busca o centro, o fogo procura o ar; assim o nosso coração naturalmente tributario de affectos á bondade do objecto, o segue com tanta velocidade, que apenas podemos resistir a esta sua propensão. Por isso Santo Agostinho meu Padre chama ao amor hum pezo, ou impulso natural, que nos leva como necessariamente ao bem que conhecemos: *Amor meus pondus meum; illo feror quocumque feror.* (1)

Supposto este principio evidente; eu confesso, Senhores, que não posso comprehender, como sendo em nós tão natural a propensão para amar-

---

(1) Aug. 13. Conf.

mos a qualquer apparencia de bondade, sentimos tanta repugnancia em amarmos a hum Deos, que he não só summamente amavel, benefico, perfeitissimo, mas que he a mesma beneficencia, o mesmo amor, e a mesma perfeição completa, infinita. Todos convimos, que Deos merece infinitamente ser amado; conhecemos o soberano interesse, que nos resulta deste amor, as suas doçuras, as suas vantagens, e as suas infinitas recompensas. Sabemos, que neste amor consiste a felicidade dos Justos, e a gloria dos Bemaventurados, e com tudo: *Obstupescite coeli superos hoc;* (1) espantai-vos, oh Ceos, á vista d'isto; e com tudo não amamos ao nosso Deos.

E que? Senhores, falta-lhe acaso alguma perfeição, ou motivo para ser amado? Não as encerra elle todas em hum gráo eminentissimo? Ah! huma formosura fragil, e defeituosa vos transporta, e vos encanta! Amai-a no seu Author, diz San-  
Tom. VI. H

---

(1) Jerem. C. 2. v. 12.

to Agostinho meu Padre, que he infinitamente mais perfeito, e mais amavel, que todas as bellezas, que creou: *Qui pulchra fecit, pulchrior est omnibus, quæ fecit.* (1) Nas creaturas as menos defeituosas não podem já mais unir-se todas as boas qualidades; as suas perfeições mais agradaveis são sempre acompanhadas de indispensaveis defeitos. Amaveis, e luminosas por hum lado, ellas são defeituosas, e obscuras por outro. O gentil he ás vezes falto de modestia, o modesto he falto de gentileza; o sabio não tem humildade, o humilde não tem luzes; o discreto he presumido de ordinario; o poderoso he muitas vezes sem piedade; o piedoso sem poder. E quando possuimos em fim alguma virtude, ou alguns dons, carecemos de outros muitos. (2) Raquel era formosa, e amavel; mas faltava-lhe o ser fecunda. Lia possuia o dom da fecundidade; mas faltava-lhe a formosu-

---

(1) S. Aug.

(2) Gênes.



ra. (1) Michel era illustre pelo nascimento ; mas vaidosa ; e altiva. (2) Dina amavel sem cautela : Nuemi bella sem riquezas : (3) Athalia poderosa sem piedade , e cada qual finalmente com huma leve perfeição , une em si muitos defeitos.

He em Deos unicamente onde podemos achar tudo quanto póde excitar o nosso amor , e a nossa total satisfação. Só nelle se póde achar grandeza sem altivez , Magestade sem terror , misericordia sem fraqueza , ternura sem inconstancia , constancia sem pertinacia , immensidade sem divisão , existencia sem limites , justiça sem crueldade , omnipotencia sem abuso , e todas as perfeições possíveis , e imaginaveis reunidas sem apparencia de defeito , sem perigo de mudança , sem temor de alteração.

Perfeições , e formosuras da terra , vós podereis agradar por algum tempo ; mas o pouco brilhante que vos

H 2

---

(1) 2. Reg.

(2) Ruth.

(3) 3. Reg.

cerca, não poderá ser duravel. O mesmo dia vos mostrará amaveis, e odiosas como Thamar: (1) nesta hora brilhando como Jesabel (2) com o lustre adoptado, e de repente assustando com hum horror verdadeiro. Semelhantes, diz o Santo Job, (3) a huma flor, que o mesmo dia vê florescer, e murchar, brotareis em huma Aurora, murchareis em seu occaso, só a formosura, e a perfeição de Deos he estavel, e permanente. Ella só póde ministrar por toda a eternidade novos motivos de satisfação, e de amor. Por mais que seja contemplada, já mais poderá diminuir as primeiras impressões gloriosissimas, que causou nos Bemaventurados a sua primeira vista, e manifestação gloriosa. Formosura sempre antiga, e sempre nova, diz o meu Santo Agostinho, e ella unirá ao prazer sempre nascente huma constante duração, e eterna novidade.

---

(1) 2 Reg.

(2) Reg.

(3) Job. 14.

Não assim o amor dirigido ás creaturas. Elle não poderá já mais dar satisfação completa. O nosso coração creado só para Deos, e com extensão capaz de o possuir, estará sempre inquieto, diz o meu Santo Agostinho, em quanto não descançar neste seu centro Divino, e conservará sempre fóra d'elle aquelle grande vão, que só Deos podia encher: *Inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te.* (1) Ainda quando houvesse no mundo bondade, ou perfeição verdadeira, ella não podia firmar o nosso amor, nem satisfazer os nossos desejos. O temor só de se perder nos faria pagar com excessivas usuras a felicidade de o possuir. Quanto mais amavel, e precioso fosse o bem, de que gozassemos, e quanto mais a sua posse nos fizesse venturosos, tanto mais a sua perda nos faria desgraçados. E qual outro bem fóra de Deos deixaremos de perder? Honras, riquezas, dignidades, perfeições, quando eu vos possuísse,

---

(1) S. Aug.

não poderia conservar-vos. Seria obrigado a perder-vos com tanto maior tormento, quanto maior fosse o amor que vos tivesse. Vós fugirieis de mim, e castigariéis com isso justamente o meu criminal apêgo á vossa fragilidade e duração fugitiva.

Ah! Para que amaremos pois huns bens, de que não possamos gozar eternamente? Para que formar allianças, que seremos forçados a romper? Não, Senhores, não he racional amarmos hum bem, que nos pôde ser roubado: *Non amandum quod amantem auferri potest*, (1) diz Santo Agostinho. Sabeis pois o que devemos amar? o que possamos gozar eternamente: *Quid amandum quod nobiscum possit esse æternum*. (2) Amemos o que só he bom, só perfeito, só eterno. Amemos ao Summo Bem, amemos ao Deos de amor, porque só elle merece ser amado pelas suas infinitas perfeições, e pelos seus incomparaveis beneficios. E que beneficios, meu Deos!

---

(1) S. Aug.

(2) Ib.

Creação , conservação , justificação ,  
adopção : ah ! estes nomes muitas  
vezes parece não fazer já alguma im-  
pressão no nosso espirito ; mas se  
quizessemos contemplar estas finezas  
incompreensíveis , que motivos não  
achariamos aqui para excitar no nos-  
so coração hum ardentissimo amor  
para o Benefeitor Divino ? Que sen-  
timentos de ternura não excitaria a  
contemplação de seu Ser , de suas  
perfeições , e de seus incomparaveis  
benefícios ? Resolvamo-nos pois , bus-  
quemos a nossa felicidade , amemos  
a nosso Bom Senhor , porque elle o  
manda justamente ; e porque infini-  
tamente o merece .

Sim , meu Deos amabilissimo ;  
vós mereceis infinitamente ser ama-  
do . O nosso coração foi creado só  
para vos amar , e este amor dulcis-  
simo fará nossa felicidade sobre a  
terra , e a nossa gloria em o Ceo . Elle he  
justo que vos amemos de todas as nos-  
sas forças , e que este nosso coração  
se empregue só em vos amar sem di-  
visão , e sem reserva . Estamos prom-

ptos, Senhor, e nada nos poderá separar do vosso amor, nem a morte, nem a vida, nem a felicidade, nem os trabalhos, nem alguma creatura.

(1) Excitai nos nossos corações a chamma da Divina Caridade; vinde, apparecei, e firmai com a vossa graça o meu firme proposito de vos amar.

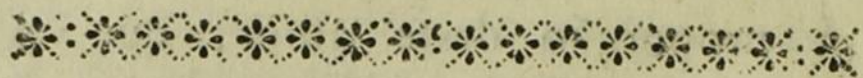
Ah meu Divino Senhor! e he necessario mais do que o contemplar-vos nesta Cruz para morrer de amor por vós? Hum Deos que se digna padecer, e soffrer tanto para me fazer feliz? Hum Deos, que sacrifica por mim hum Sangue tão precioso, huma vida tão amavel? Hum Deos que morre por mim, pôde deixar de ser amado! Posso eu ser tão insensivel, tão ingrato, que não ame a hum Deos tão bom? O meu Coração seria capaz de tanta ingratição, e de tão grande desgraça, que não vos quizesse amar? Ah! eu vos amo, Senhor, de todo o meu coração, de todas as minhas forças, e de toda a capacidade da minha Alma, e

---

(1) S. Paulo ad Rom. 8.

á proporção deste amor, que vos protesto, me peza de vos haver offendido, por vós serdes tão bom, e tão amavel. Eu vou, Senhor, tratar de desaggravar-vos com huma verdadeira penitencia; eu vou satisfazer com o meu pezar a vossa Divina Justiça. Castigai-me tambem, se sois servido, vingai no meu coração a desgraça, e miseria de vos não ter amado sempre, e de se atrever a offender-vos. Ou se a minha contrição vos mereça piedade, doei-vos, Senhor, da minha triste miseria, e fazei-me só a graça de vos amar eternamente. Eu espero na vossa graça que permitireis que eu não seja mais tão desgraçado que torne a offender-vos. Não, meu Deus, venhão antes sobre mim todos os trabalhos, e miserias, excepto a de offender-vos.

Padecer, soffrer, morrer, tudo quanto quizerdes de mim; mas nunca mais offender-vos. Sim, meu Divino Jesus, eu quero em fim amar-vos, quero a vossa amizade, suspiro pelo vosso amor, e clamarei até morrer pela vossa misericordia.



## V. DISCURSO MORAL

### S O B R E O C U L T O D E D E O S .

*Quis est Omnipotens, et serviamus ei?*

Quem he Deos, para o servirmos?

Job. C. 21.

**M**As para servir a Deos he necessario reconhecer sua immensa grandeza, respeitar submissamente a sua tremenda Magestade, captivar nosso entendimento em obsequio de sua verdade summa, consagrar nosso coração a seu perpétuo louvor, adoralo em espirito, e verdade, e dar-lhe hum culto verdadeiro, digno de sua infinita santidade, e de sua acceitação. He necessario, diz Nosso Senhor Jesu Christo, ratificando a antiga Lei do Decálogo, adorar ao Senhor, para o servir, como convém: *Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies.* (1)

---

(1) Matth. C. 4. v. 10.



Esta he a base, e fundamento de toda a Lei natural, escrita, Evangelica; Lei do Senhor immaculada, que converte as nossas almas; Lei adorave', santissima, escrita em os nossos corações; Lei eterna, universal, indispensavel, a quem a maior impiedade não teve ainda o atrevimento de disputar a justa obrigação de ser cumprida. Todas as Leis mais sagradas, as mais verdades orthodoxas, e todos os Santos mysterios do nosso Christianismo, tem sido algum tempo combatidos, e para eterna confusão do espirito humano, não tem havido hum só erro em ponto de Religião, que não haja sido adoptado, nem huma verdade só, que não fosse combatida por alguém. O Atheo nega a Deus a existencia. O Maniqueo a singularidade. O Ariano a unidade da Essencia. Sabélio a Trindade das Pessoas. Pelágio a necessidade da graça. Nestorio, e Apollinar o Dogma da Encarnação. Leão Imperador o culto das Santas imagens. O incrédulo disputa a Deus a sum-

na veracidade. O libertino a obediência á sua Lei. O peccador em fim a observancia a seus preceitos. O Deista mais ímpio, que todos elles, depois de ridicularizar, e combater a todas as verdades orthodoxas, destróe a santidade da Religião, a authoridade das Santas Escrituras, a canonicidade dos Concilios, e tudo o que he revelação.

Mas nem a Filosofia pagã, nem as Seitas mais grosseiras, nem a impiedade mais sacrílega se atreveo já mais a proferir, que não se deve adorar a Deos, e dar verdadeiro culto ao Ser Supremo. Que Deos deve ser louvado, he huma verdade evidentissima, e hum dos primeiros principios, que os Theologos chamão evidentes por si mesmo, e que não podem provar-se por outra verdade antecedente, ou que possa ter mais evidencia. Mas, para que esta grande verdade não fique isenta da malignidade dos ímpios, não podendo estes declarar-se claramente contra a sua evidencia, que artificio inventa

rião para a poderem destruir? Obser-  
vai-o comigo. Distinguem no culto,  
e louvor de Deos o que he espiri-  
tual, interior, e invisivel, do que  
he corpóreo, exterior, e manifesto.  
Dizem, e nisto convimos todos, que  
ha hum culto de Deos effectivo, prá-  
tico, e exterior, que se manifesta  
nas obras de piedade; e outro, que  
he affectivo, e de coração, espiri-  
tual, e invisivel, que se nutre só nos  
sentimentos, e affectos da nossa al-  
ma; e para destruir a hum e outro  
culto, semelhantes áquelle Horacio  
Romano, que para destruir os Curia-  
cios Albanos, os dividio, e separou:  
assim os ímpios para anniquilarem  
a todo o culto Divino, o separão, e  
dividem: hums dizendo, que basta só  
o culto interior, e de coração; e  
eis-ahi destruidas todas as obras da Re-  
ligião, e piedade: outros limitando só  
todo o seu culto a este mero exterior  
das obras pias; e eis-ahi anniquilado  
todo o culto interior, e todo o lou-  
vor de Deos.

Contra estes dois erros grossei-

ros venho mostrar neste discurso duas verdades oppostas, e defender na causa de Deos os inviolaveis direitos do seu culto, e o louvor, que lhe he devido. Eis-aqui as duas proposições, que vão dividir o meu discurso. Devemos louvar a Deos com hum culto exterior, pratico, e manifesto, em todas as acções de Religião, e piedade. I. Parte. Devemos louvar a Deos com culto interior, de coração, animado com todos os affectos da nossa alma. II. Parte. Em huma palavra, culto de Deos effectivo: culto de Deos affectivo; eis-aqui toda a moral, que vos proponho.

Mas eu não a posso tratar, como desejo, sem o auxilio muito especial de Deos, e eu o não mereço alcançar, sem que vós todos, Senhores, mo ajudeis a pedir; e sem que vós principalmente, Virgem Santissima, mo alcanceis do Senhor por vossos merecimentos, e por vossa intercessão. Oh! alcançai-me, alta Senhora, este auxilio opportuno para edificação deste Auditorio, para sua,

é minha salvação , para triumpho da vossa misericordia, e para louvor , e gloria de Nosso Senhor. Ensinai-me, grande Virgem , o modo de o louvar, e de persuadir a que o louvem. Que designio tão conforme á vossa grande piedade , e tão digno da vossa intercessão ! Eu o espero ; e vossas grandes bondades não saberão confundir a minha firme confiança em vós mesma. Correi ao meu auxilio , ajudai-me; isto he em vosso Nome, e em Nome do Senhor , que confio , que espero , que

P R I N C I P I O.

**A** Dorar submissamente a nosso Senhor , e nosso Deos ; mostrar-lhe nas obras de huma verdadeira piedade o espirito de Religião , que nos anima ; fazer-se sensivel o seu culto na prática das virtudes , que a sua Lei nos prescreve ; offerecer-lhe em todo o tempo sacrificios de louvor ; reconhecer seus beneficios em canticos de acção de graças , e a Magestade de seu Ser nos sacrificios de hum cul-

ta público, e manifesto; eis-aqui a Lei adoravel do Senhor imposta, e Ordenada a todo o homem desde a sua criação.

Em vão tentariamos illudir a força irresistivel desta santissima Lei, e a forçosa obrigação de a cumprir, o sentimento commum, o testemunho da nossa alma, a luz de toda a razão, e os brados estrondosos da Religião, e natureza, tudo grita, e conspira a ensinar-nos, que devemos adorar ao Creator, e dar-lhe hum culto sensivel em todas as acções, que lhe possam testemunhar os nossos respeito. Este foi o sentimento dos Patriarcas, dos Profetas, dos Justos da antiga Lei. Adão offerceo sempre a Deos sacrificios públicos, e os ensinou a offercer a seus filhos. Abel sacrificou victimas pingues das rezes dos seus rebanhos. Melchisedech lhe consagrou publicamente o pão, e vinho. Noé, Abrahão, Isaac, Jacob, e todos os antigos Justos erigirão em mil partes altares ao culto do Senhor, fizeram correr sobre elles o

sangue de suas victimas, e subir até o Ceo o fumo de seus incensos. Não foi necessario para isto que Deos lhe puzesse algum preceito expresso; e antes de toda a Lei escrita, todos offerecêrão ao Senhor seus sacrificios.

Ainda quando não tivéssemos para isto preceito positivo de Deos mesmo, e quando o Senhor o não ordenasse expressamente na sua Legislação em mil lugares do Exodo, do Levitico, dos Números, do Deuteronomio, e de todos os mais livros do Novo, e Velho Testamento; quando não tivera regulado com a mais exacta miudeza a necessidade, a materia, os ritos, os sacrificios visiveis, e todo o apparatus exterior do nosso culto; o impulso natural do nosso mesmo coração, a razão, a justiça, a piedade, e todas as Leis mais sagradas nos inspirão este justissimo tributo de nossas adorações, e nos dizem continuamente com David:

*Immola Deo sacrificium laudis, et redde Altissimo vota tua.* Offerece ao Senhor sacrificio de louvor, e

dirigí ao Altissimo os vossos votos, não só interiores, e occultos, mas públicos, e manifestos á face de todo o povo, nos atrijs de seu templo, e em todos os lugares: *In conspectu omnis populi ejus, in atrijs domus Domini, in medio tui Jerusalem.*

Tão natural he para todos os homens este culto público, sensivel, que se deve ao Ser Supremo, que por mais que a cegueira, e a corrupção humana quizesse riscar do coração todas as impressões, e as idéas do Divino Creador, nunca poderão resistir ao impulso vehemente de adorar algum objecto. Não querendo adorar a hum só Deos verdadeiro, arbitrarão muitos falsos; e não se contentando de divinizar homens ímpios, incestuosos, adultéros, sanguinarios, fizeram a seu arbitrio Deoses de pedra, de páo, de batro, e de metaes, para poderem adorar alguma cousa. Virão-se Póvos desgraçados, não só multiplicando a milhares Deoses abominaveis, e ri-



diculos da mesma especie humana; mas adorar, como Divindades, touros, fêras, serpentes, insectos, e os animaes mais immundos, mais asquerosos, mais vís. Mas a pezar deste delirio tão fatal, e tão humilhante á nossa fraca razão, não tem havido no mundo Nação, por mais ímpia, brutal, ou estúpida que fosse, que não tivesse algum culto, e não adorasse divindade, ou verdadeira, ou falsa.

E só ao verdadeiro Deos disputamos o louvor, as adorações, e o verdadeiro culto, que merece? Os homens tem sinaes exteriores, e sensiveis para cortejar aos outros homens. Os Principes devem receber sinaes sensiveis, e manifestos da subordinação de seus Póvos. Os senhores querem sinaes de respeito, e veneração de seus escravos. E todos nós queremos vêr effeitos da benevolencia, e attenção para nós em os nossos semelhantes. E vós, Senhor Altissimo, Creador Omnipotente, meu Deos, unico Senhor de tudo, quanto he

creado, só vós não tereis direito para receber de vossas creaturas hum testemunho práctico, visível, manifesto de seu reconhecimento aos vossos dons, e de sua necessaria submissão, e dependencia de vós mesmo? Vós, meu Divino Senhor, que creastes a tudo, o que he visível, tereis só direito a hum culto invisível? Vós, que para nos fazer felices fostes servido fundar huma visível Igreja, dar-lhe hum visível Chéfe, e instituir os vossos Sacramentos sobre materias sensiveis? Vós em fim só Deos, e só Senhor, não tereis direito algum, para receber de nós alguns sinaes manifestos de Religião, e de respeito?

Impia Filosofia dos nossos tempos, impiedade atrevida, liberdade de pensar, e de clamar continuamente contra as acções de piedade, donde te veio tanta audacia para te erigir contra Deos, e disputar-lhe o culto, e adorações, que se lhe devem? Donde podia vir esta nova Filosofia, que não cessa de declamar contra os

exercícios de piedade Christã; que verte em ridiculo as práticas mais sagradas da Religião; que zomba da penitencia, que despreza o jejum; que trata a palavra de Deos como entretenimento popular; que julga ociosidade a assistencia nos templos; que não se digna visitallos mais, que a observar o que se passa; que deixa de assistir ao Sacrificio da Missa, e despreza todos os preccitos da Igreja; que se envergonha de chegar ao Tribunal da Penitencia, e Meza da Communhão. Donde vem este impio atrevimento, que quer julgar soberanamente os Dogmas da Religião, e citar a Deos ao tribunal do jurzo humano, para decidir, se ordenou bem, ou mal, e se he racionavel, ou injusta a sua Lei?

Para que são, nos dizem elles, para que são cá estas solemnidades, e despezas exorbitantes no culto de Deos, e de seus Santos? Estas proccissões, estes terços pelas ruas, Sermões, Missas, Via-sacras, penitencias, orações, e todo o exterior de

devoção? Malignos censores da virtude, se não sabeis para que são, vós ignorais o que mais deveis saber; e se por ventura o sabeis, vós sois insidiosos, seductores, inimigos da humanidade, que procurais seduzir. Para que são estas acções de piedade? São para mostrarmos ao Supremo Senhor a nossa essencial dependencia, e sujeição á sua infinita grandeza. Para confessar na humiliação do nosso corpo, e do nosso espirito, que elle he o Creador, e Senhor de hum e outro. Para lhe testemunhar o nosso justo respeito, amor, e reconhecimento á sua immensa grandeza, beneficencia, e bondade. Para darmos testemunho da nossa fé. Para desaggravar ao Senhor nestes sinais sensiveis dos escandalos, e offensas públicas, que recebe de vós, e dos máos Christãos. São para confundir a impiedade, e fazer-lhe conhecer a seu pezar, que a Religião terá sempre adoradores, e Deos quem o louve, o sirva, e o adore. São em fim para obedecer a Deos, que o

manda ; á Santa Religião , que o persuade ; á boa razão , que o ensina ; á obrigação , que o pede.

Mas não basta , replicaís ainda , não basta que se fação estas acções de piedade occultamente ? Não podem rezar , e louvar a Deos em sua casa ; fechar-se no seu oratorio , e ahí ferir o peito , e praticar todas as mais acções , que chamão de piedade ? Impostores , esse he o mais insidioso artificio da vossa irreligião. Não bastão pois essas acções occultamente para satisfazer a nossa obrigação para com Deos. Não basta só orar occultamente , nem ser só Christão em público. He necessario huma e outra cousa. *Hæc oportet facere , et illa non omittere.* (1) Convém orar occultamente ; he verdade ; o mesmo Jesu Christo nos diz , que , *quando quizermos orar , entremos no cubículo , e que ahí , fechada a porta , oremos ao Pai Celestial.* (2) Mas elle mesmo nos diz , que , se o não confessar-

---

(1) Luc. Cap. 11. v. 42.

(2) Matth. Cap. 6. v. 6.

mos em público, e na presença dos homens, não nos conhecerá por seus discipulos diante de seu Eterno Pai. Manda-nos occultar modestamente a virtude, para evitar a vangloria; mas ordena ao mesmo tempo, *que manifestemos as nossas boas obras para edificação dos nossos proximos, e para gloria do Senhor; (1) de maneira que a intenção seja occulta, como explica S. Gregorio, e a boa acção manifesta: Sic autem sit opus in publico, quatenus intentio maneat in occulto.*

Mas que faço eu, Senhores? He necessario justificar, e provar a obrigação de fazer profissão pública da Religião, que professamos? Somos acaso estrangeiros a respeito dos deveres do nosso Christianismo? Devia lembrar já mais a hum Christiano o perguntar, para que são estas acções de piedade? A que fim pois ordenaria Deus tantas penitencias públicas em Ninive, em Jerusalem, na Bethulia, na Judéa, e em todas as

---

(1) Matth. C. 5. v. 16.

Provincias dos Hebrêos? Para que tantos sacrificios antigos ordenados em a sua Lei? A que fim as grandes solemnidades da Pascoa, do Pentecostes, dos Tabernaculos, das Encenias, e tantas outras, que a Escriitura nos refere? Podemos nós censurar depois disto as práticas de piedade Christã, e estranhar que o Senhor seja louvado com o culto solenne, e manifesto? O mundo terá quem lhe faça tão notorios sacrificios, o demonio terá públicos sequazes. As Seitas terão discipulos; a Idolatria, o Mahometismo, o Lutheranismo, e as mais Seitas terão solemnidades, sacrificios públicos, e só a Religião Christã os poderá ter só occultos? Oh Santa Religião! Oh fé antiga! Oh santa simplicidade de nossos antepassados!

Julga-se pequenez de espirito, e prejuizo popular o exterior, e as acções de piedade, o esplendor, e magnificencia da Religião Christã; a sua moral sublime, sua gloriosa profissão, as suas augustas ceremo-

nias, as suas festas pomposas; e ao parecer destes censores o louvor do nosso Deus, que faz toda a Religião da Igreja Militante, e Triunfante, he julgada (oh meu Deus!) só propria de almas vulgares! de espiritos fracos, prevenidos, e fanaticos! Mas hum Salomão orando, e sacrificando publicamente no meio de sua côrte; hum David saltando de alegria, e dançando entre o povo na trasladação da Arca Santa: hum Tobias enterrando os mortos com as suas mãos: hum Job louvando ao Senhor em meio de seus trabalhos: todos estes, e infinitos mais, que pudéra referir, todos são espiritos fracos, fanaticos, e populares? Jesu Christo em fim cumprindo exactamente todas as ceremonias legaes, assistindo nas solemnidades do Templo, confessando públicamente ao Pai Celestial, e cumprindo até o ultimo jota toda a Lei, era espirito fraco, prevenido?

Tantos Heróes de santidade, tantas almas generosas, que renunciárão a grandeza, a opulencia, e



toda a gloria do mundo, por se occuparem unicamente das adorações, e dos louvores de Deos: os Príncipes, os Reis, os Imperadores Christãos elevando a Religião de Jesu Christo sobre a elevação do throno, e sobre as suas corôas: hum Constantino em Roma; hum Henrique em Italia; hum Vencesláo em Bohemia; hum Luiz IX. em França; hum Eduardo em Inglaterra; hum Fernando em Hespanha; hum Guilherme em Aquitania; huma Margarida em Escocia; huma Isabel em Portugal; e tantos outros Monarcas não forão todos elles mais illustres, mais recommendaveis, mais gloriosos, por louvarem a Suprema Magestade, pelos testemunhos públicos de sua grande piedade, do que por toda a augusta grandeza, e esplendor de seu throno? Porque motivo pois, porque desgraça, meu Deos, estimamos em tão pouco o vosso justo louvor, e o vosso culto? Onde vem, meu bom Senhor, tanta deserção em os vossos templos, tão pou-

co gosto , e concurso dos Fiéis ás santas solemnidades da Igreja ; aos sacrificios da Missa ; dos officios Divinos ; da vossa Santa Palavra ?

Que escandalo com effeito , que ultraje para Deos , que dôr , que amargura para a Igreja nossa Mãe , que opprobrio para o nosso Christianismo , que triumpho para os infieis , e inimigos da mesma Igreja , o vêr desprezados entre nós os mais sagrados mysterios do culto , e louvor Divino ? As nossas Igrejas desertas no tempo dos sacrificios , e as Senhoras Christãs renunciando as solemnidades , fazendo hum eterno divorcio com os Templos , e passando annos inteiros sem ouvir a palavra do Senhor , sem assistir ao sacrificio da Missa , e sem mostrar a Deos algum exterior de culto , e de Christandade ?

Emendemos , Senhores , este erro ; evitemos este escandalo , e opprobrio do nosso Christianismo. Demos gloria ao nosso Deos , e longe de nos envergonhar , de nos mostrarmos seus servos fieis , fundemos toda a nossa

gloria em o ser, e o mostrar. Deixemos gritar a impiedade contra os exercicios de virtude. Elles farão sempre a felicidade, e a gloria das almas boas. Só a Religião, e piedade nos podem fazer felices, uteis, e recomendaveis, e fundar a nossa consolação, e o nosso bem no tempo, e na Eternidade. Louvemos pois ao nosso Deos, não só com o culto exterior, e práctico em obras boas, mas com o culto interior, e affectivo de reconhecimento, de amor, e devoção pura, e affectuosa.

## SEGUNDA PARTE.

**S**E Deos, como Creador, e Senhor do nosso corpo, exige necessariamente de nós hum culto corpóreo, exterior, e práctico em obras boas; como Author do nosso espirito pede, e deve receber hum culto espiritual, e interior de religiosos affectos, e sentimentos, tanto mais fervoroso, e excellente, quanto o nosso espirito he superior na digni-

dade ao nosso corpo. Devemos pois respeitar, e adorar sua infinita grandeza com a mais profunda humiliação; o seu supremo dominio no sentimento íntimo da nossa essencial dependencia, e sujeição ás suas Leis adoráveis: reconhecer, e adorar a sua infinita bondade com os mais puros affectos do nosso coração, e do nosso amor; a sua beneficencia no nosso fiel reconhecimento, e justas acções de graças; os seus Divinos attributos finalmente na nossa contemplação, e adorações. Eis-aqui o verdadeiro culto, que o Senhor deve receber de seus fiéis adoradores: não puramente exterior, de ostentação, e de vangloria; não de superstição, e de hypocrisia; não de certas contorsões, e affectações de piedade: não com huma devoção falsa, e mal entendida de fórmulas, e orações arbitrias, e de miudezas, que a Igreja não approva: não finalmente deixando os preceitos essenciaes da Lei de Deos, e da Igreja, para se occupar só com exactidão de cousas, ou in-

differentes á virtude, ou supersticiosas, e contrarias a ella.

Tal era, Senhores, a falsa justiça dos Fariseos, muito exactos na observação de suas tradições, e transgressores dos principaes, e indispensaveis preceitos: escrupulosos até o ponto de reputar por grande crime, que Jesu Christo communicasse com os publicanos, e peccadores, e que fizesse milagres no dia de sabbado; e ímpios, e blasfemos até o excesso de os attribuir á virtude dos demônios: delicados, e escrupulosos até temer de se contaminar entrando no Pretorio de Pilatos; e scelerados, e sacrílegos até crucificar ao seu mesmo Redemptor. Justiça Farisaica, e piedade ímpia, fanatica, diabolica, que Jesu Christo lhes arguia com a maior severidade, e mais fortes invectivas: *Ai de vós*, lhes dizia o Senhor, *ai de vós, Escribas e Fariseos, hypocritas, que fechais o Reino dos Ceos.* (1) *Vae vobis, Scribae, et Pharisei hypocritae, qui clau-*

---

(1) *Matth. Cap. 23. v. 13. seq.*

*ditis regnum Coelorum.* Ai de vós, que dizimais muito escrupulosamente as hortaliças de nenhum valor, e desprezais entretanto os mais graves, e indispensaveis preceitos da Lei, rezando ao mesmo tempo *orações muito compridas*, engasgando-vos com hum mosquito, e engulindo hum camelo: *Excolantes culicem, camelum autem glatientes.* Ai de vós, que vos pareceis ás sepulturas branqueadas por fóra, e por dentro estão cheias de abominação, e corrupção: muito exactos no exterior da devoção, e na realidade cheios dos peccados mais enormes.

Semelhantes a estes Fariseos hypocritas são aquelles falsos devotos, impostores, que affectando hum exterior de piedade, conservão no coração cheio de fel a soberba, o odio, a inveja, e o resentimento contra o seu proximo. Aquelles que com o ro-zario na mão misturão as suas orações com a murmuração, a calumnia, e mil palavras mordazes, e peccaminosas. Que muito exactos nas suas de-

voções arbitrarías , e de sua invenção, faltão á obrigação da Missa , do jejum , da confissão , e dos mais preceitos de Deos , e da sua Igreja. Aquelles , e aquellas finalmente que com o pretexto da sua devoção passam as manhãs , e os dias inteiros na Igreja inutilmente , deixando a sua casa , e familias em desordem , exposta a mil inconvenientes , e perigos , valendo-se da capa de devoção , para fugir ao trabalho , e ás obrigações do seu estado.

Não he esta , Christãos , a devoção , com que Deos quer ser adorado , e servido. Não são estes os verdadeiros adoradores , que Jesu Christo dizia , que havião de adorar em espirito , e verdade. Emendemos pois no nosso culto , e louvor de Deos este abuso Farisaico. O Senhor , a quem servimos , não póde ser enganado com exterioridades vans , nem acceitará huma victima , que não se lhe offerece inteira , e sem divisão. Elle he o Deos da caridade ; toda a sua Lei , todo o seu culto deve ser

culto de amor, diz o meu Santo Agostinho: *Non colitur, nisi amando.* Mas será verdadeiro culto celebrar com muita pompa as suas solemnidades, ornar magestosamente os seus altares, e não purificar de algum modo as nossas almas? Será verdadeiro culto buscar o seu Templo só por hum convite politico, por obsequio, a quem dirige o festejo, por vêr, e por ser visto, e por outros fins ainda mais abominaveis? Será verdadeiro culto entrar no Templo do Senhor, para alli receber cortejos, para dividir os incensos, que se offerecem a Deos, para receber tambem alguma porção de culto, e usurpar para si o respeito, e attenções, que se devem ao Creador? Não, Senhores, longe de aplacarmos a Deos com hum culto tão indigno, e tão ímpio, vós attrahireis tristemente as maldições do Senhor, e contemplareis a vossa reprovação. Louvemos pois ao Senhor, como convém, e como merece a sua infinita santidade; isto he, com hum



culto exterior, manifesto em obras de piedade, e com hum culto interior, e de coração animado dos sentimentos de amor, e devoção.

Sim, meu Deos, e meu Senhor, todos estamos conformes nestas maximas santissimas: todos vos queremos louvar com respeito, e amor, que vos devemos. Vinde, Senhor, receber os nossos votos, e as nossas fiéis adorações. ✠ Aqui tendes, Senhor, hum Povo de adoradores, que prostrado submissamente aos vossos pés vos louva, e vos adora muito mais ainda nos affectos de sua alma, do que nesta exterior humiliação, em que o vêdes. Nós todos vos adoramos, e louvamos ainda mais na contrição, e amor dos nossos corações, do que nas expressões de sua boca. Vós sois só o nosso Deos, o nosso amado Senhor, a quem devemos adorar, e dirigir o nosso culto, e nada mais dividirá os nossos respeitos, e as nossas homenagens. Ah! se tivéssemos anticipado ha muito esta nossa resolução! Mas de chegarmos

tão tarde nos peza muito no interior dos nossos corações. Peza-nos, Senhor, de vos havermos offendido; peza-nos da nossa ingratição, do nosso descuido, da nossa negligencia em vos louvarmos fielmente; mas fiados na vossa graça vos promettemos a emenda, e protestamos perpétua fidelidade. Pai divino, perdoai-nos por vossa summa bondade, por vosso eterno amor, pela vossa infinita misericordia.



## VI. DISCURSO MORAL

S O B R E

### A GLORIA DE DEOS.

*Quis est Omnipotens, ut serviamus ei?*

Quem he Deos, para o servirmos?

Job. C. 21.

**P** Ara dar em fim a ultima resposta a esta grande pergunta, eu vos não direi já, Senhores, nem o que Deos he em si mesmo, nem o que exige de nós. Não exporei mais ás vossas meditações nem a sua grandeza, e Magestade, que interessa tanto o nosso conhecimento; nem o seu dominio universal, que pede os nossos serviços; nem a sua infinita bondade, que reclama o nosso amor; nem a sua infinita santidade, que merece o nosso culto. Bellas, e interessantes verdades da Religião Divina, eu vos deixo em fim, a meu pezar; e obrigado a emmudecer sobre os vossos

encantos, eu vou reunir-vos todas em huma só grande verdade, que vos observará gloriosamente em sua vasta extensão. Desgraçado eu mil vezes, se neste ultimo empenho não recuperero o perdido, e vos não restituo o lustre, que a minha indignidade vos roubou. Mas graças ao Ceo benigno! eu tenho de fallar ainda huma vez do nosso Deos, e entretervos por hum pouco de sua gloria immensa.

Para dar pois, como dizia, a ultima resposta a esta grande pergunta do meu texto, e para vos dizer finalmente quem he Deos, para o servirmos, não vos direi já com David, que elle he o Deos Forte, e Poderoso; o Deos, e Senhor dos Deoses, Creador do Universo, e Author das maravilhas: com o Evangelista Profeta, que elle he o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, o que era, he, e ha de ser Omnipotente: com S. Paulo, que elle he o Juiz Supremo, o Deos das misericordias, e de toda a consolação: com os oráculos

da Escritura, que elle he nosso unico Senhor, nosso Pai, nosso Amigo, nosso centro, nosso fim, nosso principio, nosso tudo.

Mas para me cingir só ao meu assumpto, eu vos digo unicamente, que elle he hum grande Deos, a quem servir he reinar. Hum Senhor, cujo serviço he infinitamente devido, suave, interessante, glorioso. Hum Deos infinitamente grande para quem o contempla; doce para quem o serve; terno para quem o ama; santo para quem o louva; optimo, maximo, dulcissimo para quem tem a felicidade de o gozar, e possuir. Hum Deos, que para recompensar nossos serviços tem o Empyreo por Palacio, o seu Throno por assento, a si mesmo por corôa, a sua gloria por premio. Hum Deos, que conta entre os seus servos os homens mais illustados, os herôes mais verdadeiros, os Principes mais gloriosos, os Espiritos mais sublimes, os Anjos, os Serafins, os Thronos, os Principados, as Virtudes, e tudo quanto ha

na terra, e no Ceo mais elevado, e mais augusto. Hum Deos... perdoai, Senhores, as minhas amplificações. Em hum assumpto tão vasto, tão incomprehensivel, tão immenso, não poderemos já mais amontoar tantas idéas, que possam, eu não digo esgotar, mas nem mesmo attingir a sua grandeza immensa, inaccessible. Hum Deos em fim, que promette, e dá a quem o serve huma habitação felicissima, huma morada de delicias, huma eternidade de gloria; e que gloria, oh Bom Deos!

Temerarios esforços de minha fraca razão, escondi-vos, entrai lá no vosso nada. Luminosas trévas de minha fé, dirigí minhas idéas. Espiritos tutelares dos que evangelizão a paz, esforçai minha fraqueza. E vós, gloriosa Mãi da Sabedoria increada, Mestra, Directora, Luz de minha triste ignorancia, dignai-vos de soccorrer-me, e de tomar a vosso cuidado esta causa do Senhor, e a manifestação de sua gloria. E que gloria, Senhores! Ah! tratemos de a conhe-

cer, para a podermos merecer; tratemos de a merecer, para a podermos possuir. Eis-aqui pois todo o plano, e divisão deste discurso. A excellencia, e a posse da gloria de Deos, e de seus Santos; a excellencia da gloria fará, que se chegue a desejar. I. Parte. O desejo desta gloria fará que se chegue a conseguir. II. Parte. Em huma palavra; gloria de Deos contemplada, gloria de Deos possuida, eis-aqui todo o assumpto.

Hum cégo, Senhores, que em meio de hum claro dia se arrasta com trabalho, sondando, e apalpando o caminho perigoso cercado de precipicios, que não conhece, e he obrigado a seguir, excita naturalmente as atenções, e compaixão de todos, quantos observão os seus passos trabalhosos; e elle he bem natural soccorrer a hum miseravel nestas tristes circumstancias. Esta condição pois me favorece, e me abona as vossas atenções, e o auxilio da vossa intercessão para com Deos a meu favor. Eu entro muito ás cé-

gas neste caminho tão desconhecido para mim, doei-vos do meu perigo, não queirais perder de vista o termo a que me encaminho; ou melhor, esquecei-vos totalmente de quem falla, e occupai-vos só da contemplação da Gloria Celestial, que principio a descrever.

Huma Côrte brilhantissima, onde o Soberano he Deos, e os Cortezãos reinantes são coroados da gloria, da honra, e da Magestade do mesmo Senhor, que os glorifica; huma Cidade do Altissimo, onde os habitadores unidos em huma profunda paz, e perfeita caridade se contemplão sem inveja, se felicitão sem lisonja, se amão sem violencia, se glorificação sem fadiga; huma morada eterna, gloriosa, jucundissima, onde não falta algum bem, que se possa desejar, nem se teme algum mal, que alli possa acontecer; huma sociedade de Justos, de Amigos, de felices unidos nos mesmos sentimentos, satisfeitos do mesmo objecto, bemaventurados da mesma felicida-



de, gloriosos de huma mesma Bem-aventurança eterna, que os enche, inunda, e absorve em torrentes de delicias; huma visão clarissima de Deos, huma fruição do Summo Bem, huma glorificação completa, immensa, exuberante; huma contemplação, hum conhecimento, hum amor, huma satisfação, hum desejo, e huma posse de Deos; mas contemplação sem fadiga, conhecimento sem trabalho, amor sem desassocego, satisfação sem desgosto, desejo sem privação, posse sem temor de perder o grande bem, que se possui; hum estado perfeitissimo composto de todos os bens reunidos na sua maior abundancia, e perfeição imaginavel; hum prazer sempre nascente; huma felicidade sempre nova; huma gloria, que nem os olhos tem visto, nem os ouvidos percebido, nem o coração alcançado, e cuja immensa grandeza nem sabedoria exprimir o mesmo, que a possui; huma luz, que não se extingue; hum dia, que não anoitece; hum prazer, que não se esfria; hum

bem, que não se acaba; huma alegria sem fim; huma felicidade sem termo; huma gloria sem limites; huma posse permanente, huma fruição do Summo Bem, huma Bemaventurança, (oh Deos!) onde os vossos escolhidos contemplão, adorão, amão, e participão a vossa Divina Essencia claramente manifesta, e onde vós sois a sua Corôa, a sua felicidade, o seu bem, o seu tudo; huma vista, huma união, huma communicação de luzes, de sentimentos, em que o entendimento vos goza, a memoria vos contempla, a vontade vos adora, e toda a nossa alma vos ama, e he absorpta em vós mesmo: oh Deos, Bom Deos, amado Deos; onde estou? Que pretendo! em que assumpto me empenho! e como hei de sahir deste labyrintho immenso! Não, Senhores, não passemos adiante; deixai-me ficar aqui, e perder-me felizmente nesta contemplação da gloria de meu Senhor.

E com effeito, Senhores, isto he hum artigo o mais consolante de

nossa fé, e mais digno de occupar as nossas meditações, e todas as faculdades da nossa alma. Mas hum artigo, huma verdade, que excede infinitamente as forças da humana eloquencia, para poder representar os seus suavissimos encantos. Bem assim como na ordem mesmo da natureza ha algumas producções, que se não podem pintar, sem diminuir muito a sua perfeição original, como a intensão da luz, o resplendor de huma chamma, o lustre do diamante, a diaphanidade do crystal, a vivacidade dos olhos, e outros muitos effeitos naturaes; assim na ordem da graça ha verdades tão sublimes, e tão inacessiveis á nossa capacidade, que não se podem explicar, sem as enfraquecer, e quasi anniquilar. A gloria de Deos, e de seus Santos he huma destas verdades ineffaveis, e mais ineffavel que todas.

Ah! quanto são pois gloriosos, e amaveis vossos Santos Tabernaculos, Grande Senhor das virtudes! (exclama o Rei Profeta) a minha al:

ma suspira, e desfalece em hum desejo ardentissimo de entrar em os seus átrios. Bemaventurados pois os que habitão nessa morada feliz, onde vos louvarão eternamente: *Beati qui habitant in domo tua, Domine, in secula seculorum laudabunt te.* (1) Que felicidade com effeito a de huma alma gloriosa, que dissipadas já todas as trévas, e levantados os véos, que lhe encobrião o seu Deus, o chega a vêr claramente, como elle he em si mesmo? Que torrentes de delicias, quando se nos mostrarem claramente na mesma Essencia Divina todos os profundos mysterios de sua misericordia, e bondade, os segredos de sua Sabedoria, os prodigios de seu Divino amor, todas as Divinas perfeições, e todo esse Ser Divino, que he origem de todas! Que immensidade de gloria ver neste mesmo Ser Divino todos os grandes mysterios da natureza, e da graça; as causas, os effeitos, os fins, os meios, a ordem, a combinação,

---

(1) Psal. 83. V. 5.

e as relações das obras da Providencia! Ver no coração de Deos o segredo, e o mysterio da minha predestinação, a permissão de minhas quedas, e todas as impressões, e os effeitos de amor, e de ternura, que o Senhor teve por mim desde a eternidade! Amar já sem distracção ao Summo Bem, que possuo; possuir o Summo Bem, a quem amo, e que estou já seguro, que serei amado para sempre! Oh prazer incomprehen-sivel! Oh consolação ineffavel! Oh Gloria! Oh Celestial Bemaventurança!

Ah Senhores! parece-me, que se abre aqui o Ceo, como em outra occasião a Santo Estevão, em nessas meditações. Parece-me divisar esta infinita multidão de Bemaventurados juntos ao Throno de Deos, como os vio Isaias. A Gloria, e a Divindade, que os recebe em seu seio, os cerca, os enche, os penetra, e os absorve em si mesmo. Inundados, e absor-tos neste Oceano immenso de luzes, e de perfeições Divinas, elles conhe-cem os designios, os conselhos, e to-

das as obras do Altissimo. Seu espirito vê tudo, conhece tudo na Essencia de Deos, que os instrue.

Que gloria, que felicidade, meus covintes! Eis-aqui o que he verdadeiramente ser feliz, e o que só pôde chamar-se felicidade verdadeira. O mundo, desenganai-vos, não pôde já mais fazer felices. Elle não tem de seu fundo mais, que desgraça, e miseria. Em vão procuramos nelle a nossa felicidade. Os seus bens falsos, amargos, fugitivos nos escapão; e assim mesmo falsos, e vãos, como são, não os podemos possuir todos ao mesmo tempo. Para segurarmos huns he necessario renunciar aos outros. O soberbo he necessario renunciar as doçuras da sociedade: o avarento para amontoar riquezas perderá todo o repouso, e padecerá trabalhos, fome, penuria, e mil miserias: o indolente, o ocioso para conservar o seu descanso soffrerá todas as amarguras da pobreza, da fome, e da penuria; e para conseguir em fim seu appetite, Esaú perderá o seu morgão.

do, Sansão sua robustez, Balthazar sua vida, Holofernes a victoria, Salomão a sabedoria, Sedecias a corôa, e quasi todas a eterna salvação. Mas possuir todo o bem, sem perder alguma cousa; ser feliz completamente, sem lhe faltar algum bem; e possuir ao mesmo tempo tudo, quanto pôde encantar o nosso espirito, e satisfazer o coração, não procureis sobre a terra.

Só na Celestial habitação pôde haver huma felicidade pura, completa, universal. Nesta vida miseravel a felicidade de hum faz a desgraça de outros, e os bens, que hum só possui, são perdidos para muitos. Hum não pôde commandar, sem que muitos obedeçam; nem vereis hum exaltado, sem vêr muitos abatidos.

A elevação de Daniel fez a desgraça dos Satrapas de Babylonia, (1) a exaltação de Mardoqueo fez a ruina de Aman, (2) e a escolha de Esther fez o repudio de Vasthi. Só

*Tom. VI.*

L

---

(1) Daniel. C.

(2) Lib. Esth.

na Celestial habitação, a felicidade he universal, inteira, e gloriosa universalmente para todos. Alli só reina huma paz inalteravel, huma concordia perfeita, e huma gloria consummada. Alli o coração sempre satisfeito de huma universal felicidade vê todos os bens reunidos concorrerem a apresentar-se aos seus primeiros desejos. O espirito firme, e immovel no amor, e na posse de seu Deos, não he susceptivel mais de algum desgosto, e tudo concorre como torrentes de prazer a inundar a alma bemaventurada em huma felicidade pura, permanente, inamissivel, eterna.

Sim felicidade eterna! nem ella seria felicidade, se se pudesse perder, ou acabar. Mundo miseravel, desgraçado, impostor, quanto tu és desprezivel á vista desta felicidade dos Justos! Quando nos poderias dar tu hum bem, que fosse duravel! Não, não; grita o Apostolo S. Paulo, o tempo he breve, a figura do mundo passa rápidamente, e escapa ás nossas vistas; mas os seus chamados bens



ainda passão com mais velocidade, e rapidez. Por pouco que vivamos sobre a terra, não deixamos de presenciá mil revoluções fataes. Quantos não tem gozado hum só dia da sua felicidade? Esta he a condição dos bens do mundo, diz o meu Santo Agostinho, ou elles nos deixarão, ou nós seremos forçados a deixallos: *Labitur hoc ab illo, qui tenet, vel ipse ab eo, quod tenet.* (1) Que destino infeliz! Tantos annos de trabalhos para possuir; hum momento só para os perder! Trabalhar, fatigar, tyrannizar-se, não tanto para possuir, quanto para ter que deixar! E poderá fazer a nossa felicidade hum bem, que o mesmo instante vê apparecer, e fugir! Não, não; continúa o Santo Padre, a felicidade verdadeira não póde consistir em hum bem, cuja duração he fragil, inconstante, fugitiva. Elle he necessario pois buscar hum bem eterno, para nos fazer felizes. E onde o acharemos?

Em vós só, meu Deos, que sois

L 2

---

(1) 5. Agost.

este Bem Eterno , infinito , inamissivel , de que nada pôde separar-me , e de que só posso gozar eternamente. Eu vos contemplarei , eu vos verei , e vos amarei por toda a extensão dos seculos. Prazeres encantadores , delicias puras , vós renascereis , sem cessar na minha alma. Os seculos passarão , e eu serei sempre tranquillo , feliz , bemaventurado. Deixai-me , Senhores , exclamar aqui com Santo Agostinho meu Padre : Oh Santa Sião ! Oh doce Patria ! Oh Cidade Santa ! Oh suavidade , oh doçura , oh delicias , onde tudo he estavel , permanente , eterno ; tudo se goza , e nada se diminue , nada se muda , nada passa ! *Oh Sancta Sion , ubi totum stat , et nihil fluit !* Oh Reino eterno , para onde fui creado , onde a mocidade não envelhece , a formosura não desmaia , o gosto não se diminue , a vida nunca se acaba ! *Oh Regnum beatitudinis , ubi juvenus nunquam senescit , ubi decor nunquam tepescit , gaudium nunquam decrescit , et vita terminum nescit !*

Reino, felicidade, gloria, eu te de-  
sejo, eu te suspiro, eu te espero, e  
eu te vou a conquistar com a gra-  
ça de meu Deos. Sim, Senhores,  
vós tendes visto do modo, que me  
foi possível, a excellencia da gloria;  
tratemos de a possuir; esta he a  
minha.

## SEGUNDA PARTE.

**P**Or pouco que contemplemos a  
immensidade da gloria, que se nos  
promette no Ceo, dizia o Grande  
São Gregorio, se fazem logo desprezi-  
veis todos os chamados bens, que  
se possuem na terra: *Si considera-*  
*mus quæ, et quanta sunt, quæ no-*  
*bis promittuntur in coelis, vilescunt*  
*omnino omnia, quæ habentur in ter-*  
*ris.* Toda a felicidade da nossa vi-  
da mortal comparada com a eterna  
he mais continuada morte, do que  
vida verdadeira: *Mors est potius di-*  
*cenda, quam vita.* Porque em fim,  
continúa o Santo Padre, que felici-  
dade não he assistir entre os Anjos

na gloria do Creador; ver, e gozar sempre intimamente a face adoravel do Altissimo; ser para sempre rodeado de huma luz inextinguivel, e gozar perpetuamente de huma gloria immortal?

Mas a hum premio tão excellente, tão magnifico, e tão Divino, não podemos chegar, senão por grandes trabalhos, por penosos sacrificios, e grandes merecimentos: *Sed ad magna præmia perveniri non potest, nisi per magnos labores.* E com effeito, Senhores, entrai com a consideração nesta habitação de luz, nesta Celestial Jerusalem, explorai, observai melhor, do que antigamente os Hebreos a terra da promessa; apressai-vos, segundo o conselho do Apostolo, a entrar com a consideração nessa Patria feliz de hum eterno descanso. Animaí-vos, entrai, contemplai tudo. E que vêdes vós alli? Meu Deus, aqui he que eu desfaleço, e que necessito dos vossos grandes soccorros, para não perder toda a minha esperança de vos gozar algum dia. Que vejo eu? que contemplo? Espiritos

Angelicos, purissimos, repartidos em nove còros, que não vos offendêrão já mais, nem levemente, que conservarão sempre com fidelidade, e com augmento todo o resplendor da graça de sua primeira criação.

Que vejo! Patriarcas Santos, Profetas illuminados, que na obscuridade da Lei, e antes della forão firmes na fé, e a conservarão sempre entre os maiores obstaculos. Justos de todos os estados, que passarão seculos inteiros na mais exacta piedade, e na prática das virtudes. Apostolos incançaveis no zelo mais fervoroso, nos trabalhos mais penosos de seu Santo ministerio; que santificarão o mundo, que o enchêrão todo de sua fé, e de seus exemplos. Vejo exercitos innumeraveis de mais de doze milhões de Martyres; vejo estas gloriosas legiões de Heróes da fortaleza, de Athletas da Religião com as estolas branqueadas em o sangue do Cordeiro, que por merecer o Ceo virão despedaçar os seus membros, abrazallos em vivo fogo, ator-

mentалlos com os mais horriveis supplicios das rodas , dos equuleos , dos cutellos , dos carcerees , dos cadafalsos. Vejo milhares de Anacoretas , Solitarios , Penitentes , que povoarão as grutas dos desertos , que os regarão de suas lagrimas , e do sangue de suas disciplinas.

Vejo huma infinidade de Virgens puras , delicadas , innocentes , despedaçadas nos tormentos , por não perderem a sua amada pureza. Vejo infinitas pessoas de toda a condição , e sexo , que não só envelhecêrão na innocencia , mas que unirão a ella as penitencias mais austéras , as orações mais fervorosas , e as virtudes mais heroicas. Vejo Principes , Reis , Imperadores , que deixarão pela esperanza do Ceo Estados , Reinos , Imperios por se abraçarem com a Cruz , e passarem a vida na innocencia , na pobreza , e prática dos preceitos , e conselhos do Evangelho.

Aqui hum Elias mostrando a espada do seu zelo ; alli hum Moysés com as taboas já quebradas da Lei

em sua mão; além hum David com a harpa, e psalterio, em que cantava os louvores de seu Deos; acolá hum Esdras mostrando o templo reedificado por seu zelo; mas adiante hum Daniel apontando para o lago dos leões: em huma parte hum S. Paulo rodeado de infinitos Póvos, que converteo para Deos: em outra hum Santo Estevão manifestando as pedras, com que foi martyrizado em obsequio da Lei Santa: em outra hum S. Lourenço conduzindo as suas grelhas: em outra huma Catharina mostrando a sua roda. Neste lugar hum Paulo primeiro Eremita vestido das folhas de sua palma; naquelle hum Hilarião com os seus cabellos branqueados no exercicio da oração, e piedade. Hum Jeronymo com huma pedra na mão, e a Biblia na outra. Hum Agostinho rodeado dos livros, que compôz em defeza da Igreja, e da verdade. E em todo o Ceo finalmente os Justos com as palmas em a mão, que se santificarão fielmente, ou na mais exaecta inno-

cencia, ou na penitencia mais austera.

Mas ai de mim, Senhores, em toda a extensão da gloria eu não diviso a hum só, cuja vida se pareça de algum modo com a minha. Vós serieis talvez mais venturosos, e com effeito mais justos. Sem dúvida divisarieis muitos, que se salvassem na situação, e theor de vida, e acções, que praticais. Eu não o quero duvidar; mas que sinaes, ou insignias de merecimento merecidas em acções de piedade apresentarieis vós no Ceo a Deos entre os Bemaventurados? Vós não lhe apresentarieis, he verdade, algumas insignias de martyrio; temos vivido por felicidade nos seculos venturosos da profunda paz da Igreja, e em que os nossos Soberanos são os primeiros Protectores, e Exemplares da Religião, e piedade. Não apresentareis muitos Póvos convertidos pelas vossas prègações; o vosso estado presente não vos pôde merecer esses lauréis. Não lhe podereis talvez offerecer a primeira graça do Baptis-



mo conservada sem peccado em huma perfeita innocencia ; não allegareis tambem as austeridades do deserto , da solidão , do retiro : este caminho para o Ceo he já muito desconhecido entre nós.

Mas que offerecereis vós em fim , que vos possa dar algum direito para conseguir a mesma gloria , que custou tantos trabalhos , e tão grandes sacrificios áquelles , que a possuem ? Podereis vós ao menos mostrar ao Juiz supremo alguma porção dos vossos bens consagrados ao soccorro da pobreza ? Podereis allegar-lhe os famintos saciados de vossas liberalidades ? Os nús vestidos pela vossa officiosa caridade ? Os proximos edificados com os vossos bons exemplos de virtude ? Os enfermos visitados , os afflictos consolados , os discordes reunidos ; vossos filhos educados no Santo temor de Deos ; vossos domesticos instruidos nas obrigações da Christandade ?

Ah ! Vós faltais infelizmente a estes deveres sagrados , indispensa-

veis! Sou obrigado a dizello na presença do Senhor, que nos julgará a todos, e mesmo da parte do Senhor, que me manda, que o diga. Vós perdestes o direito de poder entrar nos Ceos. Não, Senhores, enganai-vos; não he para vós a Celestial herança, não sois dos venturosos escolhidos para a gloria do Senhor. Vós porêm, pobres afflictos, atribulados, piedosos, e verdadeiros Christãos, alegrai-vos; o Senhor he vosso Protector. Vós, que chorais vossos peccados, que gemeis sobre os alheios, vós alli sereis gloriosamente consolados: *Beati qui lugent, quoniam ipsi cousolabuntur.* (1)

Vós finalmente, justos, mortificados, humildes, pequeninos, a quem o mundo despreza, e considera em pouco, animai-vos, alegrai-vos nas vossas humiliações, e trabalhos, porque nos Ceos vos he destinado hum grande premio: *Gaudete, ex exultate, quoniam merces vestra copio-*

---

(1) Matth. Cap. 5. v. 5.

*sa est in coelis.* (1) Consolai-vos no Senhor, que vos protege, pois que esses poucos trabalhos, e essas tribulações leves vos vão merecer nos Ceos hum eterno pezo de gloria: *Momentaneum, et leve tribulationis nostræ aeternum gloriæ pondus operatur in nobis.* (2)

Consolai-vos em fim vós todos os verdadeiros Christãos, que esperais a *bemaventurada esperança*, e que suspirais pela posse da nossa Celestial Patria, animai-vos; por grandes que sejam as vossas penitencias, e trabalhos, tudo o que podeis padecer para conquistar o Ceo, he nada a respeito de seu valor infinito, e da immensidade da gloria, que se revelará em vós: *Non sunt condignæ passionis bujus temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis.* (3)

Vós sabeis, Senhores, o caso maravilhoso, que converteo Santo Adria-

---

(1) Matth. Cap.

(2) 2. Ad Corinth. Cap. 4. v. 17.

(3) Ad Rom. Cap. 8. v. 18.

no. Estava este presenciando os tormentos, que se estavam dando a huns Martyres, e admirado da constancia, e fortaleza, com que elles soffrião o Martyrio, chega a elles, e lhes diz: Da parte do vosso Deos, por cuja fé padeceis tanto, vos conjuro, e rogo me digais, que proveito, ou galardão esperais de desperdiçar as vidas, e desprezar tudo o que he do mundo? Porque, não sendo vós loucos, devem ser cousas certamente grandissimas, e inopinaveis. Assim he, ( respondêrão aquelles Santos ) e nem nós o podemos explicar, nem os ouvidos humanos perceber cousa semelhante. Porém, se quereis ouvir huma escritura; diz assim aquelle, que Deos escolheo, para prégar ás gentes: Nem os olhos virão, nem os ouvidos ouvirão, nem subio ao coração humano o que Deos tem preparado para os que o amão. Tanto que isto ouviu Adriano, de repente se accendeo tanto nos desejos de vêr a gloria de Deos, e de seus Santos, que de salto se pôz no meio dos

Martyres, e voltando o rosto para os outros Ministros, que tomavão em autos tudo o que passava em semelhantes questões, lhes disse mui desenganado, e resoluto: Assentai-me lá também, escrevei o meu dito: Eu sou Christão, como estes, creio o que elles crem, e espero o que elles esperão.

Meu Deos, amado Senhor, eu sou dos mesmos sentimentos: eu vos faço do fundo da minha alma esta mesma confissão, e vos protesto a minha fidelidade. Vinde, Senhor, para sempre a meu coração, para aceitar os meus votos, e para fazerdes comigo huma alliança perpétua, que se confirme nos Ceos, e que dure por toda a feliz eternidade.

Meu Senhor, a quem adoro, e a quem tenho offendido, em fim vos dignais ainda de me soffrer? de me vêr, e de me aceitar? posso ainda entrar em a vossa graça? posso ser vosso? gozar de vós? sois servido aceitar-me? Aqui estou, estais servido, e sereis sempre obedecido, ado-

rado, e amado da minha alma. Sim, eu principio hoje a servir-vos, e amar-vos. Peza-me de ser tão tarde. Ajudai os meus esforços, e pois que fostes servido chamar-me no tempo, em que vos fugia, não queirais repudiarme na occasião, em que vos busco. A minha ingratição para vós (bem conheço) he incomprehensivel; tenho passado a minha vida em offender-vos. Eu (ai de mim! tão favorecido de vós, tão obrigado a servir-vos! Ah! perdoai-me, Jesus dulcissimo, amabilissimo Jesus, perdoai-me; e se estais muito irado contra mim, vingai vos, Senhor, castigai-me nesta vida, estou prompto; mas, perdoai-me, Bom Senhor, e poupai-me na eternidade. Descarregai sobre mim vossos flagellos, amontoai as minhas humiliações, satisfazei vossa justiça; mas fazei-me entrar no Ceo por qualquer caminho que seja.

Christãos, amados Ouvintes, terei algum entre vós, que se una aos meus votos, que se declare hoje por seu Deos, e que se anime a conquista

tar a sua gloria? Ah! vós a quereis todos sem dúvida, e eu não poderei persuadir-me, que haja algum tão desgraçado, que queira renunciar a Bemaventurança eterna. Eia pois meus Irmãos, meus companheiros, vamos conquistar o Ceo, e levallo, se he necessario, por violencia. Renunciemos o peccado, desatemo-nos do mundo, volte-mos a nosso Deos, aplaquemos sua ira em huma verdadeira penitencia; prostremo-nos a seus pés, e de todas as forças do nosso espirito clamemos pela sua misericordia.

Choremos, digamos, clamemos todos: Meu Deos, meu Divino Pai, meu Bom Senhor, aqui nos tendes todos a vossos pés contritos, arrependidos, e resolutos a nunca mais offender-vos. Peza-nos muito vivamente de vos termos offendido, por vós serdes o que sois, o nosso Creador, o nosso Summo Bem, o nosso Deos; mas protestamos todos fiados no vosso sangue, nas vossas chagas, na vossa graça, e auxilios, de vos não offender mais; promettemos de conhe-

cer vossa grandeza, de vos servir,  
de vos amar, de vos louvar; e es-  
peramos gozar-vos eternamente pelo  
poder da vossa graça, e pela infinie-  
ta virtude da vossa misericórdia.



\* \* \* \* \*

# H O M I L I A

D A

## PAIXÃO DE NOSSO SENHOR JESU CHRISTO,

Prégado na Sê de Olinda em Pernambuco.

*Prædicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultiam.*

S. Paulo. 1. ad Corint. C. 1. y. 23.

**P** Régando-vos com S. Paulo em Jesus crucificado o mysterio infinitamente doloroso, é adoravel, que tem sido objecto de escandalo para os Judeos, e de ignorancia, e loucura para os Gentios, eu deveria adoptar as palavras, e ainda mais os sentimentos do mesmo Apostolo para o annunciar com a efficacia, e santidade, que elle exige de nós, e que infinitamente merece. Todas as mais fortes expressões, que não são consagradas nas Divinas Escrituras, e extorquidas pela vehemencia da dôr de hum

coração contrito, e humilhado, não servem mais que de rebaixar a sublimidade altissima de hum mysterio tão prodigioso, e ineffavel. Quando nós não tivéssemos nelle huma tão injusta, e tão criminal influencia, nós o deveríamos chorar com a dor mais vehemente pela Pessoa Divina, que padece, pela inaudita crueldade dos algozes, que o atormentão, pela pacientissima innocencia, e doçura do amavel padecente, e pela tristissima orfandade, em que nos deixa a falta de hum Pai Divino, o mais terno, o mais amavel, e mais digno da nossa mais viva dor, e saudade.

Mas vendo-nos accusados, e convencidos de termos conspirado contra elle, reconhecendo-nos réos da sua morte, e responsaveis do seu sangue, quaes devem ser aqui as nossas expressões, e os nossos sentimentos? Hum Pai, hum Redemptor, hum Deus ternissimo, e amabilissimo terminando a vida mais preciosa, e mais amavel em hum infame patibulo: Jesu Christo, este Pai, Redemptor,

Deos, vendido, prezo, proscripto, açoutado, escarnecido, crucificado, morto! e morto na frase da *Escritura*, de huma morte torpissima! morto pelas mãos dos mesmos homens, em cujo obsequio morreo; morto por amor de peccadores, e peccadores ingratos, insensiveis, deicidas, impenitentes, que continuão ainda a offendello, e renovar-lhe cada dia os tormentos de sua paixão, e de sua morte! Ah Christãos! isto he hum mysterio tão prodigioso, e tão incomprehensivel, que não se póde annunciar, sem diminuir infinitamente a sua sublimidade. Eu quizera bem antes chorallo comvosco em silencio, do que prostituir a sua grandeza, e santidade em huma exposição, que por minha insufficiencia, e miseria ha de ser indigna delle, e muito inferior mesmo á vossa expectação, e aos vossos desejos. Obrigado porém do meu ministerio, eu me esforço a expôr-vos a paixão, e a morte de Jesus crucificado. Não esperéis de mim alguma vã ostentação de erudição, ou de

eloquencia. Não permitta o Ceo, que no dia das humiliações de meu Redemptor Divino eu queira introduzir entre o luto da Igreja a pompa, e a soberba de huma linguagem profana. Imitarei sim, quanto poder, a simplicidade amavel dos Evangelistas em huma triste Homilia, que passo a expôr ás vossas piedosas atenções. Correi copiosamente de meus olhos, lagrimas de penitencia, energica elocução só propria do meu assumpto. Penetrai bem vivamente o meu coração contrito, opportunos sentimentos de dôr, e de religião, para que possa expôr, e compadecer os tormentos, e a morte do meu Divino Jesus.

### PRINCIPIEMOS.

**C**Umpridos os votos, e os desejos de mais de quarenta seculos; realizada a promessa de hum Redemptor Divino, tantas vezes repetida nas Divinas Escrituras; verificados os oraculos, que o tinham an-

nunciado; chegada a plenitude dos tempos, nasce o Sol de justiça, o verbo foi feito carne, e habitou entre nós. Tendo passado depois em huma voluntaria, e brilhante obscuridade trinta e tres annos de trabalhos, exercitando sempre entre prodigios inauditos, e beneficencia universal as virtudes mais heroicas; sabendo em fim que era chegado o tempo decretado em os conselhos eternos de dar a vida por nós; depois de instruir aos amados Discipulos de tudo, quanto hia a padecer, se encaminha com elles ao monte Olivete, para esperar a prizão ordenada contra elle, e se dispôr para a morte por meio da oração. Em meio de huma summa tristeza, e agonia mortal, Judas, o traidor, o desgraçado na frente de huma cohorte armada de espadas, e de páos com a senha de hum osculo, como tinha pacteado, entrega o Divino Mestre nas mãos de seus inimigos.

Vós, Senhores, comprehendeis muito bem a inaudita atrocidade deste

traidor miseravel , e admirais aturdi-  
dos a sua infame perfidia. Talvez vos  
indignais á vista de hum attentado  
tão odioso , e tão sacrilego , e vos en-  
cheis de horror de hum crime tão e-  
norme de hum discipulo tão favoreci-  
do , e amado do mesmo Senhor , a  
quem se arroja a vender , e entregar.  
Ah ! não vos indigneis contra esse mi-  
seravel ; voltaí antes a vossa justa in-  
dignação contra vós , e contra mim.  
Nós , nós mesmos temos sido estes  
discipulos pérfidos , ingratos , incon-  
fidentes , que vendemos , e entrega-  
mos pelo mais vil preço a este Se-  
nhor generosissimo , que nos havia  
resgatado de nossa antiga escravidão  
á despeza de seu sangue , para nos  
elear á gloriosa adopção de filhos  
seus. Ai de nós , filhos ingratos ,  
réos parricidas , infiéis , e mil vezes  
miseraveis ! Nós tão favorecidos , e  
amados deste Pai amabilissimo ! Nós  
... Ceos , suspendei lá os vossos rai-  
os. Terra , sustenta ainda hum pouco  
o immenso pezo do nosso crime. Nós  
o vendemos pelo mais vil interesse ,

por huma sórdida cobiça, por hum preço vil, por nada. Quantas vezes temos nós imitado, e excedido a ingratição, e perfidia deste Apostolo infeliz? Quantas temos recebido, como elle, a Jesus Sacramentado na Santa Eucharistia, para o depositar em hum coração possuido das paixões do demonio, e do peccado? Isto não só huma vez, como Judas, mas mil vezes, e em todas as occasiões, que commungamos em peccado. Quantas o temos vendido e entregado em nossas sacrilegas communhões, em nossas irreverencias, em nossos escandalos?

Judas, desgraçado Judas, eu não posso escusar a tua infame traição; o teu crime me horroriza, e me atterra; entretanto devo fazer-te justiça. Tu assim mesmo ingrato, pérfido, sacrilego, avarento, tu és menos criminoso do que eu, e do que muitos, como eu. Tu não conhecias bem o Divino Mestre, que vendeste. Não estavas bastantemente convencido de que elle era, não só o

teu bemfeitor, e Mestre, mas ainda  
 o teu supremo Senhor, o teu Crea-  
 dor, teu Redemptor, e teu Deus.  
 Não; tu não te atreverias a entre-  
 gallo, se o conhecesses bem. Mas nós,  
 indignos Christãos, que o conhece-  
 mos, e o adoramos! Nós, domes-  
 ticos da fé, instruidos de seus divi-  
 nos mysterios, favorecidos de seus  
 dons, e de suas graças, vós os que  
 me attendeis, eu mesmo, que o an-  
 nuncio, nós todos!... Ah, Senho-  
 res dispensai-me de dizer mais. Dei-  
 xai-me chorar, emmudecer, e ter-  
 minar a minha vida criminal, e odio-  
 sa, gritando humilhado, contrito, e  
 arrependido: pequei recebendo indi-  
 gnamente na minha alma o meu Di-  
 vino Creador; pequei vendendo, e  
 entregando a innocencia, e o sangue  
 deste justo, innocentissimo, santissi-  
 mo: *Peccavi tradens sanguinem jus-  
 ti.*

Mas aonde vos levão, e arrastão  
 assim prezo, e amarrado, meu ama-  
 do Redemptor? Para que são tantas  
 cordas, que vos ligão as mãos, o



pescoço , e a cintura , como ao maior facinoroso ? Para que tanta segurança , tantas crueldades , e tantos gritos ? Como ouço já fallar de morte , antes de se sentenciar vosso processo , e antes de comparecerdes perante os vossos juizes ? Mas eis-vos ahi já no seu sanguinoso tribunal para ser sentenciado. Já os principaes da Synagoga unidos , e conjurados contra o Senhor , e seu Christo , competem , como á porfia , quem o carregará de mais atrozes injúrias , e será mais cruel para com elle. Multiplicão-se as calumnias , *insurgem contra o Senhor as testemunhas iniquas , e mente a iniquidade a si mesmo* , como estava escrito. O Pontifice impaciente de condemnar ao Divino réo innocentissimo , lhe faz muitas perguntas capciosas sobre a sua doutrina. Eu sempre fallei em público , ( lhe responde docemente o bom Senhor ) nada disse occultamente ; pergunta áqueilles mesmos , que me ouvirão. Assim he que responde ao Pontifice ? grita então hum

dos assistentes , e levantando a mão , descarregou com toda a força na face do bom Senhor huma grande bofetada. Cruel , sacrilego , temerario... mas não nos enfureçamos contra este desgraçado. Nós o temos imitado muitas vezes , e renovado a Jesu Christo esta injúria atrocissima em cada vez que peccamos. Que he com effeito o peccado , diz S. Paulo , senão huma nova crucifixão do mesmo Filho de Deos ? Que he o peccado em fim na expressão de todos os Santos Padres , senão huma injúria atrocissima feita a Deos , levantar huma mão atrevida contra Deos , e descarregar bofetadas na mesma face de Deos ? Mas ai , amados ouvintes , que julgais , que resultou deste sacrilego attentado ? Em quanto todos applaudem , e felicitão a este ímpio de seu sacrilego arrojão , e cruel atrocidade , cada qual o quer imitar , e exceder na animosidade a mais ímpia , e mais cruel. As irrisões , os insultos , as punhadas , as bofetadas , os escarros chovem de todas as par-

tes sobre a face adoravel, e humilhada do pacientissimo Jesus.

Aqui, amados ouvintes, eu quizera bem poder exprimir, e mesmo desabafar a minha dor em chamar, e pedir raios ao Ceo sobre estes desgraçados monstros da mais cruel impiedade; mas isso seria chamar as mesmas maldições sobre nós mesmos, nada menos culpados do que elles, quando em nossos peccados repetimos ao Senhor todas estas injúrias, e tormentos: *Rursus crucifigentes filium Dei.* Mas ah, Christãos, não renovemos ainda por outro modo ao Divino Jesus a sua dor, e humilhação, mostrando-nos insensíveis á sua dor, e paciencia neste passo. Oh vós, almas sensíveis, e piedosas, que reconheceis, e adorais neste humilhado padecente o vosso Divino Pai, e Senhor amabilissimo: vós, que viesdes aqui compadecer, e chorar os seus oppróbrios, entrai com a consideração pela sala de Caifaz, e vêde ao Divino Senhor rodeado de inimigos, como o innocente cordeiro en-

tre lobos famintos, e raivosos dispostos para o devorar. Observai na sua face pizada, e denegrada os vergões, e a impressão da bofetada cruel. E vós, almas insensíveis, corações petrificados, complices do mesmo crime, e réos do mesmo attentado, lêde na mesma divina face, como Daniel na parede da Sala de Balthazar, impressos os terriveis caracteres da sentença fulminada contra vós pela horrorosa mão, que os gravou. Ou melhor, reconhecei a obra das vossas mãos, e lêde a vossa sentença naquella, que alli se proferio contra Jesus: *Reus est mortis.*

Assim decidem a final unánimes, e concordes os Sacerdotes, os Magistrados, os Sabios, os Grandes, e os Principaes da Côrte. Oh grandeza, oh sabedoria, oh magistratura, oh sacerdoeio, a quantos tens seduzido, pervertido, e condemnado! A Historia o diz nos seus annaes, a Escri-tura o mostra nos seus oraculos, e Jesu Christo o experimenta nos successivos tribunaes de Anaz, Caifaz,

Herodes, e Pilatos, accusado em hum, esbofeteado em outro, escarnecido em outro, proscripto, blasfemado, ultrajado, e condemnado em todos.

Sim, Senhores, por muito mal recebido que fosse o Divino réo perante os grandes Sacerdotes, elle não teve melhor acolhimento nos tribunaes de Herodes, e de Pilatos. Se aquelle o despreza, e ridiculiza, este o abandona, e o condemna. Observemos aqui o bom Senhor perante o Governador gentio. Este indiscreto politico, fraco patrono, injusto juiz, tímido vassallo, máo subalterno, e peor chefe; menos injusto com tudo, e menos cruel, do que os precedentes ministros da conspiração Judaica, tocado de huma natural compaixão, e humanidade á vista do Divino accusado, fez em vão alguns esforços para lhe salvar a vida. O desconcertado furor do povo amotinado, a manifesta paixão dos Fariseos, e dos Pontifices; a illegalidade do processo; a insufficiencia das provas; a contradicção das testemunhas; a inno-

cencia, e santidade do annuciado réo; a fama dos seus milagres; a sua tranquillidade, o seu silencio, sua mansidão, sua doçura, tudo depunha a favor d'elle, e descobria a intriga, a injustiça, e a calumnia dos cruéis accusadores.

Pilatos, não podendo resistir á viva impressão de tantos testemunhos de innocencia, declara francamente ao povo, que não acha alguma razão para condemnar ao pertendido réo, que se lhe apresenta. Elle he sedicioso, amotinador do povo, reclama contra o tributo, que pagamos ao Cesar, e se inculca Rei, e filho de Deos, dizem os accusadores. Será pois castigado, responde o Presidente, e o deixarei com vida. Nada mais de vida para elle, lhe replicão; crucifica-o, crucifica-o: *Crucifige, crucifige*. Pilatos descobre hum novo expediente, em que espera triunfar. Ainda estava fresco o sangue do ultimo homicidio, que tinha feito Barrabás. Este era hum grande facinoroso, ladrão, e scelerado famoso, e muito aborre-

cido do povo, a quem tinha escandalizado, e offendido com os seus enormes crimes. Pilatos, persuadido de que pondo em parallelo a Barrabás com Jesus, o povo pediria antes a soltura, e a vida para este, diz altamente ao povo: pois que he costume entre vós conceder a liberdade, e a vida a hum réo nesta próxima festa de vossa Pascoa, dizei, qual quereis que viva, ou morra, Jesus, ou Barrabás? Que parallelo, oh Ceos! Mas que grito de morte vai atropelar os abysmos! *Viva Barrabás, morra Jesus*, respondem elles. Oh meu amado Jesus, meu Redemptor amabilissimo, meu Pai, meu Senhor, meu Deus! Que mal fizestes pois a este povo? Em que lhe merecestes vós tanta indignação, e tanto odio? Donde lhe pôde provir tanta sede do vosso sangue, e tão ardentes desejos da vossa morte? Mas que aguda espada de dor penetra aqui o meu coração despedaçado! Que dolorosa reflexão me géla, me enternece, e me confunde! Nós, Christãos, quem

o poderia crer ! nós mesmos temos renovado muitas vezes esta sacrilega escolha , e preferencia ; nós temos preferido a Jesu Christo cousas mais indignas , do que o mesmo Barrabás. Nós lhe temos preferido o peccado , o demonio , e o inferno. Sim , Christãos , em todas as occasiões de tentação Deos nos chamava para a graça , e o demonio nos chamava ao peccado. Era necessario escolher , e decidir entre este , e aquelle ; e quantas vezes escolhemos nós o peccado , e o demonio com preferencia ao mesmo Deos ? Não podiamos porém escolher , e preferir o peccado , sem que Jesus morresse no nosso coração. Peccamos em fim. Dissemos então praticamente : viva em mim o peccado , e morra para mim Jesus. Viva o meu interesse , a minha vingança , o meu odio , a minha paixão , o meu peccado , e morra para mim Jesus. Perca-se muito embora a sua amizade , a sua graça , o seu Ceo , a sua Gloria. Venhão sobre mim suas vinganças , seus castigos , suas maldições ,



os demonios, o inferno, seus tormentos, e viva a minha paixão, e o meu peccado: *Tole hunc, et dimitte nobis Barabbam.*

Vêde pois, Christãos ingratos, de quem recebeo o Senhor mais injúria, se dos Judeos em lhe preferirem huma só vez Barrabás, ou de nós preferindo-lhe mil vezes o peccado, e o demonio. Mas que novo espectáculo, oh Ceos! me desanima, e me confunde! Jesus á vista de hum povo immenso nú, e amarrado em huma columna, para supportar, como o mais vil escravo, o supplicio infame, e doloroso dos açoútes, ministrado com toda a força, e raiva dos algozes mais robustos, e cruéis. Aos seus primeiros golpes a carne se rasga, e abre em muitas partes, os ossos se lhe descobrem, o sangue corre em borboalhões, o pavimento se ensópa, as cordas, os flagellos, a columna, os braços, e vestidos dos algozes, tudo está salpicado, e tinto deste sangue, que corre, salta, e chove sobre a humanidade san-

tissima ao redor da columna. Os algozes arquejão de cançados, huns succedem aos outros; alguns espectadores se retirão enjoados, e afflictos; outros observão enternecidos; alguns se condóem, alguns desmaião; Jesu Christo presente, immovel, humilhado, e desfalecido em o seu supplicio.

Bebei, algozes deshumanos, bebei, tigres cruéis, insaciaveis; bebei desse muito sangue, de que estais tão sequiosos; feri, rasgai, despedaçai, saciai a vossa raiva. O padecente ainda vive. He necessario renovar a crueldade, e encher de novos tormentos o tempo, que lhe resta para viver; para que não passe hum só momento, em que não lhe façais padecer novos supplicios. Elles se lembrão de hum mais ultrajante, e doloroso, se póde ser, do que os mesmos açoutes. Tinhão ouvido dizer, que o Senhor se attribuia a qualidade de Rei. Elles o expõe aos ultimos insultos, e irrisão de toda a cohorte militar, e da mais vil popu-

laça na cómica representação de hum  
ridículo Monarca, para se divertirem  
á custa da mais profunda humiliação  
do Divino Padecente. Dão-lhe por  
diadema real huma corôa de espinhos,  
com que lhe cingem apertadamente a  
cabeça, a unica parte sã que se acha-  
va em seu corpo. O throno he hu-  
ma pedra. A púrpura he hum peda-  
ço de panno encarnado, que lhe lan-  
ção aos hombros: e huma cana he  
o sceptro. Tapando-lhe então os olhos  
lhe davão pancadas na cabeça; e do-  
brando comicamente o joellio diante  
delle lhe dizião entre muitas blasfe-  
mias, e risadas: *Rei dos Judeos,*  
*nós te saudamos, e adoramos. Ave.*  
*Rex Judeorum.* Oh! meu adoravel  
Redemptor, Rei eterno, pacifico,  
glorioso, e omnipotente, Deos de  
tremenda magestade, nós vos adora-  
mos, Senhor, não por irrisão, e  
zombaria, como esses ímpios algozes,  
não por hypocrisia, ou cerimonia,  
como tantos máos Christãos; mas  
em espirito, e verdade com a mais  
terna devoção, e mais profundo res-

peito. Nós todos vos adoramos, como a nosso Rei, nosso Pai, nosso Senhor, nosso Deus: Rei, digo, e Soberano dos Reis, Pai amabilissimo, ternissimo, Senhor supremo, e universal, Deus unico, e verdadeiro, feito homem; e hoje apenas homem, e mais opprobrio dos homens, do que homem.

Assim o declara, e o mostra Pilatos ao povo, dizendo-lhe: *Ecce homo*. Como querendo dizer: eis-aqui o miseravel estado deste homem, que me apresentastes, como, sedicioso, amotinador, e de grande sequito no povo, para eu sentenciar. Cuberto, como está, de sangue, desfalecido, e quasi morto, apenas parece homem. Poucos dias lhe restarão já de vida; e essa só servirá para prolongar a sua confusão, e o seu tormento. Não tendes já que recear, que alguem mais o siga, o acredite, ou tome o seu partido. Elle mesmo se esconderá envergonhado, e fugirá de ser conhecido, e de ser visto. Deixai-lhe ir esconder longe de vós a sua infamia,

e confusão. Dai-vos já por satisfeitos. Para que perseguir mais a hum miseravel em tão grande abatimento? Basta a sua humiliação para seu tormento. Tende delle compaixão : deixai-o ir.

Que responderia o povo? Tira-o da nossa vista, crucifica-o, crucifica-o: *Tolle, tolle, crucifige eum.* Eu lavo as minhas mãos, lhes diz Pilatos, em testemunho de que não sou responsavel do sangue deste justo. O seu sangue, dizem elles, caia sobre nós, e nossos filhos: *Sanguis ejus super nos, et super filios nostros.* Desgraçado povo, nação proscripta, e reprovada, esta triste maldição será cumprida. Os teus votos serão realizados. Infelices pais, miseraveis filhos! Este sangue tão cruelmente extorquido cahirá sobre vossas cabeças criminaes, e vos afogará nas torrentes de sua justa vingança, como infelizmente requereis. Este sangue com seus gritos atroará vossos estados, ensanguentará vossas provincias, exterminará vossas tribus, des-

truirá vossa Cidade, arrazará vosso Templo, abolirá o vosso culto, e imprimirá sobre vós o caracter indelevel de vossa reprobção. Hum povo mais venturoso recolherá as promessas, e as benções annunciadas aos vossos pais; e vós, infelices deicidas, proscriptos, infames, expatriados, sem Templo, sem sceptro, sem sacerdocio, sem apoio, sem altar, sem domicilio, levareis a toda a parte a pena do vosso crime, as terriveis consequencias da vossa triste maldição, e sereis hum objecto de execração, e de desprezo ao resto das nações de toda a terra. Não importa; elles o querem assim, com tanto que Jesus morra.

Os seus desejos vão em fim ser satisfeitos. O Senhor he condemnado a morrer em huma cruz. A sentença está firmada da mão mesmo de Pilatos. Os Pontifices, os Fariseos, os Senadores, e todos, quantos tinham conspirado contra o Divino Jesus, se applaudem, e felicitão de terem prevalecido. O povo se divide em opi:

niões , e se dispõe a observar o fim deste tragico successo. Arrastão logo ao Senhor para fóra do Pretorio, Annunciação-lhe a sentença proferida contra elle. Ordenão-lhe, que se apresse para o lugar de seu supplicio, e lhe mandão conduzir a grande cruz, em que deve terminar em cruelissimos tormentos o que lhe resta de vida. Meu Deos, que nova, e inaudita crueldade! A vista só do patibulo he para o triste padecente huma morte anticipada, e tanto mais dolorosa, quanto se toca de mais perto. Entretanto esta asportação da cruz era totalmente impraticavel ao Padecente Divino. Elle se achava então em hum desfalecimento extremo; não tinha recebido nem alimento, nem repouso depois da sua prizão. Tinha perdido muito sangue nos cruelissimos açoutes. Apenas podia arrastar com bem trabalho seu corpo desfalecido. Como se lembrão pois de lhe fazer levar a cruz, sem attender que podia expirar de fraqueza no caminho, e de os privar do gosto de

O vêr morrer crucificado? Elles o advertem já, e obrigação a hum Simão de Cirene, que ajude ao Senhor a conduzir o seu patibulo. Elle chega finalmente á eminencia do Calvario, que bem depressa he cuberto de immensidade de povo; as ordens se dão; e a execução se apressa, e os algozes se presentão: despem ao Senhor com violencia; mandão-lhe, que se deite sobre a cruz, e que estenda os braços, e os pés para ser pregado nella. Applicação se grossos cravos, fazem-se entrar, e romper com toda a força de braço com grandes pancadas de martello pelas mesmas mãos, e pés.

Aos primeiros golpes a carne, os ossos, as veias, os musculos, as artérias, tudo he roto, pizado, despedaçado. A cruz toda ensanguentada he arvorada em alto, e se faz cahir na cova preparada para ella. Jesus, Jesus, que dores, que convulsões, que tortura! O sangue salta, e corre em borbulhões destas quatro chagas, sobre que peza todo o cor-



po. O Senhor fica suspenso por estas mesmas roturas de seus pés, e suas mãos entre o Ceo, e a terra á vista de hum povo immenso; e passa nesta situação tão dolorosa as ultimas tres horas de sua vida santissima. Em quanto os circumstantes o insultão, os algozes o escarnecem, os Fariseos o blasfemão as chagas se vão rasgando com o pezo de seu corpo, o sangue se lhe esgota, as dores se lhe avivão, as forças o desamparão; elle entra em agonia; encominenda sua Mãi ao amado Discipulo; declara estar tudo consummado, reclama sua voz desfalecida; dá hum grande grito, inclina a cabeça, morre.

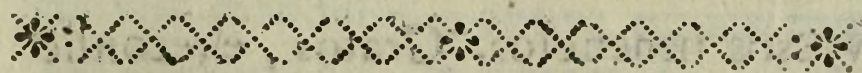
Insensiveis rochedos do Calvario, quebrados neste momento, ensinai-nos a sentir a morte do Creador. Ossos mirrados no fundo das sepulturas, reanimai-vos, e vinde-nos annunciar a Jesus morto. Jesus morto! justo Ceo! e nós somos insensiveis, não nos compungimos, não morremos, não choramos? Ai de nós,

Christãos ouvintes ! a sua vida amabilissima não nos inspira saudade , a sua morte não nos causa compaixão , o seu sangue não nos abranda , a sua bondade não nos toca , o seu amor não nos obriga , a sua justiça não nos assusta , o Ceo não nos interessa , o inferno não nos intimida ! Que he isto, Christãos ? que monstruosa apathia, que insensibilidade , que dureza ! Almas mortas , insensiveis , corações de ferro , e de bronze , retirai-vos deste lugar de gemidos , e de pranto , e poupai-nos o horror da vossa impie- nitencia. Mas não , vinde antes , filhos amados deste Deus , unir as vossas lagrimas ás nossas , e ao sangue de hum pai , que deo a vida por vós.

Vinde recolher o mesmo sangue congelado neste panno ; vinde ver o vosso Deus neste retrato. Conhecei-o, contemplai-o. Mas que he isto , meu Jesus , he pois esta a imagem verdadeira deste Deus de grandeza , e de magestade , de omnipotencia , e de gloria , que eu devo reconhecer , e adorar ? Sois vós o especioso na for-

mosura entre os filhos dos homens? Inimigos de meu Deus, vós triunfastes em fim, a vossa obra he consummada, e os vossos desejos são cumpridos. Desejaveis, que não houvesse hum Deus, que podesse ver, e castigar vossos peccados, para poderdes peccar impunemente. Peccai já, ó desgraçados, enchei a medida dos vossos crimes, continuai a despedaçar este santissimo cadaver. Aqui o tendes sem vista para poder observar vossos delictos, e com as mãos amarradas para não vos castigar. Elle não se rouba mais aos vossos golpes. Saciai a vossa crueldade, e o vosso odio, e principiai as vossas cruéis hostilidades, aonde terminárão a sua os algozes no Calvario. Mas que digo, oh meu Jesus! Não, não vos feliciteis, peccadores impenitentes, não vos feliciteis do vosso quimérico triumpho. Temei agora mais que nunca os gritos dolorosos deste sangue, a imputação desta morte, e a Justiça eminente deste Deus. Assim mesmo morto, que o vêdes, elle he sempre

hum Deos de justiça, e de vingança para os seus inimigos. Estes olhos assim fechados ainda estão, peccador impenitente, sondando os projectos criminaes de teu coração lascivo, feroz, e obstinado. Esta boca assim muda ainda profere sentença de condemnação contra a tua impenitencia. Estas mãos assim ligadas ainda tem poder para castigar-te. Este sangue frio, e congelado ainda grita justiça contra ti. Mas ai! a minha perturbação me engana. Não, meu Divino Jesus; eu não ouço mais, que gritos de misericordia, e de perdão neste sangue innocentissimo. Vós, Senhor, o derramastes por nós todos; nós nos queremos aproveitar da sua grande efficacia, e virtude. Valei-nos pois, Divino Pai, pelo vosso mesmo sangue, e pela vossa piedade. Eis-nos aqui todos prostrados aos vossos pés contritos, e arrependidos de vos haver offendido. Peccámos, Senhor, tende misericordia de nós. Valha-nos o vosso amor, valha-nos o vosso sangue, e a vossa misericordia.



## S E R M ã O

D E

P R E C E S P O R C H U V A

E M H U M A

PROCISSÃO DE PENITENCIA,  
 Pregado na Igreja dos Padres da Congregação  
 do Oratorio do Recife.

*Si . . . mandata mea custodieritis , dabo vo-  
 bis pluviam temporibus suis , et terra gignet  
 germen suum.*

Se vós guardardes os meus preceitos , eu  
 mandarei a chuva no seu tempo competente,  
 e a terra vos produzirá os seus bons frutos.

Levitic. C. 26.

**A** Vós, Senhor Nosso Clemen-  
 tissimo, Pai das misericórdias, e  
 Deus de consolação, a vós dirigi-  
 mos hoje aqui as nossas súplicas,  
 confessando penitentes, e humilhados  
 os nossos crimes, implorando as vos-  
 sas misericórdias, e recebendo com  
 igual reconhecimento, e submissão  
 assim os vossos castigos, como os

vossos beneficios. Gratos, e reconhe-  
cidos aos vossos dons, louvamos, e  
adoramos, Senhor, a vossa Divina  
providencia, nada menos Paternal,  
e adoravel quando nos ameaça, ou  
castiga com a esterilidade da terra,  
do que quando nos nutre, e nos en-  
riquece da abundancia dos seus frutos.  
Tendo-nos castigado até agora com  
huma secura prolongada, e começan-  
do a favorecer-nos já com alguns  
orvalhos, pedimos ao mesmo tempo  
a continuacão das chuvas, e vos ren-  
demos as graças pela que começais  
a conceder-nos. Vós, Senhor, a ti-  
nheis promettido áquelles, que obser-  
vassem os vossos Santos preceitos, e  
o effeito verificou, e excedeo mes-  
mo em nós a vossa Santa promessa;  
pois que nos concedeis esta graça a  
pezar da nossa ingratição aos vossos  
beneficios, e da nossa desobediencia  
aos preceitos da vossa Divina Lei.

Sim, Christãos, escutais attenta-  
mente o que o Senhor vos diz: se  
vós, vos diz o Senhor, se vós obser-  
vades os meus santos mandamentos,

eu vos mandarei a chuva no seu tempo competente, e a terra vos produzirá os seus bons frutos: *Si mandata mea custodieritis*, &c. E tendes vós cumprido bem a condição desta Divina promessa? Tendes observado fielmente os preceitos do Senhor? Ai, Christãos! Ha muito tempo vos queixais da carestia dos viveres, da esterilidade da terra, da irregularidade das estações, da retardação da chuva, dos ameaços da fome, e da falta dos meios necessarios para a vossa subsistencia. Mas que, Senhores! Tendes vós evitado as desordens, e os peccados, que são a causa de nossas calamidades? Tendes feito hum bom uso dos bens, ou poucos, ou muitos, que o Senhor vos concedeo? Tendes moderado o vosso luxo, o vosso jogo, e os excessos criminaes da prodigalidade, e da avareza? Ah Senhores! Nós não teriamos sentido tão grande esterilidade, se a secura e dureza dos nossos corações não fosse muito maior do que a da mesma terra inaquosa, e arida, que pisamos. Os

pobres não gemerão tanto na indigência, e na miseria, se as vossas mãos não fossem mais avaras, e fechadas para a esmola, do que a terra o tem sido para as suas produções. O continente em fim, que habitamos, não estaria tão secco, se a sede da ambição, e da avareza não fosse em nós mais ardente, e insaciavel, do que a da mesma terra, que aberta em muitas bocas parece pedir mais as lagrimas aos nossos olhos, do que os chuveiros ás nuvens.

Quereis pois que o Ceo vos continue com abundancia a chuva opportuna, e saudavel? Converttei-vos ao Senhor de todo o vosso coração em jejuns, e lagrimas de penitencia, moderai vossas despesas injustas, fazei hum bom uso dos vossos bens, condoei-vos da pobreza, e renunciái o luxo, a vaidade, e o peccado. Pedi então a Deos a chuva, confiai na sua Providencia Paternal, e contai firmemente com o seu soccorro. Crêde-me, Christãos, tereis chuvas abundantes, se as pedirdes a Deos com as jus-



tas disposições , e para os piedosos fins , para que as deveis pedir , isto he, para gloria do Senhor , para meios de vossa Salvação , e para remedio dos pobres famintos , e sequiosos. Com estas justas condições atrevo-me a prometter-vos firmemente da parte do mesmo Deos a chuva com abundancia.

Sim , meu Deos , eu o prometto assim com viva fé , confiado firmemente na vossa promessa infallivel. Não permittais , Bom Senhor , que eu engane o vosso povo , quando lhe fallo em vosso Nome Santissimo. Não , meu Divino Redemptor , vós não deixareis frustrada a vossa Santa palavra , e a nossa confiança em vós mesmo. Não nos mostrastes a chuva só para no-la fazer mais saudosa , e desejada em vão. Não começastes o beneficio para o deixar incompleto. Não vos dignastes passar pelo meio deste povo , e renovar nessa piedosissima Imagem a lembrança dos vossos passos ao Calvario para esterilizar a terra , que pizais ; nem entraís

nella precedido, e acompanhado do povo, e dos meninos, como em Jerusalem, para vos mostrar insensivel aos gritos penitentes de luns, e innocentes dos outros. Dignai-vos de os attender benignamente, e prosperai, Senhor Bendito, as nossas súplicas, pois vos dignastes vir a nós em o Nome do Senhor: *Oh Domine, bene prosperare: benedictus qui venit in nomine Domini.* (1)

#### PRINCIPIEMOS.

**A**inda que Deos, como Creador, Conservador, e Bemfeitor universal, faça nascer o seu Sol sobre os bons, e os máos, e cahir a sua chuva sobre os justos, e os injustos, elle distingue com especial providencia, e bondade, na destribuição destes beneficios communs, aos seus servos. Não satisfeitos de os enriquecer de seus dons espirituaes, e de lhes preparar os bens eternos, o Bom Senhor lhes concede nesta vida muitas vezes com mais liberalidade, e abundancia

---

(1) Psalm. 117. v. 26.

os bens da natureza, e da fortuna para excitar nelles os justos sentimentos de reconhecimento, e amor á sua Paternal Beneficencia. Assim concedeo aos Patriarcas antigos entre as suas grandes benções a abundancia, e a fartura, e enriqueceo aos Hebrêos das preciosidades do Egypto, e dos despojos das Nações, por onde passarão á terra de Canaan, aonde as cumulou novamente de muitos bens temporaes.

Entre estes a chuva conveniente, e opportuna he hum dos mais interessantes, e necessarios, que o Senhor lhes promettia, e que nos concede, ou nega segundo o seu beneplacito. Ella he a que anima, e fertiliza a terra, que veste os seus campos de verdura, que os matiza de flores, e cobre a sua superficie de fontes, plantas, arbustos, e outras muitas produções, que a ornão, e a enriquecem. Sem a chuva a terra perde o seu ornato, os prados o seu matiz, os animaes o seu sustento. A bella verdura sécca, as flores murchão, os frutos faltão, as colheitas cessão, a

fome cresce , os viventes morrem , e toda a Natureza em fim desordena a sua marcha , e perde a sua energia , e a sua influencia a conservação de tudo quanto animava.

Por isso Deos entre os grandes beneficios , que promettia ao seu antigo povo , mencionava singularmente a chuva , como hum dos mais preciosos , e efficazes para attrahir o reconhecimento , e a justa gratidão á sua Beneficencia. Se fechados os Ceos (diz o Senhor ) não destillarem os seus orvalhos , e o povo convertido vier orar neste Templo , eu serei propicio aos seus rogos , e lhe concederei a chuva necessaria , e opportuna : *Si clausero Coelum , et pluvia non fluxerit , et conversus populus oraverit ad Sanctuarium istud , ego exaudiam , et propitius ero.* (1) Se vós obedecdes aos preceitos de Deos , dizia Moysés aos filhos de Israel , se vós obedecdes aos preceitos de Deos , o Senhor mandará a chuva á vossa terra : *Si obedieritis mandatis ejus ,*

---

(1) 2. Paralip. Cap. 6. v. 26.

*dabit pluviam terræ vestræ. (1)*

Depende pois de vós mesmos, Christãos, a vossa sorte. Tereis propicios os Ceos, as chuvas oportunas, e abundantes, se vos converterdes para Deos, e observardes os seus Santos mandamentos: *Si obedieritis . . . dabit pluviam terræ vestræ.* Mas se vós persistirdes na vossa impenitencia, continuando a offendello, o Senhor fará cahir sobre vós a esterilidade, e a fome, e formará para vós hum Ceo de bronze, e huma terra de ferro: *Quod si audire nolueritis vocem Domini, sit Coelum, sub quo es, æneum, et terra ferrea. (2)* Arrependei-vos pois, e convertei-vos para Deos; renunciái o peccado, abraçai a penitencia, santificai as vossas almas, voltaí para o vosso Deos, implorai as suas misericordias, e aplacai a sua justa vingança. *Cessai de obrar perversamente, e começai a obrar bem. (3)*

---

(1) Deut. Cap. 11. v. 14.

(2) Levit. Cap. 26. v. 19. Deut. Cap. 28. v. 23.

(3) Isai. Cap. 1. v. 16.

Soccorrei o pobre, o orfão, e a viúva indigente, e vinde depois pedir, e receber do Senhor com as suas bênçãos o beneficio da chuva, que desejais. Deixe o ímpio os seus caminhos errados, e o peccador as suas más cogitações, e converta-se para Deos, que terá compaixão d'elle, porque o Senhor he todo Misericordioso: *Deselinquat impius viam suam, et vir iniquus cogitationes suas, et convertatur ad Dominum, et miserebitur ejus, quia benignus, et misericors est.* (1)

Penetrados destes piedosos sentimentos pedi então a Deos a chuva, e vos será concedida. Ah! E quanto o Senhor he Misericordioso! Quanto he benigno, e amavel! Já principiou, (mil graças lhe sejam dadas) já principiou a soccorrer-nos com chuueiros; já os Ceos se mostram mais benignos, e liberaes nos seus orvalhos; já a terra começa a verdejar, como para animar a nossa esperança. Con-

---

(1) Isai. Cap. 55. v. 7.

fiar pois na providencia de Deos , que consummará, e aperfeiçoará a sua obra. Pedi-lhe com fé , e humildade a chuva , e o Senhor vo-la dará , diz o Profeta Zacharias : *Petite a Domino pluviam , et pluviam imbris dabit vobis.* (1) Mas he necessario pedilla com verdadeiros sentimentos de religião , e piedade para gloria do Senhor , para manifestação da sua beneficencia , e para tapar a boca blasphema dos ímpios , e dos incrédulos , que lhe querem disputar a providencia , a bondade , o poder , e vigilancia sobre nós.

Taes erão as razões , e os motivos , que Moysés allegava a Deos para que continuasse a favorecer aos Israelitas indóceis , e rebeldes. Perdoai , Senhor , lhe dizia elle na sua mais vida dor , e humiliação , perdoai , Senhor , e continuai a favorecer a este povo , que tirastes do captivoiro do Egypto , e diante de quem humilhas-tes tantas vezes os seus inimigos : lembrai-vos , Senhor , das promessas , que

---

(1) Zach. Cap. 10. v. 1.

fizestes aos seus pais de os introduzir na posse desta terra. Elles são ingratos, he verdade, aos vossos beneficios, mas entretanto são aquelles mesmos, a quem vós fostes servido escolher para possuirem esta habitação deliciosa, e para exterminarem della os infieis, que a possuíão. Que dirião agora os Egypcios, os Moabitas, Cananêos, e todos estes povos visinhos, se virem que vós os deixais perecer aqui sem piedade? Dirão que vós os não pudestes introduzir na terra, que lhes tinheis promettido, por isso os desamparastes, e deixastes morrer neste deserto: *Non poterat Dominus introducere eos in terram, quam pollicitus est eis; idcirco eduxit eos ut interficeret in solitudine.* (1) Continuai pois a proteger a estes ingratos, não tanto por amor delles, quanto por amor de vós, para que os seus inimigos não tomem daqui pretexto de blasfemar de vós na sua humiliação, dizendo impiamente: *Aonde está o seu Deus?*

---

(1) Deut. Cap. 9. v. 18.



*Nequando dicant gentes, ubi est Deus eorum? (1)*

Meu Deus, e Senhor Altissimo, valho-me da mesma allegação para reclamar a vossa clemencia, e piedade sobre nós: *Vós sois justo, Senhor, e rectos vossos juizos.* Nós somos réos, peccadores miseraveis, indignos de vossas graças, e merecedores mil vezes dos mais severos castigos. Mas assim mesmo ingratos, e peccadores, nós somos ainda o vosso povo: *Pecamos, Senhor, obramos mal, e commetemos mil maldades;* (2) mas assim mesmo peccadores, somos ainda aquelle povo sempre favorecido de vós, a quem fostes servido escolher para habitar este Paiz, e fazer invocar nelle o vosso Nome Santissimo. Aquelle povo por quem vos dignastes exterminar daqui aos infieis, inimigos da vossa Igreja. Aquelle povo em fim, que a pezar da sua ingratição, e de seus peccados, vos in-

---

(1) P. Ubi sup.

(2) Psalm. 105. v. 6. Dani. Cap. 9. v. 5.

voca, vos louva, vos adora, e vos reconhece por seu Deos. Que dirão agora os estrangeiros infiéis, se vós continuais a castigar-nos sem recurso? Ah! Senhor! Não só dirão, mas dizem já; aonde está o fruto, e o valor das Preces, das Missas, das Procissões, e penitencias dos Catholicos Romanos? Nós Protestantes Lutheranos, Calvinistas, gozamos da abundancia, e fartura naquelle bello continente; e elles Catholicos Papistas morrem na indigencia, e na miseria. Aonde está pois a sua esperança, e sua fé, a sua Igreja, o seu Deos? *Ubi est Deus eorum?* (1)

Ah Senhor! Vêde que as nossas calamidades se tornão armas contra vós; que fazem o triunfo da sua incredulidade: vêde, Senhor, que dizem já os incredulos, que em vós não ha providencia para nos mandar a chuva, que não he de vós, Senhor, de quem a devemos esperar, mas das Leis geraes da Natureza; que vós vos não intrometteis com o

---

(1) *Ibi supra.*

governo do Mundo ; mas que o tendes abandonado á fatalidade , ao acaso , ou ás causas segundas , e naturaes. Dizem , que *vós não cobris os Ceos de nuvens , nem preparais chuvas á terra , e que não dais as Leis á chuva , nem arbitrais a marcha das tempestades* , (1) por mais que grite em contrario Moysés , Zacharias , Job , David , os Profetas , e vós mesmo. Dizem finalmente os ímpios não só no seu coração , e nas suas obras , mas mesmo expressamente nas palavras : *Não ha Deos. Precipitai , Senhor , e dividi as suas linguas blasfemas. Dissipai estes conselhos dos ímpios* , (2) fazei emmudecer a impiedade. Abri em nosso favor o thesouro de agua viva , para que saciado o vosso povo cessem as murmuraciones dos ímpios : *Aperi thesaurum tuum , fontem aquæ vivæ , ut satiati cesset eorum murmuratio*. (3)

Se vós , Senhor , nos quereis cas-

---

(1) Psal. 146. v. 8.

(2) Psalm. 54. v. 10.

(3) Numer. Cap. 20. v. 6.

tigar com a seccura, nós nos conformamos com a vossa Santa vontade, e beijamos com resignação, e com amor a vossa Divina Mão, tão benéfica, e amavel, quando nos humilha, e castiga, como quando nos abençoa, e nos exalta. Mas a gloria do vosso Nome nos he infinitamente mais amavel, e preciosa do que a chuva, e todos os outros bens; isto he, Senhor, pela exaltação da vossa gloria, que nós supplicámos esta graça, e ao mesmo tempo para meios de nossa salvação.

Para este fim, Christãos, he que deveis pedir a Deos a chuva. Não para engrossar os vossos bens temporaes; não para tirar delles os meios para vosso luxo, e para a vossa vaidade, mas para meios de vossa sanctificação, e salvação. Para que reconhecidos aos beneficios de Deos, louveis a sua Divina providencia, e bondade. Taes erão as boas exhortações, que Moysés fazia aos Israelitas no deserto para lhes inspirar o reconhecimento, e amor ao seu Bemfeitor Di-

vino: Lembra-te, povo ingrato<sup>o</sup>, lhes dizia, que o Bom Deos, que te protege, vai introduzir-te em huma terra meliflua, regada de muitas fontes, e ribeiros, que a fazem muito deliciosa, e abundante, para que quando te tiveres saciado de suas frutas, reconheças a sua Divina protecção, e louves a sua beneficencia, e amor para comtigo: *Dominus introducet te in terram rivorum, et fluminum, ut cum satiatus fueris, benedicas Domino Deo tuo.* (1)

Não limiteis pois as vossas vistas, e os desejos da chuva, e dos mais bens temporaes á vossa commodidade, pondo nelles só o vosso fim, mas desejai-os, e pedi-os para servir, e louvar ao Senhor, e para merecer os bens Celestes pelo bom uso dos terrenos. Pedi-os para bendizer, e louvar ao vosso Pai Celestial, para fazer conhecer, e adorar a sua Divina Providencia; para sustentar honestamente a familia, e obrigações, de que estais encarregados. Para recurso em

---

(1) Deut. Cap. 8. v. 7.

fim da pobreza faminta, e desamparada. Pedindo com estas disposições, e sentimentos, estai bem persuadidos, que Deos vos concederá as chuvas opportunas, e saudaveis.

Sim, Meu Deos, nós acceitamos a convenção; e os nossos corações, já sensiveis aos gritos da pobreza, se declarão piedosamente em seu favor. Se até agora temos pedido a chuva para nossa pessoal utilidade; agora vo-la pedimos para remedio dos pobres, que padecem fome, para subsistencia dos meninos, que vos pedem o alimento, para sustento em fim de tantos necessitados, que perecem na indigencia, e na miseria. Nós nos confessamos indignos da graça, que vos pedimos, e merecedores de todos os flagellos da vossa justa vingança, porque peccamos contra vós; mas os justos, que vos louvão, os penitentes, que chorão, os meninos, que vós pedem pão, os orfãos desamparados, que não conhecem outro Pai, mais do que vós mesmo; os vossos pobres em fim, que perecem de fo-

me ; todos estes , Senhor , serão envolvidos na pena de nossos crimes ? E vós , Senhor Piedosissimo , que vos declarais Protector desta porção escolhida , mostrar-vos-heis insensível aos seus gemidos , e á sua indigencia ?

Aonde estão pois , Senhor , as vossas antigas misericordias ? Atendei , Justo Senhor , ás nossas preces , e compadecei-vos de nós. Porque nos escondeis a vossa face , e vos mostrais esquecido da nossa pobreza , e tribulação ? *Quare faciem tuam avertis , et oblivisceris inopiæ nostræ , et tribulationis nostræ ?* (1) Não vos lembreis mais dos nossos grandes delitos , apressai-vos a soccorrer-nos por vossa Misericordia. Ajudai-nos , Bom Senhor , Salvador nosso , sede propicio aos nossos rogos , pelos merecimentos de vossa Mãe adoravel , pelas orações dos justos , pela gloria , e exaltação do vosso **NOME SANTISSIMO**: *Propitius esto peccatis nostris propter nomen suum...* (2) &c. &c. &c.

Tom. VI.

P

---

(1) Psalm. 33. v. 24. (2) Ps. 70. v. 9.

esto peccatis vestris propter misericordiam

**NOME SANTISSIMO: Propitius**

deus, et exaltatio deorum

adorabilis, et iustitia deorum

peccatis misericordiam deus

sed propter misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum

deus, et misericordiam deorum



## I N D I C E

Dos Sermões, que se contém nestes  
seis Tomos.

## TOMO I.

**S**ermão em Acção de Graças  
pelo Nascimento da Serenissima  
Princesa da Beira.

Sermão da Dedicacão da Capella,  
e Hospital de S. Lazaro.

Sermão da Dedicacão da Igreja de  
N. Senhora da Palma dos Agosti-  
nhos Descalços da Bahia.

Sermão de Santo Agostinho.

Sermão do primeiro dia de Quaren-  
ta horas.

Sermão do SS. Sacramento.

Sermão do Senhor dos Afflictos.

Sermão de Cinza, prégado na Real  
Capella de Quéluz.

Homilia sobre as palavras da Ora-  
ção do Pater noster.

Homilia sobre as palavras da Ora-  
ção da Ave Maria.

Homilia sobre as palavras do Can-  
tico Magnificat.

## TOMO II.

- Sermão em Acção de Graças pelo Nascimento do Serenissimo Infante o Senhor D. Pedro.
- Sermão de Nossa Senhora da Conceição.
- Sermão de N. Senhora da Purificação na Capella da Universidade.
- Sermão de N. Senhora do Livramento sobre a verdadeira, e falsa liberdade.
- Sermão de N. Senhora da Penha, na sua Igreja dos Padres Capuchinhos Italianos.
- Sermão de N. Senhora da Boa-morte.
- Sermão de N. Senhora da Nazareth.
- Sermão de N. Senhora da Saude, e Gloria.
- Sermão na Profissão de duas Religiosas.
- Sermão de Missa Nova.
- Oração fúnebre nas Exequias do Senhor Rei D. José I.

## TOMO III.

- Sermão de Santo Antonio.  
 Sermão de S. Bento.  
 Sermão de S. Domingos.  
 Sermão de S. Francisco de Assis.  
 Sermão de Santo Elias.  
 Sermão de S. Miguel.  
 Sermão de S. Lourenço.  
 Sermão de Santa Rita.  
 Sermão de Santa Rita.  
 Sermão de Santa Anna.  
 Sermão de Santa Catharina de Se-  
 na.

## TOMO IV.

- Sermão do Coração de Jesus.  
 Sermão das quarenta horas.  
 Sermão do S. Sacramento.  
 Sermão da Festa das Dores de N.  
 Senhora.  
 Sermão da Resurreicção de N. Se-  
 nhor Jesu Christo.  
 Sermão do S. Sacramento.  
 Sermão das Lagrimas de N. Senhora.

*Sermão do SS. Sacramento.*

*Sermão das Almas.*

*Sermão dos Passos de N. Senhor  
Jesu Christo.*

*Sermão do Calvario.*

### TOMO V.

*Sermão do Salvador.*

*Sermão da Degolação do Baptista.*

*Sermão do Patrocinio de S. José.*

*Sermão de Nossa Senhora da Penha.*

*Sermão dos Desvelos das Santas  
Marias do Sepulchro.*

*Sermão do Senhor da Cruz.*

*Sermão da Trasladação dos ossos  
do Cemiterio.*

*Oração em Acção de Graças.*

*Oração fúnebre nas Exequias do  
Excellentissimo, e Reverendissi-  
mo Senhor D. Fr. Antonio Correa  
Arcebispo da Bahia.*

### TOMO VI.

*Sermão do Domingo do Carna-  
val,*

Pag. 5.

Indice. 131

I. Discurso Moral sobre o conhecimento de Deos ,	28.
II. Discurso Moral sobre as perfeições, e attributos de Deos ,	51.
III. Discurso Moral sobre o serviço de Deos ,	71.
IV. Discurso Moral sobre o amor de Deos ,	95.
V. Discurso Moral sobre o culto de Deos ,	112.
VI. Discurso Moral sobre a gloria de Deos ,	149.
Homilia da Paixão de N. S. Jesu Christo ,	179.
Sermão de Preces por chuva.	207.

F I M.

I. Discurso Moral sobre o conhecimento de Deus, 38.

II. Discurso Moral sobre as perfeições, e attribuições de Deus, 51.

III. Discurso Moral sobre o serviço de Deus, 71.

IV. Discurso Moral sobre o amor de Deus, 92.

V. Discurso Moral sobre o culto de Deus, 112.

VI. Discurso Moral sobre a gloria de Deus, 142.

Homenagem da Paixão de N. S. 179.

Jesus Christo, 179.

Zeremias de Preces por chorar, 207.

F I M.

IV O M O

Deus de Domingo de Lacerda

Vol. 1.



305





